FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 28 DE JULHO DE 1966

ANO 46.º — NÚMERO 15665

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: DIBOA — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ

«Rebelião» de Soekarno

O presidente indonésio desmentiu que tenha transferido a sua autoridade para Suharto

DJAKARTA, 28. — (R.). — O presidente Soekarno declarou hoje, furiosamente, durante um discurso, depois da tomada de posse do novo Governo, que era ainda o primeiro-ministro da Indonésia, não tinha cedido poderes ao general Suharto e que o conflito contra a Federação da Malásia continuaria.

Soekarno afirmou também que, ao abrigo da Constituição, o presidente acumulava o cargo de primeiro-ministro.

Na segunda-feira passada, o general Suharto, ao anunciar o novo Governo de 29 ministros afirmou que tinha sido abolido o cargo de primeiro-ministro.

A medida que aumentavam as críticas ao novo Governo, as tropas armadas de metralhadoras e baioneta bloquearam todas as ruas que vão dar ao Palácio Merdeka, do presidente.

O tenente-general Suharto ascendeu ao posto de general. Esta promoção foi efectuada quando o cerco das forças de segurança se ia estreitando em volta do palácio. Da mesma forma, Soekarno promoveu a postos superiores todos os chefes das Forças Armadas.

De uma forma desabrida, Soekarno desmentiu que tivesse havido uma transferência de autoridade para o general Suharto, que co-

(Continua na 8.ª página)

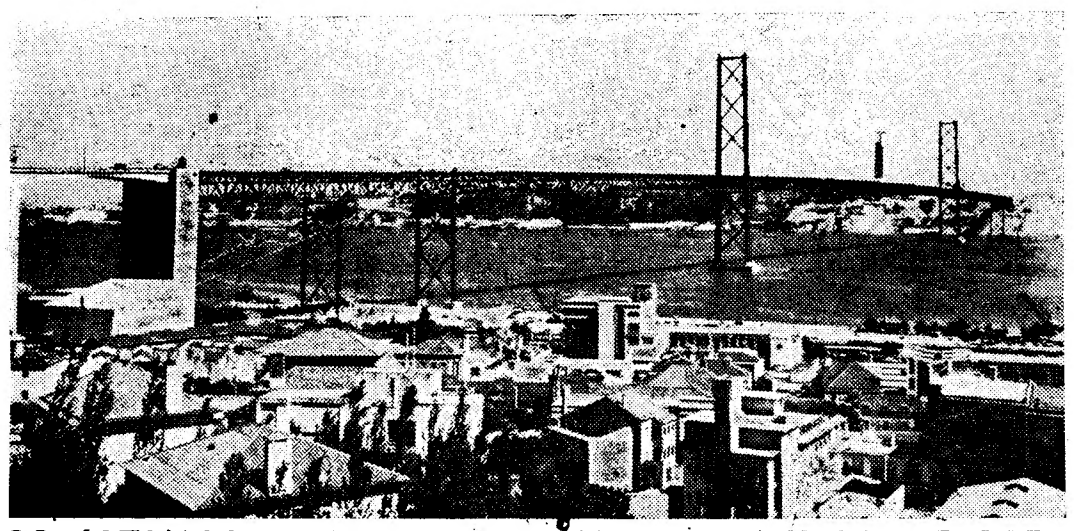
IAN PAISLEY, o sacerdote protestante cuja prisão suscitou manifestações de partidários seus, em Belfast, capital da Irlanda do Norte. A Polícia interveio e carregou sobre a multidão, em novos incidentes no conflito entre protestantes e católicos que se tem agravado naquele território britânico

Nota do dia

POLÍTICA E DESPORTO

O desafio de futebol que hoje coloca, pela primeira vez, uma selecção portuguesa em frente de uma selecção russa — perdoem-nos a insistência no tema, que aliás constitui o assunto obrigatório de todas as conversas e sugere os mais apaixonados comentários em todas as latitudes do orbe terráqueo — põe de novo o problema, não apenas das relações desportivas, porque esse está largamente superado, mas do restabelecimento das relações diplomáticas normais entre países que, oficialmente, continuam a ignorar-se. Em Espanha, que recebeu da União Soviética agravos que outros países estão longe de ter recebido, mau grado o antagonismo de ideologias inconciliáveis, o tema debateu-se recentemente na Imprensa com espírito desportivo, e não são poucos aqueles que defendem, sem atraiçoar os princípios, um reatamento de relações oficiais que as realidades do nosso tempo, sobretudo as realidades económicas, não deixam de aconselhar. Argumenta-se, e com razão, que não são as afinidades políticas que condicionam as relações diplomáticas entre os diferentes países, mas sim o interesse que todos os povos têm de conviver e negociar sem prejuízo dos ideais que cada um defende e com a devida salvaguarda que os ponha a coberto de infiltrações indesejáveis através do numeroso pessoal das embaixadas, cuja actividade é de molde, em alguns casos, a levantar suspeitas. Até porque mais fàcilmente se podem evitar perigos dessa natureza quando os Governos tenham a possibilidade de se entender e de tratar directamente os diferendos que possam dividi-los. Não vemos, portanto, razão para que, noutros países, em condições idênticas, não se comece a pensar na revisão de um problema que precisa de ser resolvido tendo em conta as realidades a que têm de submeter-se hoje em dia as relações entre os povos.

Lisboa ligada à Outra Banda



OS ÚLTIMOS DEZ DIAS DE UMA GIGANTESCA TAREFA

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL — 36

O Direito de Família

continuou a ser discutido na Ordem dos Advogados

Ontem, na Ordem dos Advogados, efectuou-se a ultima sessão de estudos dedicada ao divórcio, separação e anulação do casamento — e que foi também a ultima deste ano judicial (se assim se lhe pode chamar), pois as sessões se interrompem nos meses de Agosto e Setembro, para recomeçarem no princípio de Outubro, na altura em que voltam a abrir os tribunais.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Francisco de Sousa Tavares que respondeu, inicialmente, a duas observações que lhe tinham sido feitas. Em relação a uma, do sr. dr. Humberto Lopes, defendeu e demonstrou a *ortodoxia*, dentro dos princípios da igreja universal, da sua posição — embora ela talvez não tenha a aprovação clara e imediata de muitos católicos portugueses. A posição *integrista* da Igreja

(Continua na página seguinte)

A valiosa actividade

da Fundação Gulbenkian documenta-se no relatório sobre as contas de 1965

Torna público a Fundação Calouste Gulbenkian, com a pontualidade e clarificadora pormenorização que lhe são peculiares, o «Relatório e Parecer da Comissão Revisora de Contas», correspondente ao ano transacto, o nono desde a criação da prestigiosa instituição em 1956.

Exprimem-se através do impor-

(Continua na página central)

VISADO PELA CENSURA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

A HORA DO PÂNICO

As sugestões que o chefe do Governo francês levou ao seu colega britânico foram recebidas com optimismo manifestamente deslocado. Não há muito tempo, Harold Wilson manifestava uma confiança que denunciava o propósito de iludir as realidades averiguadas ou o desconhecimento dos perigos da situação económica e dos seus reflexos financeiros. As suas alusões públicas aos pessimistas, aos especuladores e aos derrotistas eram sintomas de incompreensão ou de ignorância? A sua visita superflua a Moscovo adensou na Grã-Bretanha um ambiente carregado de dúvidas. Qual foi o verdadeiro objecto dessa missão? Procurava ele apaziguar a ala esquerda do seu partido ou tentava uma diversão cujo resultado era de antemão conhecido? Durante a sua curta ausência os acontecimentos precipitaram-se até roçar pelo pânico. Na Bolsa registaram-se baixas de valores, alguns dos quais perderam num dia (sexta-feira) três xelins. Numa semana, a corrida para a baixa acarretou prejuízos de centenas de milhões de libras (um bilião e novecentos milhões). Urgia agir com rapidez, e no regresso da sua viagem o primeiro-ministro passou à acção.

Realizaram-se sucessivos conselhos de ministros, que decorreram num ambiente dramático. O ministro dos Assuntos Económicos, Brown, anunciou que se demitia, e o mesmo quiseram fazer alguns colegas no seguimento da demissão de Cousins, representante no gabinete das Trade-Unions. O primeiro-ministro, que uma semana antes anunciara que não recorreria a novas medidas deflacionistas, tornou-se alvo de críticas aceradas de todos os sectores. Das fileiras conservadoras à gente da «Tribune», todos aproveitaram a oportunidade para o atacar. O oportunismo, em que se revelara mestre, não dera o resultado que esperava.

36 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

O «VOO DE AMIZADE» CONTINUARÁ

Os convidados brasileiros da TAP no voo inaugural da carreira de jacto Rio de Janeiro-Lisboa foram ontem á tarde ao Palácio Nacional de Belém onde o sr. Presidente da Republica e esposa lhes ofereceram uma merenda a que assistiram diversas personalidades da Embaixada do Brasil, do funcionalismo português e de outros sectores. À noite, a TAP obsequiou os convidados brasileiros. No salão do Hotel do Estoril-Sol se reuniram mais de uma centena de convidados dos meios industriais, oficiais e culturais dos dois países. Da TAP os srs eng.º Vaz Pinto, comandante Soares de Melo, eng.º Mendes Barbosa e Luiz Forjaz Trigueiros, além de diversos funcionários. Na troca de saudações em que falaram o presidente do conselho de administração da TAP, o senador Roberto Marinho e o sr. Nestor Serra, o eng.º Vaz Pinto disse serem precisos factos e não palavras e nas relações luso-brasileiras teria de se entrar no domínio dos factos porque de palavras já tínhamos bastante. Uma coisa é positiva qual é a amizade luso-brasileira. E depois: «Verifica-se certa impaciência e salienta-se a necessidade de entrar no campo das realizações. Começou a iniciativa brasileira pelo «Voo da Amizade» que representa a primeira realização concreta das relações luso-brasileiras, regime unico em todo o Mundo, que acabou por ser aceite e ainda hoje se mantém. A cooperação aeronáutica luso-brasileira principiou aí e aí permanece.» A propósito do «Voo da Amizade», referiu-se, depois, ao facto de ter aparecido num jornal brasileiro a notícia de que ele ia acabar. Esclareceu, todavia, que, por enquanto nada se podia dizer nesse sentido, embora, com o progresso da técnica do voo a jacto se torne mais económica esta modalidade. E ainda: É possível, pois, que num futuro próximo o voo a hélice para o Brasil acabe — sublinhou o eng. Vaz Pinto —, após o que disse: «O problema do «Voo da Amizade» está a ser estudado pela TAP e espera-se que seja possível consolidar a questão, conquanto se tenha de contar com determinados condicionalismos internacionais. Por outro lado, supõe-se que tudo se poderá fazer em aspectos de rentabilidade económica. Para a solução do caso é indispensável aplicar-se o ideal da amizade luso-brasileira. Tudo o que hoje se escreva acerca deste problema é, contudo, bastante prematuro. O nosso objectivo é consolidar as necessidades do tráfego de um e de outro serviço, integrando, assim, no espírito dos jactos existentes o alto significado do «Voo da Amizade».

DR. ADRIANO MOREIRA

A convite do Centro Latino-Americano de Pesquisas Sociais, partiu, ontem, para o Brasil o prof. Adriano Moreira, que ali vai proferir cinco conferências. Disse no aeroporto: «O Centro Latino-Americano é constituído por 20 Republicas latino-americanas, e o trabalho a que se vai proceder é basicamente o de estabelecer um plano de investigações de valores lusíadas no continente americano».

FATALIDADE

Andava á caça o sr. José Correia, de 44 anos, morador em Vila Real de Santo António. Caiu á água e ficou preso nos barros e nos limos e algas. Os companheiros estenderam espingardas, mas não saiu o companheiro. Chamaram os bombeiros de Vila Real de Santo António, que o retiraram da água, ao que parece ainda com vida. Mas julgaram-no morto e ali o deixaram á espera que viesse o delegado de Saude. Para ali deve ter morrido, deixando mulher e três filhos pequenos.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. ministro da Educação Nacional, prof. dr. Galvão Teles, a actriz sr.ª D. Mariana Rey Monteiro, o cenógrafo Lucien Donnat e o actor Varela Silva.

OS PORTUGUESES DO CONGO

O sr. Presidente da Republica recebeu, ontem, em audiência especial, no Palácio Nacional de Belém, os componentes da colónia portuguesa na Republica do Congo ex-belga, que vieram para assistir ás comemorações dos 40 anos do Estado Novo e para a inauguração da ponte sobre o Tejo. Trocaram-se saudações, tendo falado pelos visitantes o sr. dr. António José Xara Brasil Nogueira.

OS VENCIMENTOS DOS FERROVIÁRIOS

O sr. ministro das Comunicações recebeu no seu gabinete a direcção da União dos Sindicatos dos Ferroviários, que lhe expuseram a situação em que se debate a classe, tendo-lhes o ministro acentuado que, como na grande maioria dos países da Europa, a nossa exploração ferroviária é deficitária e que só á custa de subsídios do Estado se conseguia o indispensável equilíbrio. Assim, qualquer reajustamento das remunerações do pessoal, como encargo adicional, terá de ser suportado integralmente pelo Estado. Nesta ordem de ideias, a solução a adoptar terá de ser paralela á recentemente adoptada pelo Estado para os seus funcionários. Estão a estudar-se várias modalidades de revisão dos vencimentos dos ferroviários, devendo a que for escolhida ser anunciada em breve e esperando-se que a sua aplicação não se torne demorada. O ministro Carlos Ribeiro disse ainda que uma solução definitiva só se conseguiria com a total reestruturação da empresa, aliás, já iniciada e cujos resultados se tornarão sensíveis nos próximos anos.

A Ordem dos Advogados pediu a prorrogação

do prazo de quatro meses para a discussão do projecto

(Continuação da página anterior)

foi sempre minoritária ao longo do Concílio, embora talvez o não seja ainda em Portugal. Notou que tem sido — como outros intervenientes — obrigado a falar de teologia porque o projecto parece obedecer a intenções vagamente proselitistas, que não aceita.

● O casamento não tem um só, mas diversos fins primários — defendeu o dr. Francisco de Sousa Tavares

Em relação á segunda observação, do sr. dr. Teixeira da Mota, acerca da definição que do casamento dá o art.º 1577.º, afirmou que as citações feitas por aquele seu colega foram isoladas no texto e no contexto — pois de todo o esquema XIII da declaração Conciliar dimana que o casamento não tem um fim unico ou primário — como se consagra no art.º 1577.º — mas diversos fins primários. Aliás, essa posição era já aceite por alguns dos mais importantes teólogos modernos, como Congar, Shillebenk, Unbac, Chenu e Teilhard de Chardin, cujo pensamento a este respeito expôs.

Entrando depois no capítulo do divórcio, o sr. dr. Sousa Tavares notou que nem todas as pessoas parecia terem entendido algumas das suas afirmações anteriores, que esclareceu devidamente. Como católico não admitia o divórcio para os casamentos católicos, mas admiti-o para os civis. E não aceitava as posições dos srs. drs. José Magalhães Godinho e Artur Cunha Leal ao considerarem inconstitucional a Concordata — pois não julgava ser inconstitucional criar duas espécies de casamento, uma vez que é dada a cada pessoa escolher a forma de casamento que desejar.

● Um princípio perigoso

Manifestou a opinião de que a adopção de um princípio como o da Concordata se revelava, porém, entre nós muito perigoso pelas razões que já tinha aduzido nas suas intervenções anteriores, pelo que, na conjuntura concreta não concordava com ela, pelo facto de as condições sociológicas não a aconselharem. Em abono deste ponto de vista deu vários dados, inclusive estatísticos — tirados de documentos do Patriarcado — comparando o numero de pessoas que se casaram católicamente com o daqueles que frequentam com regularidade os sacramentos.

● ...e outro mais perigoso ainda

Apreciando o «impedimento de ordens maiores ou votos solenes» o sr. dr. Sousa Tavares apoiou inteiramente as críticas justas e perfeitamente fundadas e justificadas que no nosso jornal lhe fez o cónego dr. Urbano Duarte, afirmando tratar-se de uma verdadeira intromissão do legislador num assunto com que nada tem a ver. E querer defendê-lo, como já se fez, com base em que o Estado tem obrigação de defender o direito da Igreja como se tratasse do direito de um país estrangeiro, é uma mistificação jurídica — e foi esse princípio precisamente que justificou a Inquisição: «o braço secular do Estado ao serviço da Igreja».

● Poder paternal: deviam ser aumentados os direitos da mulher

No que toca a considerar-se o marido como chefe de família, embora o princípio seja verdadeiro, é também na sua literalidade altamente perigoso. E — continuou — não se pode conceber que seja ele a decidir em quase todos os actos da vida conjugal. É nos art. 1879.º e 1880.º, que tratam do poder paternal, que a ideia se enuncia com todos os seus inconvenientes: a lei dá ao marido, práticamente, todo o conteúdo do poder paternal — a mulher só tem direito a ser *ouvida*. E em que se analisa, *jurídicamente*, o direito a ser ouvida?

O sr. dr. Francisco de Sousa Tavares considerou ainda perigoso, por que vago, o art. 1675.º (direito da mulher ao nome do marido), que poderá, assim, conduzir a situações escandalosas (n.º 2 do mesmo artigo). Quanto ao art. 1676.º, considerou-o contraditório quanto á parte final do seu n.º 1, com a orientação do projecto. Enfim, criticou a norma que torna necessária a autorização do cônjuge separado para permitir a perfilhação de um filho ilegítimo pelo outro cônjuge (crítica em relação á qual — acrescentou, depois, o sr. dr. José Hermano Saraiva — lhe parecia haver uma verdadeira unanimidade).

● O casamento civil foi uma conquista histórica — afirmou o dr. Joaquim Costa

Usou, depois, da palavra o sr. dr. Joaquim Pereira da Costa, que disse admirar-se um pouco por algumas pessoas terem ficado muito chocadas, espantadas até, com múltiplas disposições do projecto na parte do Direito de Família. Por esse lado, afirmou não ter ficado surpreendido sequer, pois o projecto vem apenas culminar um processo iniciado há algumas décadas, processo com que se pretende pôr á prova, e combater, o casamento civil.

Acentuou, entretanto, que o casamento civil tinha sido uma conquista histórica, e falou da legislação republicana e do progresso que ela representou, inclusive como reacção contra o tradicional *marialvismo*, e dando uma nova independência e dignidade á mulher. Reportando-se de novo áquele processo de desvalorização (pelo menos) do casamento civil, referiu-se, como peça importante dele, ao Código do Registo Civil de 1958, que lhe tirou, com intenção deliberada, toda a solenidade. E criticou também a disposição deste Código de acordo com o qual os nomes que se põem ás crianças têm de estar ligados á tradição católica — lembrando ainda, a propósito do mesmo diploma legal, um *incidente* ocorrido por lhe terem sido feitos alguns reparos perfeitamente justos.

Para terminar, depois de várias outras considerações, o sr. dr. Joaquim Costa salientou alguns aspectos dos mais positivos do projecto, nomeadamente o que se refere ao direito internacional privado, em que se consagram as melhores e mais modernas correntes num, sob todos os pontos de vista, magnífico articulado.

● Esteve presente e falou o prof. dr. Nelson Carneiro, presidente da Comissão Revisora do Código Civil Brasileiro

Falaram, depois, os srs. drs. Fernando Tavares de Carvalho e José Carlos de Vasconcelos — cujas intervenções, pela sua extensão, só poderemos relatar amanhã.

Pouco antes do final da sessão, entrou na sala o sr. dr. Nelson Carneiro, professor da Faculdade de Direito da Universidade da Baía e presidente da Comissão Revisora do Código Civil Brasileiro, que foi convidado pelo bastonário da Ordem, sr. dr. Pedro Pitta, a tomar lugar na mesa da presidência.

Advogado há 34 anos, tendo sido durante dez anos membro do Conselho Federal da Ordem dos Advogados, e ocupado, entre outros cargos públicos, o de deputado federal pela Baía (1947-55) e pela Guanabara (1959-67), actual vice-líder do Movimento Democrático Brasileiro (M. D. B.), além de redactor do «Jornal do Brasil», o sr. dr. Nelson Carneiro encerrou a série de intervenções, com um testemunho a todos os títulos interessante e significativo.

O sr. prof. dr. Nelson Carneiro começou por dizer que tinha tido conhecimento das sessões de estudo e discussão do projecto na Ordem dos Advogados através do «Diário de Lisboa» e que não tinha querido deixar de estar presente, para aprender e, também, para trazer o seu depoimento. Anunciou que o Presidente da República do Brasil, sob pressão das correntes mais conservadoras do pensamento, tinha retirado das câmaras o seu projecto, já aprovado pela Comissão Revisora de que é presidente, mas que, nesta sua qualidade, tencionava reapresentá-lo novamente.

● «Somos hoje um povo à procura de uma solução»

Fez um breve historial do que tem sido a luta e a evolução no Brasil, neste campo da legislação, e acentuou como, por uma curiosa circunstância, era comum a solução proposta pelo sr. dr. Tavares de Carvalho com a que tinha sido adoptada, e se pretendia fazer triunfar, no projecto brasileiro. Afirmou ainda que se fosse possível fazer um plebiscito entre as pessoas lucidas, já hoje 80 % votariam a favor dela. «Somos hoje um povo á procura de uma solução» — salientou.

Em seguida, o sr. prof. dr. Nelson Carneiro dissertou sobre o grave problema social que advém da proliferação das famílias ilegítimas, em consequência do divórcio não ser admitido, e forneceu dados sobre a protecção legal que já é concedida a essas mesmas ligações ilegítimas — numa louvável atitude para procurar dar uma solução humana ao problema. Aliás, realçou, «os *desquitados* no Brasil são já uma instituição»; e, a prová-lo, contou um curioso episódio da sua vida profissional.

O distinto jurisconsulto do país irmão fez depois a defesa do divórcio por mútuo consentimento, apresentando inteligentes e perspicazes argumentos nesse sentido, e disse nunca se esquecer do que aconteceu com a lei seca nos Estados Unidos. Os filhos viam os pais fabricar clandestinamente bebida, sem serem punidos, e crescia neles a convicção de que podiam ferir a lei sem serem castigados. Por isso o legislador decidiu revogá-la. Com o casamento, a proibição do divórcio e as ligações ilegítimas, notou, acontece mais ou menos o mesmo.

O deputado sr. prof. dr. Nelson Carneiro terminou por agradecer a oportunidade que lhe tinha sido dada — e através da qual se certificou do interesse que aqui, como no Brasil, este problema desperta — frisando como os trabalhos da Ordem dos Advogados portugueses eram — e seriam — uteis para eles, brasileiros, e fazendo uma derradeira afirmação de amizade e fraternidade luso-brasileira.

O bastonário, sr. dr. Pedro Pitta, antes de dar por encerrada a sessão, saudou o prof. dr. Nelson Carneiro e anunciou que a Ordem dos Advogados tinha pedido ao ministro da Justiça a prorrogação do prazo de quatro meses inicialmente concedido para a discussão do projecto do novo Código Civil — prorrogação, aliás, que de todos os sectores se solicita como absolutamente justa e necessária.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO

Comunicamos aos nossos consumidores que, por motivo de férias do nosso pessoal, não se procederá à leitura normal dos contadores durante o mês de Agosto.

Ora diga-nos...

• O seu filho teve bom aproveitamento escolar?

● *A sr.ª D. Maria da Nazaré Pereira Gonçalves, dona de casa, estava acompanhada de sua filha Maria Fernanda. Esta tem 15 anos e um palmo de cara bonito Quando se falou em aproveitamento escolar o sorriso da Maria Fernanda fez-se embaraçado... Razão? Reprovou em quatro cadeiras do 5.º ano do Curso de Comércio:*

— E' o ultimo ano — diz-nos a mãe — e embora eu já esperasse este desfecho, que se preparava há muito tempo, não se pode dizer que fosse bom aproveitamento escolar. Longe disso.

— Nunca tive explicadores, nunca paguei propinas, foi tudo sempre fácil até agora — desculpou-se a Maria Fernanda.

— Pois é — continuou a mãe. — De dez cadeiras só fez seis. Reprovou a Mercadorias, Inglês, Francês e Contabilidade.

— E falta saber o resultado da Técnica de Vendas — lembrou a Maria Fernanda.

— E' verdade. Imagine o senhor que a minha filha está aqui com uma birra, não quer ir á Escola ver as pautas!

● *O segundo entrevistado foi também uma senhora, D. Branca dos Prazeres Correia. Contou-nos o seguinte:*

— O meu filho passou no exame do 7.º ano. Andava no Liceu Pedro Nunes, ao pé do Maria Amália ou ali para aqueles sítios. Mas não vive comigo. Está em casa da avó, que é quem lhe pagou os estudos. Para que hei-de mentir? Vejo-o raramente. E' um rapaz espertíssimo. Agora dizem-me que abandonou os estudos e se empregou na Ribeira. Não sei porquê. Ralações...

● *Por ultimo o sr. José de Sousa, Jr., comerciante, recebeu o repórter com extrema gentileza. Estava orgulhoso — o filho passara com média de 14 valores para o 7.º ano:*

— Frequenta o Colégio Militar. Já no ano passado andou muito bem: 14,2 de média geral na maratona do 5.º ano. Desta vez fraquejou um pouco em duas disciplinas, mas lá se aguentou e manteve a média. Quer seguir a vida militar e frequentar ao mesmo tempo a Faculdade de Direito. Coragem tem ele!

«MOTOR»

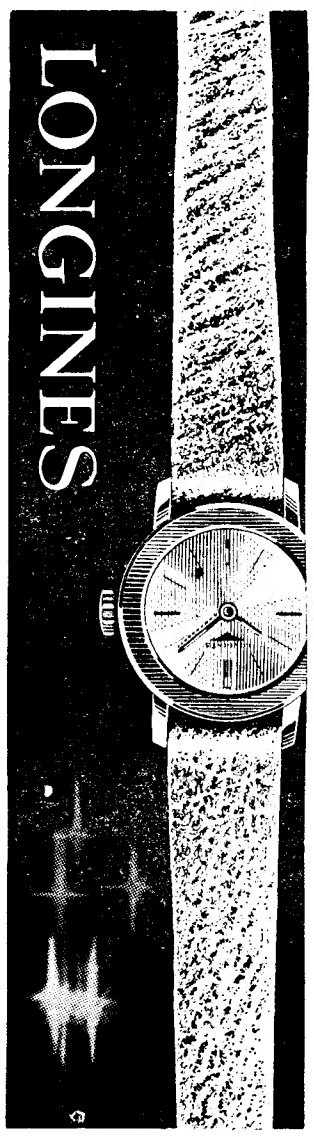
Saiu mais um numero do semanário «Motor» que, como habitualmente, vem recheado de assuntos da maior actualidade e interesse, no que se refere a automobilismo, nomeadamente acerca do Circuito de Cascais.

Entre outros assuntos, destacamos «Competição de máquinas e pilotos, como nunca acontecera no Circuito de Cascais», por Bandeira de Lima; «O grande problema mecanico foi de Uren, de resto as máquinas «responderam» aos condutores», artigo de Baptista dos Santos; «Saber receber é bem mais do que «pagar» e dar um «cocktail», por J. Filipe Nogueira; um artigo de Henrique de Sá Nogueira sobre John Miles e muitos outros comentários e noticiário sobre a importante competição

«Motor», profusamente ilustrado, insere ainda um exclusivo sensacional sobre o Grande Prémio dos Países Baixos e todas as suas habituais secções e curiosidades, o que dá a este numero — o 140 — particular interesse.

Utilidade turística

Foi decretado de utilidade turística prévia o Hotel de Turismo de Braga, que a firma Azevedo Campos, Irmãos, Lda. pretende levar a efeito em Braga. Para ultimação dos trabalhos, foi considerado necessário um período de dois anos.



Diario de Lisboa

COIMBRA

Tem aumentado o número de alunos do Curso de Férias da Faculdade de Letras

Embora decorrendo já em terceira semana os trabalhos do XLII Curso de Férias da Faculdade de Letras, tem aumentado o numero de inscrições de alunos que ontem, ficou em 132, de 18 países assim representados: Inglaterra, 36; Holanda, 10; Brasil, 7; Alemanha, 18; Estados Unidos da América do Norte, 8; França, 22; Japão, 3; Itália, 7; Suíça, 5; Irlanda, 2; Portugal (uma aluna que vive, desde pequena, na América), 1; Espanha, 1; Equador, 2; País de Gales, 3; Escócia, 1; Canadá 2; e Checoslováquia, 1.

As aulas prosseguiram hoje com lições dadas pelos srs. prof. dr. Paiva Boléo, sobre «Características da Língua Portuguesa Contemporanea»; prof. dr. Costa Pimpão, «Gil Vicente e o seu Teatro»; prof. dr. Valter de Medeiros, «Língua Portuguesa»; dr. Louro da Fonseca, «Leituras Comentadas—I»; dr.ª D. Ofélia Milheiro Caldas, «Leituras Comentadas — II; prof. dr. Costa Ramalho, «Sintaxe e Composição»; dr. Vítor Aguiar e Silva, «Conversação»; dr. Armando de Lacerda, «Fonética Portuguesa»; prof. dr. Salvador Dias Arnaut, «Curso Geral de História de Portugal», e prof. Luís Reis Santos, «Arte Portuguesa».

À noite, no Jardim da Manga, haverá mais um serão de convívio entre professores e alunos.

A reunião da Câmara Municipal

Na reunião da Camara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araujo Vieira, anunciou que ia ser aberto concurso para reparação do telhado da capela do cemitério da Conchada, iniciando-se assim várias obras de beneficiação que se tornam urgentes.

Foram ainda autorizados os pagamentos de vários autos de medição de trabalhos, em que avulta o de construção de um grupo de casas económicas junto do Bairro Marechal Carmona.

Doença súbita e fatal

Na estação rodoviária da Avenida Fernão de Magalhães foi acometido de doença súbita um indivíduo que viajara numa camioneta. Pedidos os socorros de urgência da P. S. P., logo compareceu uma ambulância que o transportou para os Hospitais da Universidade, onde chegou morto. Aparenta ter cerca de 55 anos, parece que se chamava Joaquim Pereira da Silva e residia na Boavista (Leiria), onde tomou a camioneta para esta cidade.

Exames no liceu D. João III

Amanhã, ás 9 horas, começam no liceu D João III as provas orais dos candidatos ao exame de admissão áquele estabelecimento de ensino e que ficaram aprovados nas provas escritas.

Clube de Cinema

Reuniu-se a assembleia geral do Clube de Cinema de Coimbra que aprovou o relatório e contas da gerência finda.

Espectáculos para hoje

AVENIDA — Às 21 e 30: Topkapi» (17 anos).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «007 — Contra Goldfinger» (17 anos).

Farmácias de serviço

MIRANDA — Praça do Comércio (Tel. 23261).

VIEGAS & COELHO — Rua da Sofia (Tel. 22080).

SANTA ISABEL — Avenida Sá da Bandeira (Tel. 24916).

SILVA SOARES — Rua Mouzinho de Albuquerque (T. 26554)

Encerrou-se a Exposição das Actividades dos Municípios do Distrito

Encerrou-se ontem para o público a Exposição das Actividades dos Municípios do Distrito, que esteve patente no pavilhão gimno-desportivo do Estádio Universitário, em Santa Clara. Hoje foi visitada pelos governadores civis do continente, que para isso vieram a esta cidade, a convite do chefe do distrito, sr. eng.º Horácio de Moura.

Licenciatura em Medicina

Com a defesa da tese e depois de terminado o estágio, concluiram as suas licenciaturas na Faculdade de Medicina os srs. drs. Amândio de Azevedo Robalo, Armando Montes, António, Arnaldo, João Rodrigues, Artur Ernesto Guerreiro Pires, Artur Luís Martins de Cutileiro Ferreira, David Madureira Rebelo, Dinís Jorge Gouveia da Cunha Leal, Gustavo Manuel Moniz Ferreira (16 valores), João Bernardo Carrendo Rebelo Pereira, Joaquim Luís da Silva Borges (17), José Leopoldo de Oliveira, José Miguel Cachuco Rodrigues (16), D. Judite de Lurdes Oliveira, D. Perpétua Maria Rosado Maia, Reinaldo Hermínio de Carvalho Vila Nova e Vítor Machado de Barros.

Representação portuguesa no VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros

Em Setembro decorrerá nas cidades de Boston e Nova York o VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, no qual tomam parte muitos lusófilos.

A representação portuguesa, da qual fazem parte diversos professores universitários, será chefiada pelo sr. prof. Armando Cortesão, da Universidade de Coimbra.

EM EXPOSIÇÃO

O NOVO MODELO DB6

COM MOTOR «VANTAGE» DE 325 B. H. P.

ASTON MARTIN

O AUTOMÓVEL DE GRANDE TURISMO MAIS RÁPIDO DO MUNDO

MOCAR, LDA. – AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A – LISBOA

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

TEATRO VILLARET

A farsa do momento

Continua a representar-se todas as noites, em duas sessões, após dois meses de êxito, a farsa onde o riso não se disfarça, «Quando é que tu casas com a minha mulher?», interpretada pela companhia de Raul Solnado. Encenada por Francisco Nicholson, é desempenhada por Raul Solnado, Maria Paula, Cortês, Isabel de Castro, Nicholson, Maria Laurent e Glória de Matos. Espectáculo de gargalhada, recomendado pelo Comité Internacional do Riso, é indicado para o publico disposto a passar duas alegres horas de boa disposição, no Teatro Villaret.

VARIEDADES

A comédia de Lozano

Depois de três meses de lotações esgotadas, no Monumental, passou para o cartaz do Variedades uma comédia de verdadeira sensação, que continua a alcançar o mais retumbante êxito. «A cidade não é para mim», tem magnífico desempenho de um categorizado elenco, de que fazem parte além de Ribeirinho no protagonista, Maria José, Yola, Manuela Maria, Catarina Avelar, Guida Maria, com Carlos Duarte, Rui Mendes, António Montez, Carlos Cabral, Vicente Galfo, e ainda Emílio Correia. Todas as noites, no Variedades, o publico pode ver esta comédia de Lozano, a preços populares, com balcão a 2$50. O êxito não para.

CAPITÓLIO

O regresso do jovem encenador Vasco Morgado Junior

Ainda está na memória do grande publico, a estreia, em teatro, de um pequeno actor de quatro anos de idade, que fez, nessa altura, as delícias da petizada, que acorria ao Monumental, para ver as peças «A História de uma Princesinha» e «Uma Aventura de Robin dos Bosques». Os anos passaram e Vasco Morgado Junior foi a Inglaterra, tirar um curso de encenação, dedicando-se depois ao Teatro. Em 1965, fez a sua estreia como assistente de Henrique Santana, no espectáculo «Paris-Hotel». O publico tributou-lhe os mais vivos aplausos, e, novamente, voltou a Inglaterra Pois agora vai surgir, como um dos intérpretes da comédia inglesa, na personagem de o filho do casal, precisàmente, Laura Alves e

(Continua na 6.ª página)

FESTAS E FESTIVAIS

ESTÃO a decorrer, na cidade de Veneza, o 18.º Festival do Filme para a Juventude e o 17.º Festival Internacional do Filme Documentário.

com CLIFFORD EVANS · NOEL WILLMAN · EDWARD DE SOUZA · JENNIFER DANIEL · BARRY WARREN

Argum. de JOHN ELDER · Realiz. de DON SHARP · Produç. de ANTHONY HINDS · UM FILME DA UNIVERSAL APRESENTADO PELA PARAMOUNT

AMANHÃ *Emocionante estreia no* EUROPA

NO
TEATRO VARIEDADES
T. 326037
RIBEIRINHO
no protagonista da comédia
A CIDADE NÃO É PARA MIM
PARA CONTINUAR A SUA TRIUNFAL CARREIRA
Um espectáculo de VASCO MORGADO
13.ª SEMANA DE ÊXITO

● 12 ANOS ●
BALCÃO POPULAR
2$50
HOJE, ÀS 21.45 H.
No elenco:
Maria José, Yola, Manuela Maria, Catarina Avelar, Guida Maria, com Carlos Duarte, Rui Mendes, António Montez, Carlos Cabral, Vicente Galfo e ainda Emílio Correia

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS
Telef. 280919
A Companhia do TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
em reposição sensacional, apresenta:
HOJE
E TODAS AS NOITES
MAR
de
MIGUEL TORGA
com
MIRITA CASIMIRO
(preços de Verão)

Um excl. RIVUS

ADULTOS

O GENIAL INTÉRPRETE DE JAMES BOND
Sean Connery
DOS BRAÇOS DE LINDAS MULHERES PARA A AVENTURA E O PERIGO!
NA LINHA DE FOGO ELE É INIGUALÁVEL; EM AVENTURAS GALANTES, SÓ ELE!
SEAN CONNERY em
ORDEM PARA AMAR
HOJE ÀS 21.45 h
EM SENSACIONAL ESTREIA NO AVIS

SILENCIOSOS E PORTA-BAGAGENS
Montagem rápida
Silenciosos para todas as marcas de carros e tubos de escape, temos em «stock» fazemos todos os modelos assim como para camions e tractores
VIANA & FILHOS, LDA.
Rua Actor Taborda, 20
Telef. 734688
(ao Saldanha)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
Tel. 53 85 86
o mais moderno e confortável de lisboa
ADULTOS
2 sessões às 21 horas e às 23 horas
BILHETES DESDE 15$00
UMA GARGALHADA PEGADA encenada por FRANCISCO NICHOLSON

COM AR REFRIGERADO E COM
RAUL SOLNADO — MARIA PAULA, CORTEZ, ISABEL DE CASTRO, NICHOLSON, MARIA LAURENT e GLÓRIA DE MATOS
O ÊXITO DE GARGALHADA, EM 2.º MÊS
QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

Programa da «Junta de Acção Social». Uma introdução á arte de comer. Regras da alimentação. Leite. Maneira moderna de ordenhar vacas. Perfeita.

• • •

Comunica-se que já não há a gravação da B. B. C. focando uma corrida de «Donas Elviras». Assim se terá perdido a grande atracção do programa.

• • •

Para substituir, o que havia de ser? Mas estava mesmo á vista: a grande Filarmónica de Viena — sempre a postos para as quebras.

• • •

E aí temos Schubert e a sua duplamente incompleta sinfonia. O som e a imagem á compita a ver qual consegue ser pior. Consta que Franz Schubert era homem de poucas falas. Mas, em situações como esta, quem sabe lá o que ele diria!

• • •

Eis que a Grande Filarmónica de Viena suspende bruscamente o recital. E' que havia que falar urgentemente de um sabonete com miraculosas propriedades nos domínios sovaqueiros. Ò Poesia! Ò Musica! Ò Arte! Como é estranho e irreal o nosso mundo!

• • •

Outra rubrica tapa-buracos são os desenhos animados. De subito, o filme pára, a história fica incompleta, não tem importancia, por lá já contam que ninguém esteja a ver.

• • •

Antes de «TV MUNDO», no cabo do programa de ontem, leu o seu apresentador uma importante declaração que, com a devida vénia, transcrevo:

«Só um espírito mal formado — ainda os há, infelizmente — poderá pensar que cada um de nós, na Televisão, trabalha sem ter permanentemente em conta o interesse dos que nos escutam e nos olham».

• • •

A' luz desta declaração, melhor se compreende a inclusão do programa de uma história filmada como a intitulada «Um jovem cavaleiro», «história dedicada á gente moça».

• • •

Entre uma cena tosca de camarata de colégio, e outra cena da mais acabada pirolusite (com florinhas e tudo) pôs-se uma larga fatia de toureio a cavalo. Não era uma história, era uma sanduiche.

• • •

«História dedicada á gente moça»? Houve, talvez, uma gralha deplorável. Para «gente mouca», é que devia ser.

Diz o «professor»:

— Sei que me chamam o «ferrabrás». Mas se não fosse assim, o que seria deste internato? Dominar uma escola de rapazes novos é mais difícil do que dominar uma horda de vândalos.

Aponta-se a frase á meditação dos pedagogos, na convicção de que assim concorro para o conhecimento de certas rapaziadas.

• • •

Outras frases da história filmada:

— «*Os rapazes sózinhos é difícil serem maus. Mas todos juntos...*»

— «*Os rapazes são mais espertos do que se julga. Pelo menos para o que não devem*».

— «*Um certo orgulho faz parte da nossa dignidade social*».

— «*Vamos dormir, que Deus nos dará a solução*».

• • •

«O jovem cavaleiro» reune todas as condições para ser intragável. Tem de tudo, e tudo mau. Desde o primarismo cinematográfico ao analfabetismo literário. No campo das imperfeições é uma obra perfeita.

• • •

A pedido de várias famílias, repetiu-se o espectáculo de Julie Andrews em «TV Mundo». A «reprise» justificava-se. Tudo correcto. Voz correcta, montagem correcta, sapateado correcto, a Julie sempre compostinha, também sempre muito correcta. Tudo em óptimas condições sanitárias, acabado de sair do frigorífico. Algumas canções já estão no ouvido — e isso ajuda muito. — *M. C.*

HOJE PODE VER...

● **Às 23 e 5: Variedades**

«Novas canções portuguesas», realização de Oliveira e Costa. Intérpretes para todos os gostos, desde os consagrados António Mourão e Mara Abrantes aos nomes menos conhecidos de Zelinda Isabel e Tónia Tonicha, passando por Artur Garcia, Cidália Meireles, Eugénia Maria, Gina Maria, João Maria Tudela e Toni de Matos. A orquestra é dirigida por Tavares Belo. Novas canções para o Verão — mas talvez alguma passe o exame com nota brilhante e se transforme núm «hit» da próxima época. A canção portuguesa está em crise. Dez cantores vão tentar dar-lhe uma ajuda.

SEAN CONNERY e Akiko Wakabayashi, a actriz japonesa que com ele contracena em mais um filme da série James Bond. A nova película, também baseada numa novela de Ian Fleming, chamar-se-á «You only live twice» (Só se vive duas vezes)

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 5.ª página)

Rui de Carvalho. Mais um artista vai surgir: Vasco Morgado Junior, que, além de intérprete, ainda será assistente de Manuel Santos Carvalho, a quem pertence a encenação desta famosa comédia de grande espectáculo.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«A última cavalgada em Santa Cruz», no Mundial

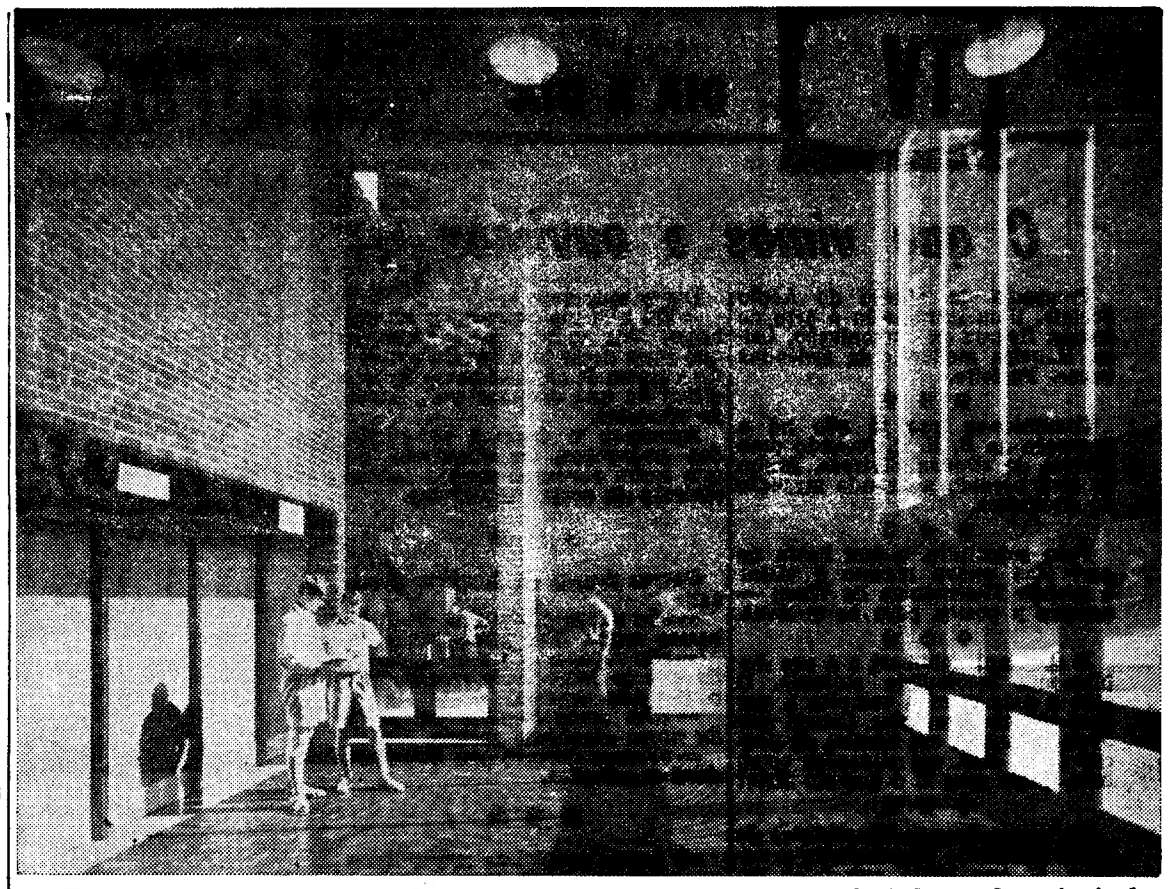
Se alguém ainda duvida da aceitação do «western» na Europa, aqui temos como exemplo o filme ontem estreado no Mundial, uma coprodução franco-alemã (!) realizada por Rolf Olsen sobre argumento de Alex Berg. O elenco é uma sábia mistura de talentos germânicos e anglo-saxões: Marianne Koch, Florian Kühne, Mário Adorf, Marisa Mell, Walter Giller e Edmund Purdom.

A aceitarmos como válido o folheto de propaganda disttribuído aos espectadores, o «western» constituiria «o mais sólido símbolo de Hollywood». Tal não é verdade. Género limitado, práticamente exausto, sem mais ambições que as decorrentes do espectáculo dinâmico, apelo subreptício á violência — eis como se lhe refere a crítica avisada. (Certas revistas francesas, porém, incensam-no até ao delírio).

«A última cavalgada em Santa Cruz» não se distingue do grosso da produção, senão talvez por uma economia de meios e processos que merece os devidos encómios. Lá estão as lutas quase intérminas, lá está a habitual história de amor. Mas a narrativa, além de fluente, é linear, sem atropelos de maior nem ousadias perigosas.

Complementos não muito variados: as «Actualidades Francesas» e uma curta metragem sobre o Brasil. Mas chegou para aguçar o apetite. — *VISOR 95.*

motor SAI AS 5.as FEIRAS



O teatro moderno recentemente inaugurado na Escola de Bryanston, no Sudoeste da Inglaterra, faz a inveja de muitas companhias profissionais. Chama-se Coade Hall, e na sua simplicidade de linhas, de espírito clássico, presta-se á maravilha para que os jovens alunos se penetrem verdadeiramente da mentalidade artística. Nesse ambiente vemos dois jovens tratando de uma peça a levar em breve á cena

EDEN APRESENTA AMANHÃ UM FILME DE SENSAÇÃO!

A JUSTIÇA É CEGA?

UM FILME DE CHOQUE. UM FILME QUE É O ESPELHO DA FALIBILIDADE DA JUSTIÇA!

ANNE BAXTER — ADAM FAITH — DONALD SINDEN

TU VIVERÁS!

MIX ME A PERSON

20 ANOS PARA FORMAR UMA VIDA E 20 ANOS PARA A DESTRUIR!

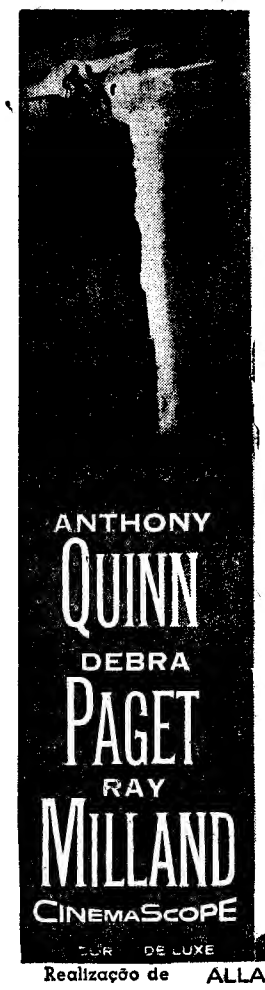
O EXPOENTE MÁXIMO DAS OBRAS DE «SUSPENSE»!

LEO filme STUDIO.

MAIORES DE 17 ANOS

UM HOMEM VIOLENTO, UM ASSASSINO SEM PIEDADE E UMA MULHER SEM ESCRÚPULOS!

ERA PRECISO MATAR OU MORRER, OU...



UMA INTERPRETAÇÃO DE ALTA CATEGORIA!

MATAR PARA VIVER

(THE RIVER'S EDGE)

HOMENS MOVIDOS POR INSTINTOS BRUTAIS, ENFRENTAM-SE SEM TEMOR NUMA LUTA SANGRENTA!

HOJE

POLITEAMA

Para ADULTOS

Realização de ALLAN DWAN

SEMPRE EM FESTA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

PROPORCIONA AOS SEUS VISITANTES ALEGRIA, ANIMAÇÃO E BEM ESTAR, NUM AMBIENTE AGRADÁVEL DE FRESCURA, ONDE NADA FALTA PARA RECREAR O ESPÍRITO E A VISTA

UM LUNA-PARQUE DE CATEGORIA INTERNACIONAL

UM ESPECTÁCULO PARA TODAS AS IDADES

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Subsidiada pelo Fundo Nacional de Teatro «A EQUIPA» apresenta hoje ás 22 horas no

TEATRO AVENIDA

(espectáculo p.ª adultos)

«UM PRÍNCIPE DO MEU BAIRRO»

de VARELA SILVA

O espectáculo de hoje é para a SONAP

Bilhetes á venda para o espectáculo de amanhã e dias seguintes

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

ÓPERA

HOJE — ÀS 21.15 — 7.ª RÉCITA

RITA

de Donizetti

(Ópera subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian)

Com Zuleika Saque, Armando Guerreiro, Hugo Casaes e Rui Matos

e

PALHAÇOS

de Leoncavallo

Com Maria Andrea Gaspar, João Rosa, Luís França, Manuel Leitão, Armando Guerreiro, Mário de Oliveira e Manuel Dias.

Direcção: Maestro Silva Pereira — Encenação: Álvaro Benamor

ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL

CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

PREÇOS POPULARES

PLATEIA — 15$00

Espectáculo para maiores de 12 anos

MULHERES NA FORÇA AÉREA

Está aberto o concurso para admissão de mais enfermeiras pára-quedistas

A Força Aérea abriu um concurso, que se prolongará até 20 de Agosto, para prover o numero de vagas do seu quadro de enfermeiras-paraquedistas. O facto foi já anunciado pelo «Diário de Lisboa», que referiu as condições essenciais de admissão. Essa notícia veio relembrar uma faceta, talvez a mais arrojada e uma das mais recentes no nosso país, do campo de actividade acessível á enfermeira. Não se trata de uma especialização no domínio da enfermagem, mas de uma instrução independente. que prepara, contudo, a enfermeira a exercer a sua missão em condições especiais. Mais do que nenhuma outra — o seu posto no exército qualifica-a como oficial — a enfermeira-páraquedista é o soldado da paz. Para esta actividade são necessárias características e aptidões fora da craveira vulgar. Ao darem a referência a profissionais de enfermagem do sexo feminino os Altos Comandos devem ter tido em conta as qualidades intrínsecas da mulher. Segundo nos informam não existem, no quadro, enfermeiros páraquedistas. E, no entanto, para o páraquedismo são necessárias as qualidades viris da aventura, da decisão, do amor do perigo e que não é frequente encontrar na mulher, pelo menos no conceito geral. Há, porém, mulheres, maior numero do que se pensa, que conseguem aliar ás qualidades femininas que lhe são próprias as outras que costumam caracterizar o chamado sexo forte. A prova disso é o quadro, embora restrito (sómente de vinte e um lugares), de enfermeiras pára-quedistas existentes no nosso país. E mais significativa, é a afluência de inscrições para o curso de páraquedistas, correspondendo á simples notícia dos jornais diários. Cerca de sessenta enfermeiras-auxiliares estão já inscritas, embora as vagas existentes sejam de enfermeiras de curso geral, em princípio quatro, mas que podem alargar-se talvez a seis.

As enfermeiras pára-quedistas também se casam

Conforme já referimos, o quadro de enfermeiras pára-quedistas dispõe de 21 lugares: 12 oficiais e 9 sargentos. No quadro dos oficiais estão incluídas três tenentes, posto que apresenta uma vaga. Além desta, há mais três e perspectiva de duas.

As enfermeiras p á r a - quedistas também se casam — a exoneração de algumas é devida a esse facto —, o que confirma que os perigos da profissão e o rigoroso treino a que são sujeitas lhes não deforma as suas qualidades femininas. E é oportuno lembrar que o exercício da profissão de enfermeiras pára-quedistas é só permitido a mulheres solteiras.

As jovens enfermeiras de curso geral com pretensões a exercer a sua profissão como pára-quedista não podem ultrapassar os 30 anos e ter completado os 20. Candidatarem-se e só depois de submetidas a um rigoroso exame médico, que tem lugar na Direcção do Serviço de Saude, serão alistadas a título provisório no posto de alferes. As enfermeiras-auxiliares quando são admitidas ocupam o posto de furrieis. O alistamento torna-se efectivo após as candidatas passarem com aproveitamento por um período de treino de cerca de três meses no Regimento de Caçadores Pára-quedistas (R. C. P.), em Tancos, em que têm de satisfazer as árduas provas físicas. Ficam aptas para tudo o que delas for exigido na prática, com um nível de resistência equiparado ao do homem.

A sua actividade, depois desse período de instrução, irá aplicar-se na Metrópole, Guiné, Angola e Moçambique. Durante o período de treino as enfermeiras pára-quedistas têm direito a vencimentos de 3100$00, no posto de alferes, e 2000$00, no de furriel. Após a admissão definitiva, as enfermeiras pára-quedistas com o posto de alferes passarão a ganhar 3600$00 e quando em serviço nas províncias ultramarinas receberão mais as ajudas de custo, que atingirão, na Guiné, 2770$00; Angola, 3070$00; e Moçambique, 2550$00. As enfermeiras-auxiliares, que ocupam, por sua vez, o posto de furrieis, percebem 2500$00, mais as ajudas de custo: se prestarem serviço na Guiné, 2250$00, em Angola, 2210$00, e em Moçambique, 1950$00.

Possibilidades de promoção

Apesar dos vencimentos das enfermeiras pára-quedistas com o curso geral serem bastante mais elevados do que aquele que está em vigor nos hospitais civis, verifica-se esta coisa singular: as inscrições de enfermeiras com o curso geral são uma minoria em relação com o elevado numero de candidatas com o curso auxiliar. Será ainda consequência da acentuada falta de enfermeiras qualificadas? Tudo leva a crer que sim. O arrojo que leva as auxiliares de enfermeiras a oferecerem-se para enfermeiras pára-quedistas não faltará ás enfermeiras de curso geral. A sua candidatura, porém, deve estar em proporção com o numero em actividade e a satisfazer as condições exigidas, em notória minoria com as enfermeiras auxiliares, como o «Diário de Lisboa» teve ocasião de referir na série de artigos em que se debruçou sobre o problema da enfermagem.

Além de vencimentos mais substanciais, as enfemreiras pára-quedistas têm agradáveis perspectivas de promoção, que se processam do seguinte modo:

Tenente — feita dentro do numero de vagas existentes; sargento-ajudante — feita por escolha, mediante parecer da Comissão Técnica da Força Aérea entre os primeiros-sargentos graduados pára-quedistas considerados aptos no respectivo concurso de mérito absoluto; primeiro-sargento — feita por antiguidade entre os segundos-sargentos graduados pára-quedistas com dois anos de serviço neste posto; segundo-sargento — feita por diuturnidade entre os furrieis graduados pára-quedistas com um ano de serviço.

Como é óbvio, a função das enfermeiras pára-quedistas desenvolve-se, especialmente, no Ultramar. E' ali que a sua colaboração se revela mais util, participando nos socorros aos soldados feridos em contenda com os terroristas. Fazem parte da equipa dos médicos pára-quedistas, capelães pára-quedistas e soldados pára-quedistas. A sã camaradagem que se estabelece entre as enfermeiras e os soldados permitem áquelas conhecerem os problemas morais e afectivos dos seus possíveis doentes, o que permite que a sua acção, em caso de necessidade, se desenvolva num clima de confiança e amizade, o que contribui para fortalecer o ânimo dos rapazes.

Está, actualmente, na Metrópole uma tenente — a Tenente Arminda, como é conhecida na Força Aérea uma das enfermeiras que ingressou no primeiro corpo de enfermeiras pára-quedistas portuguesas, formado em 1961 — que veio da Guiné para dirigir o curso que vai agora entrar em funcionamento. Ser-lhe-á, também, atribuída uma tarefa de selecção entre as candidatas, para que o corpo de enfermeiras pára-quedistas corresponda em absoluto ás altas exigências dos postos em perspectiva.

Uma enfermeira-pára-quedista recebe a tradicional bóina

Nova sede da Junta de Turismo do Gerês

GERÊS, 28 — Começou a funcionar a nova sede da Junta de Turismo das Termas do Gerês, situada na Colunata. A iniciativa foi mais uma bela obra a favor da beneficiação desta estancia termal e turística.

Novo presidente da Câmara Municipal de Mirandela

MIRANDELA, 28 — Foi nomeado para o cargo de presidente da Camara Municipal o sr. eng.º José Clemente Sanches Dias Pereira.

CAMINHOS DE FERRO

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos para CORUNHA, por ocasião das festas de VERÃO, e para PONTEVEDRA pelas festas de «La Perigrina».

Comunica-nos a C. P., que em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), tem á venda nas estações de AFIFE, ÂNCORA, BARCELOS, BRAGA, CAMINHA, CERVEIRA, GUIMARÃES, MOLEDO DO MINHO, MONÇÃO, PORTO (SÃO BENTO), VALENÇA E VIANA DO CASTELO, bilhetes especiais de IDA E VOLTA, em 1.ª e 2.ª classes a preços reduzidos, para a estação de CORUNHA durante as festas de VERÃO, e para PONTEVEDRA, pelas festas de «LA PERIGRINA», com a validade seguinte:

CORUNHA

IDA — de 27 de Julho a 31 de Agosto de 1966

VOLTA — de 1 de Agosto a 5 de Setembro de 1966

PONTEVEDRA

IDA — de 27 de Julho a 15 de Agosto de 1966

VOLTA — de 1 a 20 de Agosto de 1966

Lisboa, 16 de Julho de 1966.

EXCURSÕES INDIVIDUAIS

Conheça toda a Europa utilizando as viagens ao estrangeiro organizadas pela C. P. com todas as despesas incluídas.

Peça a respectiva brochura ao Serviço Comercial e do Tráfego, nas Secções de Informações e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa

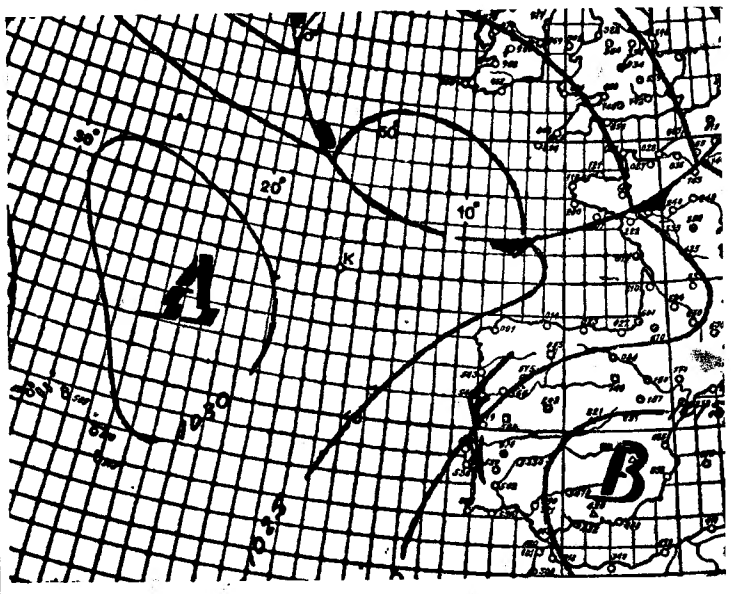
Na BATALHA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFE MOUSINHO

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, ás 9 horas, 19°; na água do mar, ao meio-dia, 17°,4.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)

B — Depressão (baixas pressões)

—— — Isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 29 DE JULHO — Não se prevê alteração apreciável do estado do tempo.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento moderado de noroeste, soprando com nortada fresca durante a tarde nas regiões da faixa costeira ocidental. Neblina matinal junto ao litoral oeste.

SOL — AMANHÃ *Nascer ás 6 e 34 Ocaso ás 20 e 52*

MARES

PREIA-MAR — Dia 28 — Às 0 e 50 (3,4 m). **Dia 29** — Á 1 e 55 (3,5 m); 14 e 25 (3,6 m). **Dia 30** — Às 2 e 46 (3,6 m); 15 e 09 (3,8 m).

BAIXA-MAR — Dia 28 — Às 6 e 55 (1,5 m); 19 e 30 (1,4 m). **Dia 29** — Às 7 e 45 (1,4 m); 20 e 20 (1,3 m). **Dia 30** — Às 8 e 21 (1,3 m); 20 e 59 (1,2 m).

FASES DA LUA

Dia 1 — Dia 9 — Dia 16 — Dia 23

PARIS

3 voos por semana — às 2.as, 4.as e 6.as feiras

FRANKFURT

2 voos por semana — às 2.as e 6.as feiras

LONDRES

1 voo por semana — às 4.as feiras

VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

Para mais informações consulte o seu Agente de viagens IATA ou a VARIG

Lisboa — Praça Marquês de Pombal, 1 — Tel. 53 91 81 (8 linhas)

Porto — Praça do Município, 267, 4.º — Tel. 3 59 51

Os planos de evolução económica não poderão nunca ser postos em execução sem programas de desenvolvimento educativo

— afirmou o dr. Cruz Vidal na Conferência da Educação

Prosseguiram esta manhã, na Aula Magna da Escola Nacional de Saude Publica e Medicina Tropical, os trabalhos da 6.ª Conferência Atlantica da Educação, que reune em Lisboa cerca de meia centena de delegados de vários países e observadores de instituições internacionais, os quais se têm ocupado de aspectos do ensino da economia nas escolas secundárias.

A manhã foi preenchida com uma sessão, a que presidiu o sr. prof. Edouard Bruley, presidente do Comité da Educação da Associação Francesa para a Comunidade Atlântica e vice-presidente do Centro Atlântico de Informação para os Professores e, ainda, vice-presidente da mesa da Conferência reunida entre nós.

Os trabalhos foram dedicados á apreciação do desenvolvimento da educação secundária em Portugal, tendo apresentado um trabalho sobre o tema proposto o sr. prof. Cruz Vidal, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e vice-presidente de uma das comissões da O. C. D. E. Recorda-se que o sr. prof. Cruz Vidal foi o autor de um projecto apresentado por Portugal áquela organização, com vista ao desenvolvimento do ensino do nosso País, documento esse que serviu de base para o Projecto Regional do Mediterrâneo.

O sr. prof. Cruz Vidal começou por acentuar que se compreendeu finalmente o valor económico da edução e da investigação e que graças aos esforços da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos, os Governos reconheceram que era necessário incluir as despesas da educação no grupo dos investimentos indispensáveis ao desenvolvimento económico.

Com efeito — disse — economia e educação estão, nos nossos dias, estreitamente ligadas. Não se pode preparar um plano de desenvolvimento económico sem considerar, ao mesmo tempo, um plano de desenvolvimento da educação, um programa que permita uma organização prévia da formação dos quadros, sem os quais o primeiro destes planos não poderá jamais ser posto em execução.

Começam aí as dificuldades: puseram-se em dia, desde há muito tempo, técnicas aperfeiçoadas, que permitem a previsão da evolução económica e a elaboração de planos de desenvolvimento, que devem orientar o crescimento de uma economia global, mas nunca se tinha pensado em pôr de pé técnicas semelhantes, para chegar a preparar, como grau de exactidão satisfatórias, o segundo desses planos, aquele que deve orientar a formação dos homens que terão de executar as tarefas previstas pelo plano de desenvolvimento económico, a fim de atingir os objectivos que ele procura.

Depois de lembrar que a primeira tentativa do género foi a que se convencionou chamar Projecto Regional do Mediterrâneo, sublinhou que na O. C. D. E. existe uma comissão, em que ele, orador, representa o Governo português e da qual é vice-presidente, destinada ao exame de questões da formação de pessoal científico e técnico, que se consideram como um dos pontos chaves do desenvolvimento económico. Um dos meios de acção da comissão, são os «exames por países», isto é, sessões de confronto em que são analisadas e comparadas as políticas nacionais, as suas dificuldades e as soluções encontradas para os problemas específicos que surgem em cada país.

Em 1959, foi a vez de Portugal fazer esse «exame» e, nessa ocasião, foi encarregado pelo Governo do relatório de base que devia ser apresentado á O. C. D. E. e submetido aos examinadores. No decurso da elaboração do relatório, enfrentaram-se certas dificuldades, sobretudo quando a estabelecer uma previsão do que devia ser o desenvolvimento no ensino, para satisfazer as necessidades do II Plano de Fomento, que havia sido estabelecido para o período 1959/1964 e cuja aplicação acabava de começar. Era preciso, com efeito, estabelecer esta previsão, por um lado, perante as necessidades suscitadas pela entrada em funcionamento do Plano, e, por outro, em face do surto demográfico e do progresso social.

Portugal esteve na origem do Projecto Regional do Mediterrâneo

As dificuldades encontradas e a convicção de que se tratava de um campo cuja exploração podia ser das mais fecundas — declarou o sr. prof. Cruz Vidal — levaram a apresentar um projecto que tinha por fim precisar os laços entre o ensino, o crescimento económico e o progresso social. Tratava-se, pois, de estabelecer uma relação quantitativa entre o ensino e o crescimento económico, o que constituia, na realidade, um domínio ainda desconhecido. Era preciso, para nos lançarmos no empreendimento, pôr de pé uma metodologia e técnicas inteiramente novas. Para além disso, o estudo devia constituir a base de programação do desenvolvimento do ensino, a qual constituia um anexo indispensável de um plano de desenvolvimento económico. Tratava-se, ainda, de determinados investimentos que era necessário realizar em matéria de ensino, para atingir os objectivos económicos precisos, que eram atribuídos pelo plano económico a longo prazo. Tendo sido o projecto submetido á organização, cinco outros países, que se encontravam perante problemas semelhantes, deram a conhecer o seu desejo de participar num tal projecto: Espanha, Itália, Jugoslávia, Grécia e Turquia. A organização alargou, assim, o projecto primitivo, de modo a incluir os seis países e, atendendo á situação geográfica dos participantes, tomou o nome com o qual devia ser rápidamente conhecido em todo o Mundo: Projecto Regional do Mediterrâneo.

O projecto português foi, pois, alargado e transformado num projecto de investigações comuns, tendo por fim medir as necessidades escolares de cada um dos seis países, nomeadamente no que respeita á formação de pessoal científico e técnico, em função das necessidades determinadas pelo grau de crescimento que se propunha atingir por alturas de 1975, fixado como limite. Os trabalhos deviam conduzir á elaboração de plenos pormenorizados, com avaliações financeiras, e permitir a formulação de documentações para um programa de acção no domínio do ensino. O P. R. M. não se funda exclusivamente sobre critérios económicos, com exclusão de todos os outros, pois dá igualmente um lugar de evidência aos objectivos sociais e culturais. Acordos bilaterais foram, pois, concluídos, pela O. C. D. E., e os trabalhos incrementaram-se activamente. Nesta primeira fase, já terminada, o objectivo essencial do P. R. M. era exprimir, em cada um dos relatórios nacionais dirigidos aos Governos participantes, as necessidades escolares dos seis países para o período que da de 1960 a 1975, bem como apresentar propostas sobre a utilização mais adequada de recursos para satisfazer as necessidades reveladas.

Deverão quadruplicar as despesas com o ensino

Esses relatórios, já publicados revelaram a amplidão da tarefa que os seis países tinham de cumprir. Alguns numeros globais poderão dar uma ideia: no ensino primário, o efectivo de alunos dos seis países passará de 15 milhões em 1960 a cerca de 20 milhões em 1975, e o numero de professores de 490 mil a 730 mil; no ensino secundário, o numero de alunos, que era de 4,3 milhões, atingirá mais 10 milhões, e o numero de professores passará de 270 mil, dos quais alguns em tempo parcial, a 650 mil em tempo inteiro; no nível superior, o efectivo dos estudantes passará de 560 mil a 1 milhão e 100 mil; e o numero de professores de 29 mil, muitos dos quais não trabalhavam senão em tempo parcial, a 75 000 em tempo inteiro.

Para atingir a expansão quantitativa desejada, para além da melhoria qualitativa do ensino, que é indispensável prosseguir ao mesmo tempo, as despesas totais deverão triplicar ou quadruplicar em certos casos. No que respeita a Portugal, estas despesas passarão de 1,8 a 4,6 % do produto nacional bruto. Esta percentagem é verdadeiramente muito elevada, bastando lembrar que em 1960 o conjunto da zona O. C. D. E. não consagrou mais que 4 % do produto nacional bruto á educação. Tendo sido publicados os relatórios e as recomendações submetidas aos Governos respectivos, a segunda fase do projecto está em execução, o que permitirá explorar de maneira proveitosa os dados recolhidos durante a primeira fase, assim como a aprovação das recomendações adoptadas.

O sr. prof. Cruz Vidal passou, então, a dar conhecimento do que respeita a Portugal na segunda fase, já em curso, do Projecto, dizendo a certa altura: — «O relatório de base devia evidentemente ser adaptado a uma política educativa global, que compreende, também, ao lado dos aspectos quantitativos, as considerações de ordem qualitativa muito importantes e que devem ser igualmente integradas na unificação geral da educação. Por outro lado, os dados globais obtidos e apresentados pelo relatório deviam ser regionalizados, isto é, era preciso decompô-los em vista da sua aplicação a uma planificação regional que constitua o primeiro caminho a percorrer, para passar de um plano teórico global a uma aplicação prática, á realidade concreta».

A missão do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa

Informou o sr. prof. Cruz Vidal que, como ponto de partida, o Ministério da Educação Nacional

(Continua na 19.ª página)

«Rebelião» de Soekarno

(Continuação da 1.ª página)

manda o «presidium» e que domina o Conselho de Ministros, de orientação militar.

O presidente repetiu que gostaria que fossem efectuadas eleições gerais para sondar a opinião do povo.

OS CHEFES MILITARES RECEIAM UMA GUERRA DE GUERRILHAS

DJAKARTA, 28. — (A. N. I.). — Os observadores estão surpreendidos com a subita mudança operada em Soekarno e receiam exprimir uma opinião. Depois de ter aceite as resoluções do Congresso, há três semanas, num discurso formal, o presidente parece agora querer contrariá-las.

Ninguém ousa pronunciar-se sobre se o presidente está, ou não, a tentar recuperar os poderes totalitários que já possuiu.

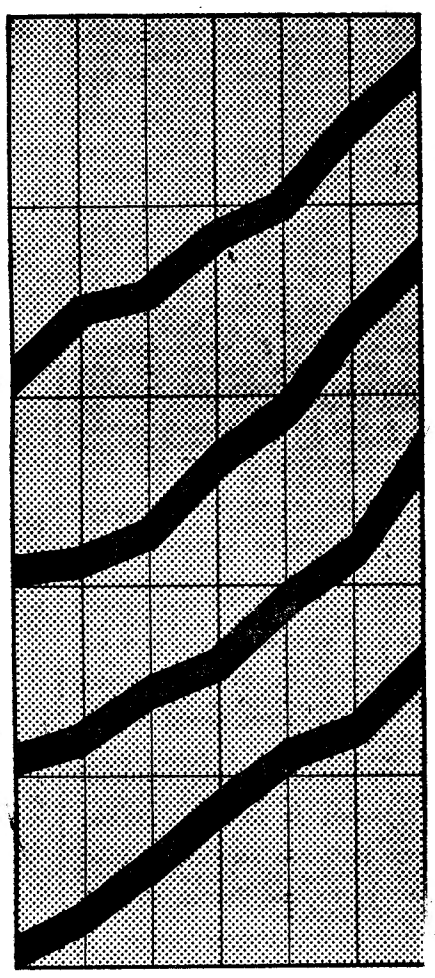
Segundo os observadores, os chefes militares querem manter Soekarno no Governo, por enquanto, pois receiam que os seus correligionários do Leste e do centro de Java declarem uma guerra de guerrilhas se o presidente for bruscamente afastado do Poder.

Os dirigentes militares têm, no entanto, tentado continuamente alterar as doutrinas políticas de Soekarno e, em duas ocasiões anteriores, Suharto mostrou possuir poder suficiente para conseguir o que quiser de Soekarno sem ser necessário retirá-lo do seu cargo.

Suharto, que estava ao lado de Soekarno, em consequência do seu cargo de presidente do «presidium» no novo Gabinete, manteve-se inalterável durante toda a cerimónia, mesmo quando o presidente nomeou dois dos seus políticos favoritos, Leimena e Abdulgani, para novos cargos.

6 ANOS DE EXPANSÃO E PROGRESSO

1960 (30-6-60)		1966 (30-6-66)
CAPITAL E RESERVAS		
110.000.000$00		430.000.000$00
DEPÓSITOS		
1.212.797.149$75		7.616.835.418$05
CARTEIRA COMERCIAL		
834.834.782$58		4.915.966.730$91
ACTIVO		
2.534.119.139$02		21.633.912.935$08



Eis o resultado duma política executada com verdadeiro espírito de missão pelos quadros do nosso Banco.

Procuramos, como objectivo primordial, servir sempre melhor a clientela cada vez mais vasta que procura o nosso apoio.

TEMOS DE FACTO UM NOVO ESTILO DE TRABALHO NA ACTIVIDADE BANCÁRIA

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

TRABALHAMOS MAIS PARA SERVIR MELHOR

Foi julgado em Évora o autor de um crime de ofensas corporais

ÉVORA, 28 — No tribunal desta cidade, em processo de querela e em audiência do Círculo Judicial, foi julgado o jornaleiro Fernando Matos, de 35 anos, casado, residente na Quinta da Garraia.

O tribunal foi presidido pelo corregedor dr. Orlando de Vasconcelos, que teve como assessores os drs. Pires de Miranda, juiz da comarca de Évora e Ramiro Vidigal, juiz da comarca de Arraiolos.

Nos autos, articulados pelo agente do Ministério Público, o Matos era arguido de na tarde de 15 de Agosto de 1965, ter agredido traiçoeiramente á paulada, sem qualquer troca de palavras ou gestos, o pastor Santos António Duarte, de 51 anos, casado, natural de Évora e morador no Monte do Chamboinho, no momento em que este entrou no terreiro da Quinta da Garraia, para pedir á mãe do agressor um barrilito de água para um filho menor da vítima, em trânsito com seu pai e, naquela altura, gravemente enfermo. O Santos Duarte sofreu fractura de um braço e vários outros ferimentos pelo corpo, que lhe produziram doença pelo espaço de 272 dias.

O réu e a vítima não se conheciam.

Nessa altura a agressão foi acremente comentada, causando viva indignação a atitude do Fernando Matos.

O réu confessou o crime, adiantando ter-se precipitado, equivocando-se, então, quanto ás intenções do queixoso, e dizendo-se arrependido do seu acto.

O acórdão condenou o réu na pena de 10 meses de prisão, 200 dias de multa a 15$00 por dia, 900$00 de imposto de justiça e 6 contos de indemnização á vítima da agressão.

A Alemanha venceu Portugal (3-1) no «Europeu» de futebol universitário

VIGO, 28 — (A. N. I.) — A Alemanha venceu Portugal por 3-1, no encontro de desempate ontem disputado, no Campeonato Europeu de Futebol Universitário.

As equipas alinharam:

PORTUGAL — Amorim; Farinha, Videira, Seabra e Tito (depois Amílcar); Ferro e Martins; Portugal, Pisco, Orlando e Assunção.

ALEMANHA — Modic; Kirch, Maass, Wegener e Kuhn; Westphal e Mons; Von Breverner, Lange, Graf e Eruse.

Noutro encontro, disputado em Pontevedra, a Roménia venceu a Holanda por 5-2 e passou ás meias-finais.

PELA MARCA SE IDENTIFICA

O BOM GOSTO

NAS RUAS MAIS ELEGANTES DO MUNDO ENCONTRARÁ FUMADORES DESFRUTANDO O PRAZER DE SABOREAREM UM CIGARRO

L&M

AS FUMAÇAS DO L&M SÃO UNS CURTOS MOMENTOS AGRADÁVEIS NA VIDA...

APOSENTOU-SE O SUBCHEFE DA P. V. T. OLIVEIRA NUNES

Oliveira Nunes

No gabinete do 1.º comandante da P.V.T., major Ennes Ferreira, e na presença do 2.º comandante, capitão Cravo Sanches, comissário-chefe Belarmino de Oliveira, comissários Euclides Possidónio e Amândio de Moura, assim como de muitos graduados e guardas daquela corporação, efectuou-se uma simples, mas significativa, cerimónia, que constituiu uma justa homenagem a um grande obreiro e dedicado funcionário da Polícia de Viação e Trânsito, subchefe Oliveira Nunes. A sua aposentação deu ensejo a esta manifestação de apreço pelas suas qualidades. No acto, usaram da palavra o comandante major Ennes Ferreira e o comissário-chefe Belarmino de Oliveira, em seu nome e no de todo o pessoal da corporação.

Muito comovido, agradeceu o subchefe Oliveira Nunes, um nome que se identifica com a própria P. V. T., tendo prometido, dentro dos seus préstimos, continuar a dar toda a colaboração possível áquele departamento, sempre que seja necessário.

O subchefe Oliveira Nunes, que deu ao «Diário de Lisboa» a sua melhor colaboração aquando das nossas Campanhas de Segurança Rodoviária e sempre que foi preciso tratar de assuntos de transito, deve ser hoje o graduado mais antigo da P. S. P., tendo servido nesta corporação quando era seu comandante Ferreira do Amaral. Prestou serviço desde Fevereiro de 1929, e, em 1933, passou á secção de turismo. Em 1938, transitou para a antiga Direcção-Geral dos Serviços de Viação (P. V. T.), onde agora foi aposentado por limite de idade. Tem um louvor na P. S. P. e dez louvores ao serviço da P. V. T.

Como desportista, foi nadador no Sporting Clube de Portugal, e, depois, no Sport Algés e Dafundo, tendo sido campeão de Lisboa de 200 metros-livres.

Também tomou parte na Grande Travessia de Lisboa a Nado (12 km) Xabregas-Algés, tendo obtido boa classificação.

Já como militar, e depois pela P. S. P., ganhou 3 anos seguidos os respectivos bronzes na «Pequena Travessia de Lisboa a Nado» (8 km).

Como fotógrafo amador, ganhou alguns prémios em concursos nacionais e um em França (Grand Palais de Paris).

TEATRO DE AMADORES

O grupo cénico do Grupo Desportivo do Banco de Angola, leva á cena, amanhã, pelas 18 e 30, no Tivoli, a peça «O Morgado de Fafe em Lisboa», de Camilo Castelo Branco, com encenação do actor Jacinto Ramos e cenário de Otelo Azinhais.

QUEDA MORTAL DE UMA CRIANÇA

No Hospital de Santa Maria, onde dera entrada ontem á noite, morreu hoje a pequenita Maria Manuela Pereira de Sá, de um ano, residente na Rua 28 de Maio, 33, 1.º, esquerdo, na Venda Nova, que caiu da janela á rua.

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
SAI AS QUINTAS-FEIRAS

A MORTE DA FILHA DO DR. GINO SAVIOTTI

Causou profunda impressão a morte, em resultado de um acidente de viação (o choque de um automóvel com uma camioneta no cruzamento de Alcoitão-Bicesse), da sr.ª D. Graziela Saviotti Molinari, de 59 anos, viuva, natural de Livorno residente na Rua Rodrigo da Fonseca, 56, r/c., filha do dr. Gino Saviotti, antigo director do Instituto de Cultura Italiana de Lisboa, e pessoa de numerosas relações na capital.

O seu corpo continua na casa mortuária do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, não estando ainda marcada a hora do funeral que provávelmente se efectuará amanhã.

O sr. Manuel dos Santos Ilhéu, de 34 anos morador no Largo de Santa Bárbara, 8, 6.º direito, em Lisboa, que conduzia a camioneta, já teve alta e veio para a sua residência.

Daquele hospital, foram transferidos, para o Hospital de S. José, em cuja sala de observações ficaram internados, sem ser grave o seu estado, o motorista do automóvel, Rui Gonçalves, de 25 anos, residente no Beco do Félix, 6, 3.º, em Lisboa, e Jorge Manuel Marques Morais, de 20 anos, empregado no comércio, morador na Rua Rodrigues Sampaio, 158, cave, e Elmano Soares Inácio, que seguiam na camioneta.

O moinho da morte

Faleceu, no Hospital de S. José, Abílio da Silva Fernandes, de 56 anos, ajudante de serralheiro, morador em Carcavelos, que no Casal do Queimado, em Cascais, foi atingido pela estrutura de um moinho metálico que estava a ser montado, que também arrastou os srs. Abílio da Silva Inácio e Eduardo Filipe Lopes. Estes dois ultimos encontram-se, em estado grave, na sala de observações do Hospital de S. José.

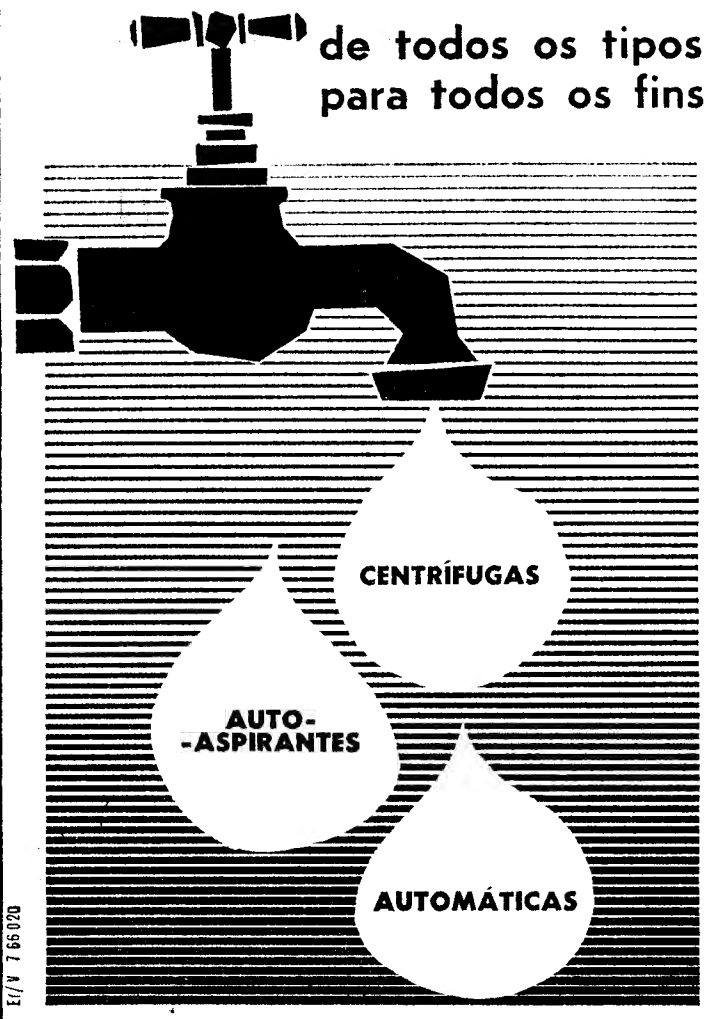
Caiu da altura de um quinto andar

Recolheu, em estado grave, á sala de observações do Hospital de S. José o servente Augusto Marques da Silva, de 14 anos, residente na Av. de Ceuta, 153-A, barraca, que caiu da altura de um quinto andar, numa obra em que trabalhava, no Campo de Santa Clara.

SIEMENS

GRUPOS ELECTROBOMBAS

de todos os tipos para todos os fins



E/V 7 66 020

A Siemens dispõe de uma gama completa de grupos electrobombas para instalações industriais, agrícolas e domésticas, estando por isso em condições de lhe propor a melhor solução, a mais eficiente e a mais económica.

PEÇA ESCLARECIMENTOS E CATÁLOGOS À

SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.

LISBOA-1 — AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TEL. 53 69 21

PORTO — R. DAS CARMELITAS, 26 — TEL. 2 89 43

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS | INDUSTRIAL — COMERCIAL

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE

Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas

INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56-1.º, Esq.º — Telef. 53 63 80

DESPORTOS

HANDEBOL DE SETE

F. C. PORTO E SPORTING

VENCEDORES DA 1.ª JORNADA DA 2.ª FASE DO «NACIONAL»

Disputaram-se, ontem á noite, as primeiras jornadas da 2.ª fase dos campeonatos nacionais de handebol de sete, com os resultados seguintes:

SENIORES

F. C. Porto-Senhora da Hora 29-13
Sporting-Benfica 26-18

JUNIORES

F. C. Porto-Boavista 10-10
Sporting-Belenenses 10-7

Na categoria principal, o triunfo obtido pelos campeões portuenses reflecte a sua superioridade, apesar da boa réplica do adversário.

No jogo de Alvalade, o equilíbrio foi notório na 1.ª parte, com quatro igualdades e com ambas as equipas a desfrutarem da situação de vencedoras por várias vezes. Após o intervalo, os «encarnados» desuniram-se, ainda resistiram até meio da 2.ª parte, acabando por prevalecer a superioridade de remate do vencedor, aliado á sua melhor organização defensiva.

Arbitragem do portuense Rosa Santos, não isenta de erros, mas bastante aceitável.

Para conclusão da 1.ª fase da Zona Centro, disputou-se, também, ontem, o encontro Paramos-Salatinas, que o primeiro venceu por 22-16, sem consequências na tabela classificativa, já que as duas equipas, com o resultado verificado, mantiveram as suas posições: 1.º, Paramos, 28 pontos; 2.º, Salatinas, 22.

A próxima jornada realiza-se no sábado, com os encontros seguintes: *Seniores* — Paramos-F. C. Porto e Sporting-Salatinas. *Juniores* — F. C. Porto-Beira Mar e Sporting-Espinho.

CAMINHOS DE FERRO

Serviço Internacional
SERVIÇO DIRECTO
PORTO/VIGO/PORTO

Comunica-nos a C. P. que foi abordado com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (Renfe) o estabelecimento de um serviço especial Porto/Vigo/Porto, com um comboio automotor FIAT, de 64 lugares, a partir de 15 de Julho, com o seguinte horário:

19-00 p.	Porto	c. 12-00
21-15 c.	Valença	p. 9-50
21-55 p.		c. 9-30
23-05 c.	Vigo	p. 8-20

A partir do primeiro domingo de Outubro, dia 2, e devido à mudança da hora em Portugal, serão anunciadas novas marchas para este serviço directo.

F. Argila novo treinador do Sporting

O Sporting tem resolvido, um tanto inesperadamente, o problema do treinador.

A escolha recaíu no espanhol Fernando Argila, ex-técnico do Espanhol, um nome sobejamente conhecido no futebol do país vizinho, pois possui um palmarés valiosíssimo, através de uma carreira desportiva iniciada, aos 17 anos, como amador do Barcelona. Aos 35 anos, Argila, de posse do diploma de treinador oficial de 1.ª categoria, estreou-se, nessas funções no Real Clube Oviedo, que mais tarde desempenhou no Real Granada, Langreo e Santander.

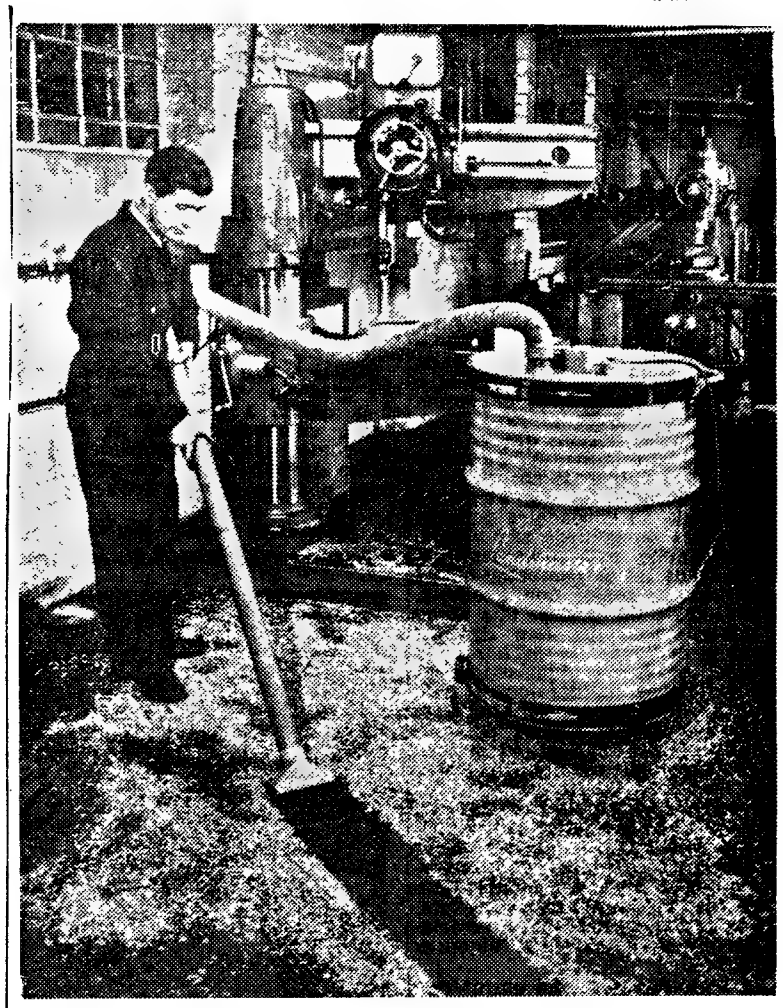
Era treinador do Espanhol quando o Sporting foi, por aquele clube, eliminado da Taça das Feiras.

HOJE, À NOITE

FUTEBOL DE SALÃO — Torneio do Clube Oriental de Lisboa: 6.ª jornada da 4.ª série — Águias do Beato-G. D. Águias Ferrão, Marítimo At. de Lisboa-Picheleira F. C. e Dragões da Madre de Deus-Os Conquistadores, a partir das 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa, de Juniores, Série B: Belenenses-Física, no rink» do primeiro, ás 22 horas.

NATAÇÃO — Campeonato de Lisboa, de juvenis e juniores, masculinos e femininos (3.ª e ultima jornada), na piscina de S. Bento, ás 21 horas.



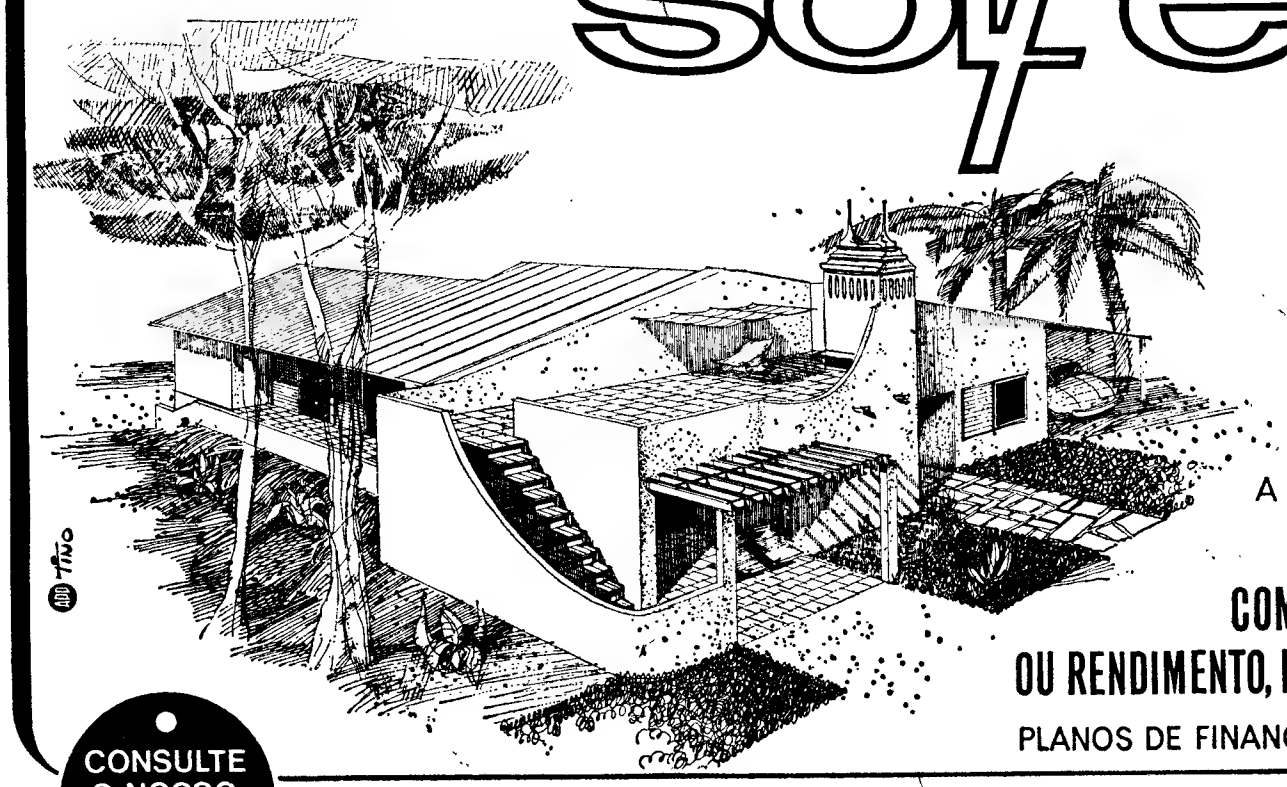
Aspiradores industriais encontram-se agora ao alcance de todos e de forma prática. O aparelho 6 adaptado a um tambor de grande capacidade que, uma vez cheio, é afastado assim se poupando o tempo de mudança de recipiente para as aparas, poeira, areias e outros detritos que se acumulam nas grandes instalações comerciais e industriais

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O SOL QUANDO NASCE NO ALGARVE... É PARA SI EM

solférias



- Clima excepcional durante todo o ano
- Moradias de seis tipos diferentes
- Zona Hoteleira com piscina
- Campo de Ténis
- Zona Comercial com boliche, restaurante e esplanada

GRANDE EMPREENDIMENTO PROJECTADO POR URBANISTAS DE PRIMEIRO PLANO QUE ESCOLHERAM PARA SI A MARAVILHOSA PRAIA DO CARVOEIRO

COMPRE A SUA MORADIA PARA VERANEIO OU RENDIMENTO, NA ENCANTADORA PAISAGEM ALGARVIA

PLANOS DE FINANCIAMENTO ATÉ 36 MESES

CONSULTE O NOSSO PLANO DE VENDAS

GP IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ, S.A.R.L.
Av. Infante Santo, 56 A B D-Tel. 661036-661069-Lisboa

EMPRESA ASSOCIADA
SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO, S.A.R.L.
R. Alexandre Herculano, 12-1º-Esq.-Tel. 55 3183-Lisboa

CRÓNICA CINEGÉTICA

A actividade em 1965 da Comissão Venatória Regional do Norte em defesa da caça

E' verdadeiramente deploràvel a crise que a caça atravessa. Mas não é de ontem nem de hoje esse estado caótico. Daí a baixa, simplesmente confrangedora, da densidade de espécies da fauna cinegética nos campos onde, por ora, ainda é facultativa a todos, sem excepção, a prática do acto venatório.

Não admira, porém, que a caça indígena, especialmente, escasseie de ano para ano mais acentuada e confrangedoramente. As causas deste estado de verdadeira penuria de espécies cinegéticas são várias. Algumas delas está o homem impossibilitado de as combater ou de as remediar, como, por exemplo, as epizootias ou pestes, tais como a mixomatose, que tem dado a morte a centenas de milhares de coelhos, bravos e domésticos, as más condições meteorológicas que destroem as criações, etc. Mas muitas outras dessas causas podia o homem tê-las evitado, só o não tendo feito oportunamente por motivos que para alguns parecem incompreensíveis e a outros, agrada, dado que das nefastas consequências do ostracismo a que a riqueza venatória tem estado votada, só esperam benefícios, por sinal bem evidentes, como sejam, por exemplo, o monopólio da caça, contràriamente ás seculares leis vigentes entre nós.

No meio de todo este desinteresse pelas coisas da caça, que algumas pessoas pensam em açambarcar, temos, no entanto, ainda, felizmente, mas lamentàvelmente em numero escasso, homens que á defesa do património cinegético da Nação, riqueza grande, digna, portanto, de sorte diferente daquela que tem tido, dedicam o melhor do seu esforço e, desinteressadamente, na quase totalidade dos casos verificados, apenas com o louvável intuito de evitar a perda, nalguns casos irreparável, da fauna, têm trabalhado afincadamente, alguns deles há anos, dinamica e denodadamente, temos que reconhecê-lo, arrostando não poucas vezes com a incompreensão e o egoísmo de uns tantos.

Estão neste caso os homens que dirigem as Comissões Venatórias, e alguns outros, mas em numero reduzido, lamentàvelmente, que, não obstante jamais terem pertencido aos corpos directivos destes organismos, lutam, também, alguns deles porfiadamente, com o unico objectivo de fomentar e proteger a caça, riqueza nacional que não particular para todos, sem distinção.

Que o nosso discernimento não nos atraiçoa vamos tentar justificá-lo, dando a conhecer, sumàriamente embora, através da actuação, como reputamos meritória, em defesa do património cinegético de todos nós, no ano de 1965, da Co-

(Continua na 22.ª página)

TRIBUNAIS

Na Boa Hora

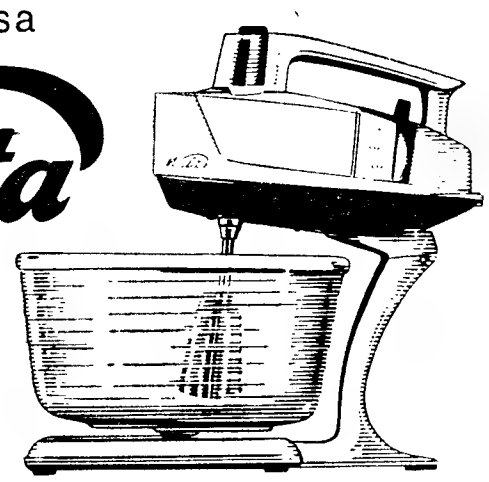
No 2.º juízo criminal da Boa Hora, em audiência colectiva presidida pelo sr. corregedor Bordalo Soares, prestou contas á justiça Maria Farreleira Pulico, também conhecida por Maria Vitória Paulico, de 32 anos, casada, da freguesia de Mata de Lobos, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, antiga empregada do Centro Paroquial da Igreja de Santo Estêvão, em Lisboa, acusada de, na qualidade de encarregada da limpeza, ter subtraído cerca de trinta e duas sacas de leite, em pó, no montante de 36 000$00, fornecidas pela Caritas para fins de beneficência. As sacas estavam depositadas numa dependência daquele templo.

A ré, defendida pelo sr. dr Gomes dos Santos, negou a acusação, pretendendo justificar as determinantes do processo. Depuseram doze declarantes e dez testemunhas de defesa. Nas alegações, o distinto advogado sr. dr. Gomes dos Santos, que fizera um estudo demorado e conscienciosa da matéria considerada delituosa, fez uma interessante dissertação, no sentido de demonstrar que a sua constituinte não praticara o acto que lhe é imputado. Salientou que ela exerceu, durante sete anos, as suas actividades com comportamento exemplar, o que ficara exuberantemente provado pela categoria das testemunhas. A oração jurídica do sr. dr. Gomes dos Santos foi atentamente escutada pelos magistrados que constituíam o colectivo, além do presidente, os srs. dr. Aníbal de Castro e Pais de Almeida. O causídico pediu a absolvição.

O colectivo deu como provado que a ré subtraíra apenas oito sacos de leite, em pó, e levou em conta as atenuantes invocadas pelo sr. dr. Gomes dos Santos, pelo que a condenou em 18 meses de prisão correccional, 67 dias de multa a 30$00 por dia, 2000$00 de imposto de justiça e uma indemnização de 9500$00 a favor do Centro Paroquial. A pena ficará suspensa por três anos, se efectuar o pagamento no prazo de seis meses.

UM MUNDO NOVO
AO ALCANCE DAS BOAS DONAS DE CASA

2 aparelhos da famosa marca **Walita**



O LIQUIDIFICADOR

Todas as boas donas de casa preferem o LIQUIDIFICADOR WALITA Experimente-o e comprove as suas inúmeras vantagens De fácil manejo e alto rendimento é o único com velocidade variável "Toque-Pluma" copo de "Pirex" lâminas inoxidáveis e conjunto desmontável para uma limpeza fácil e completa

A BATEDEIRA

Na cozinha moderna a BATEDEIRA WALITA é o seu braço direito moe carne, espreme frutas e prepara ràpidamente todas as suas receitas É um conjunto prático atraente e facílimo de usar

A VENDA NAS BOAS CASAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE GARANTIDA PELA PRÓPRIA **WALITA**

Distribuidores no Continente e Ultramar
IMPORBRAS — Importação e Exportação, S. A. R. L.
Av. Visconde de Valmor, 46, 2.º F. · Telefone 75 07 77 · LISBOA

EXAMES PARA AMANHÃ

Ensino Técnico

Aptidão profissional do Curso Geral de Comércio

Chamada única

1.ª prova — 9 horas

(Prova de expediente geral constituída pelo registo de subcontas, desenvolvimento de cálculos, preenchimento de documentação relativa ao contrato de compra e venda e correspondência comercial).

Obs. — Leia com atenção todo o enunciado do ponto, antes de iniciar a resolução. Trabalhe com calma. Seja metódico e ordenado. Cuide da apresentação da sua prova e organize o trabalho de modo a distribuir as tarefas pelas três horas de que dispõe.

Não esqueça, em particular, de utilizar os tipos caligráficos adequados, para o que deve ser portador de aparos de letra francesa, de letra inglesa, de caneta apropriada e de um pequeno frasco de tinta.

SEJA DO SEU TEMPO! LEIA

motor

O jornal que não havia em Portugal

SAI AS 6.as FEIRAS

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Está aberto concurso para a categoria de terceiros-oficiais do quadro, nas condições publicadas no «Diário do Governo», II série, de 8 de Julho de 1966. As provas só serão realizadas em Novembro e serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

Para mais informações dirigir-se à Repartição do Expediente da referida Direcção-Geral, na Rua da Alfândega.

FRIGORÍFICOS

QUEM PRECÍSA PROCURA
QUEM PROCURA ESCOLHE
QUEM ESCOLHE COMPARA
QUEM COMPARA DECIDE-SE

NA GRANDE EXPOSIÇÃO

do Largo de Santa Bárbara, 13-1.º — LISBOA
ONDE SÃO REALMENTE MAIS BARATOS

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

KLOSTERS SUNWARD FERRIES

SAIDAS REGULARES SEMANAIS PARA

GIBRALTAR

pelo moderno ferry-boat «SUNWARD»

PARTIDAS DE LISBOA:

Todas as segundas-feiras á meia-noite

REGRESSO — SAÍDAS DE GIBRALTAR:

17 horas de todas as quartas-feiras, com chegada a Lisboa ás 8.00 horas de quintas-feiras.

(PODE LEVAR O SEU AUTOMÓVEL)

Para passagens e informações, procure o seu Agente de Viagens ou os Agentes Gerais em Portugal

AGÊNCIA MARÍTIMA «OCIDENTE», LDA.

P. Duque da Terceira, 11-3.º — Telef. 32 81 91/5 — Telex 211 Ocidente-Lisboa

no Porto:

«INTERNAVE» — AGÊNCIA INTERNACIONAL DE NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO, LDA.

Rua Ferreira Borges, 57-1.º — Telefs. 2 92 94 e 2 45 37

TAUROMAQUIA

Em Montemor-o-o-Novo

O festival organizado pelo nosso estimado colega Leopoldo Nunes em Montemor-o-Novo e a favor da Sopa dos Pobres de S. João de Deus reuniu um extraordinário elenco de toureiros, atestando o prestígio do ilustre jornalista.

O cavaleiro David Ribeiro Telles e o matador Manuel dos Santos, que amanhã seguem para Macau e ali farão uma série de corridas, foram ovacionados e deram voltas á arena, com os forcados amadores de Capoula, bem como José Maldonado Cortes, que substituiu José Mestre Baptista, e Luís Miguel da Veiga, que fez a sua despedida de amador e que lutou esforçadamente com um manso do sr. João Malta, mereceu volta á arena e impressionante chamada.

Os matadores José Julio, que ouviu musica com a muleta e foi ovacionado com as bandarilhas, e Amadeu dos Anjos, com finos passes, lidaram, como Manuel dos Santos, bravos exemplares de Oliveira Irmãos, mas Armando Soares, que no próximo domingo volta a Madrid, houve de lidar, como os cavaleiros, os difíceis do sr. João Malta, merecendo justos aplausos.

Cavaleiros e matadores brindaram a Leopoldo Nunes, bem como os forcados amadores de Montemor, que o fizeram também ao seu colega Vacas de Carvalho, que vai prestar serviço militar na Guiné.

No Café-Restaurante Sampaio foi oferecido a todos os lidadores uma ceia, que serviu para Leopoldo Nunes agradecer a generosa colaboração de Simão Malta e Manuel dos Santos, de cavaleiros, matadores e suas quadrilhas.

Lançamento à água de um rebocador destinado a Moçambique

No Estaleiro Norte da Lisnave efectua-se no dia 3 de Agosto próximo, ás 17 e 30, a cerimónia do lançamento á água do rebocador de alto mar «Incomati», o segundo de uma série de três encomendada pelos Serviços de Marinha de Moçambique.

ARTES PLÁSTICAS

O IV Salão de Arte Moderna do Estoril

Continua aberto na sala da Junta de Turismo da Costa do Sol o IV Salão de Arte Moderna do Estoril, que compreende trabalhos de aguarela, guache, desenho e gravura, têmpera, óleo, tapeçaria, vitral e mosaico, ceramica e escultura.

A exposição está patente ao publico todos os dias, das 10 ás 23 horas, com entrada livre, e encerra-se no dia 31.

Alvaro Perdigão e Artur José no Estoril

Nas Arcadas do Estoril inaugura-se no dia 2 de Agosto a exposição dos artistas Álvaro Perdigão e Artur José. O primeiro apresenta óleos e desenhos e o segundo apresenta uma série de painéis ceramicos, além de outras peças de ceramica.

Maria do Amparo vai expor esmaltes no Hotel do Muxito

No Hotel do Muxito vai apresentar uma série de esmaltes a artista Maria do Amparo, que ainda recentemente obteve êxito com exposição semelhante na Galeria Avis.

Maria do Amparo fará ainda novas exposições neste Verão, em particular uma no Casino Peninsular da Figueira da Foz.

Exposição «Lisboa e o Tejo»

No próximo dia 9 de Agosto, ás 17 e 30, o sr. general França Borges, presidente da Camara Municipal, inaugura, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, a Exposição «Lisboa e o Tejo».

Dizem os leitores...

«Coisas desagradáveis aos olhos dos turistas»

Recebemos do nosso estimado leitor, sr. Augusto D. M. Cardoso, a seguinte carta que gostosamente publicamos:

«*Sr. director* — O «Diário de Lisboa», jornal que muito prezo, e de que sou assíduo leitor, publicou, em 22 de Julho corrente, sob o título em epígrafe e no *Diário do Porto*, um reparo em que se condenam as «revoadas de garotos que afligem os turistas «com a pedincha», os quais, juntamente com «a praga dos pedintes, esfarrapados, descalços e sujos que são autêntica vergonha» contribuem assim «para que se faça de nós, lá fora, um conceito errado, que muito nos prejudica». A par do reparo, pontifica o autor que se impõe a vigilância policial, com o cuidado máximo, dos locais em que tais desmandos se verificam, «limpando-os» da «praga dos pedintes» e, também, dos «bandos de crianças que, em certos casos, tiram até das mesas ocupadas nas esplanadas, e perante o espanto dos turistas, os aperitivos que lhes servem».

«É, na verdade, muito triste e prejudicial que, baseados em tão «enganosos» indícios, os turistas levem lá para fora a ideia «errada» de que, no nosso País, existem bandos de crianças que se servem da pedincha, não como meio de distracção e divertimento, brincadeira ou passatempo, como, na verdade, acontece, mas para matar a fome; e que um determinado sector da população — «esfarrapados, descalços e sujos», que se rasgam, descalçam e sujam, pelo seu sentido de humor e pela vocação nata para o folclore — possam incutir, por um erro de interpretação, no espírito dos turistas, o pensamento de que o seu aspecto se deve, não á intenção de fazer graça, mas á carência de roupas e desrespeito, por falta de educação ás mais elementares regras de higiene. Para que tão negro humor termine e tão perigosas brincadeiras acabem — esclarece o atento observador — impõe-se o antídoto policial (eterna panaceia para todos os males!...). Olhou-se o enfermo, viu-se-lhe o aspecto e imediatamente se detectou a doença. Também a receita não se fez esperar, com o nome do remédio bem explícito para evitar equívocos: Repressão! Destrua-se a tela — fique viva a aranha...

«Para que também se não elabore em erro na interpretação destas linhas, aqui fica o meu «acordo» com o autor do reparo: Que os bandos das divertidas crianças vão lá para os bairros onde moram expandir as suas alegrias e vazar as energias supérfluas e a humorística praga dos pedintes vá fazer folclore onde o género seja apreciado, ainda que tal constitua sacrifício que os faça rebentar. Pois que rebentem... mas não se corra o risco de produzir nos turistas «conceitos errados»...»

A situação dos funcionários reformados

O sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ministro plenipotenciário, reformado, e nosso colaborador, enviou-nos a seguinte carta sobre a situação dos reformados relativamente ao subsídio eventual agora concedido aos funcionários publicos:

«Da ultima vez que houve aumento de vencimentos, eu já estava aposentado e recebi mais 500 escudos por mês. Desta vez, em que a situação para os funcionários é muito pior, recebi de um porta-voz oficial a resposta de que os aposentados, desta vez, nada recebem! Tratei apenas de receber uma resposta decisiva. Isto já se depreendia do facto de o Ministério ter criado a verba de 800 000 contos para ocorrer ao aumento e não fazer a menor referência aos aposentados. Então no entender do sr. ministro os aposentados do Estado não sofrem as mesmas consequências da subida de preços e do grande aumento geral do custo da vida?

«Pelo contrário, os aposentados sofrem mais provações porque, sendo todos pessoas idosas (eu tenho 90 anos), precisam, constantemente, de cuidados médicos e remédios caros porque são importados de países de moeda cara, como a Alemanha e a Suíça, aumentado do transporte, de impostos aduaneiros, de percentagens para os agentes e do lucro dos farmacêuticos!

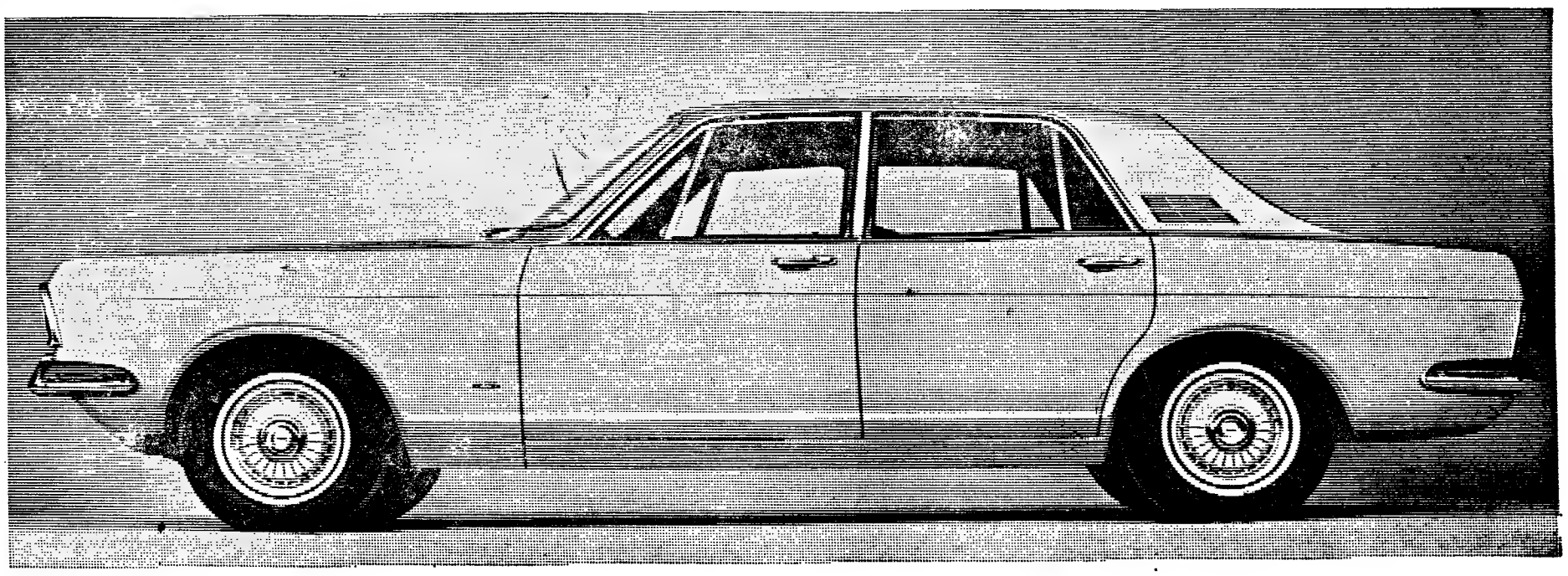
«Em Espanha, alguns remédios custam metade, porque, tendo sido dificultada a sua entrada no país, as firmas estrangeiras mais importantes instalaram fábricas em Barcelona, aproveitando dos salários menores e do baixo preço da moeda.

«Este precedente criado aos reformados, além de injusto, chega a ser desumano!»

Despedida de um contingente que parte para o Ultramar

No próximo dia 2 de Agosto, ás 9 horas, na igreja da Luz e no adro fronteiro ao templo, efectuar-se-á a cerimónia da bênção e entrega do respectivo guião a um contingente de tropas do Serviço de Construções, que vai embarcar para o Ultramar.

A FORD ORGULHA-SE EM APRESENTAR a "Linha da Distinção"



Este símbolo marca o aparecimento duma nova linha, uma linha muito especial — **a linha Zephyr e Zodiac.**
A Ford Inglesa mandou fundir este símbolo em prata pura para assinalar a dignidade, a qualidade única da produção, o avanço técnico, presentes em cada carro desta nova linha. Porque o **Zephyr** e o **Zodiac** são símbolos de distinção.

Zephyr Ford ZODIAC

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

LISBOA: AUTO BOAVISTA, Lda.- R. da Boavista, 81-B
AUTO RALI, S.A.R.L.- Av. Almirante Reis, 130-A
Av. Eng. Frederico Ulrich - Cascais
J. MENDES COELHO, Lda.- R. Alexandre Herculano, 6-A

7-01

LISBOA LIGADA À OUTRA BANDA

Demorará 10 minutos o trajecto de Alcântara a Almada (pela ponte)

com trasbordo na central da Cova da Piedade

• A via rápida de penetração em Almada só ficará concluída daqui por dois anos

— O trajecto desde Alcântara a Almada, pela ponte de Lisboa, e mesmo a horas de movimento, deve demorar no máximo dez minutos — disse-nos o eng.º Macieira Dias, que representa a Câmara Municipal de Almada na comissão nomeada pelo Ministério das Obras Públicas para a resolução dos problemas das infra-estruturas de escoamento do trânsito naquele concelho a partir da auto-estrada do Sul.

Da comissão, presidida pelo eng.º Joaquim Mendes Bragança, director de Estradas de Setubal faz também parte o eng.º Lemos Ferreira, em representação do Gabinete de Estudos e Planeamento dos Transportes Terrestres.

A Câmara Municipal de Almada, de acordo com as directrizes do Ministério das Obras Públicas, teria de fazer uma penetração para Almada a partir da auto-estrada. Sendo a auto-estrada uma via rápida, foram definidos os pontos de saída — e, para Almada, o unico ponto é o trevo rodoviário construido na baixa da Cova da Piedade.

Depois do «trevo», só há mais uma saída da auto-estrada no Fogueteiro, onde se faz a ligação para a estrada n.º 10 (Sesimbra).

— Este «trevo» — acrescentou o eng.º Macieira Dias — feito na área de Almada, demonstra a consideração das entidades superiores pela vitalidade do concelho.

Conforme pudemos observar no local, visto que a obra está concluída, o «trevo» resolve dois problemas: dá acesso á Costa da Caparica, por uma via também rápida, e á Cova da Piedade. Nele se fazem, portanto, as grandes separações do transito para o concelho, cujos principais aglomerados são Almada, Cova da Piedade, Monte de Caparica, Trafaria e Costa da Caparica.

• A CENTRAL RODOVIÁRIA NA COVA DA PIEDADE TERÁ UMA ZONA COBERTA

Por uma via, também rápida e de pequena extensão (cerca de 150 metros), agora em acabamento, o «trevo» dá ligação a uma grande placa quadrangular, de cem metros de lado, já próximo do centro da Cova da Piedade e portanto também na parte baixa da freguesia. No lado sul dessa grande placa (a que a Câmara Municipal, na ultima reunião, deliberou dar o nome de «Praça Almirante Américo Thomaz») está a construir-se a chamada «Central Rodoviária de Almada», onde irão afluir todos os veículos de transporte colectivo, de Lisboa para Almada e Sul, e vice-versa, excepto os das carreiras directas Alcântara-Costa da Caparica-Alcântara.

Ocupando uma área de hectare e meio, aproximadamente, a Central, que entrará a funcionar no dia da inauguração da ponte, custará cerca de 1800 contos — verba concedida

(Continua na 23.ª página)

A TAXA POR PASSAGEIRO-QUILÓMETRO

O «Diário do Governo» publicou hoje a portaria do ministro das Comunicações, á qual há dias nos referimos e que fixa em $33 por passageiro-quilómetro a tarifa comum a qualquer deslocamento, em carreiras de serviço publico, nas vias do conjunto «ponte e acessos», bem como a importancia que os concessionários de carreiras ficam autorizados a cobrar por passageiros, como encargo correspondente á portagem paga pelo veículo.

Os últimos dez dias de uma tarefa gigantesca

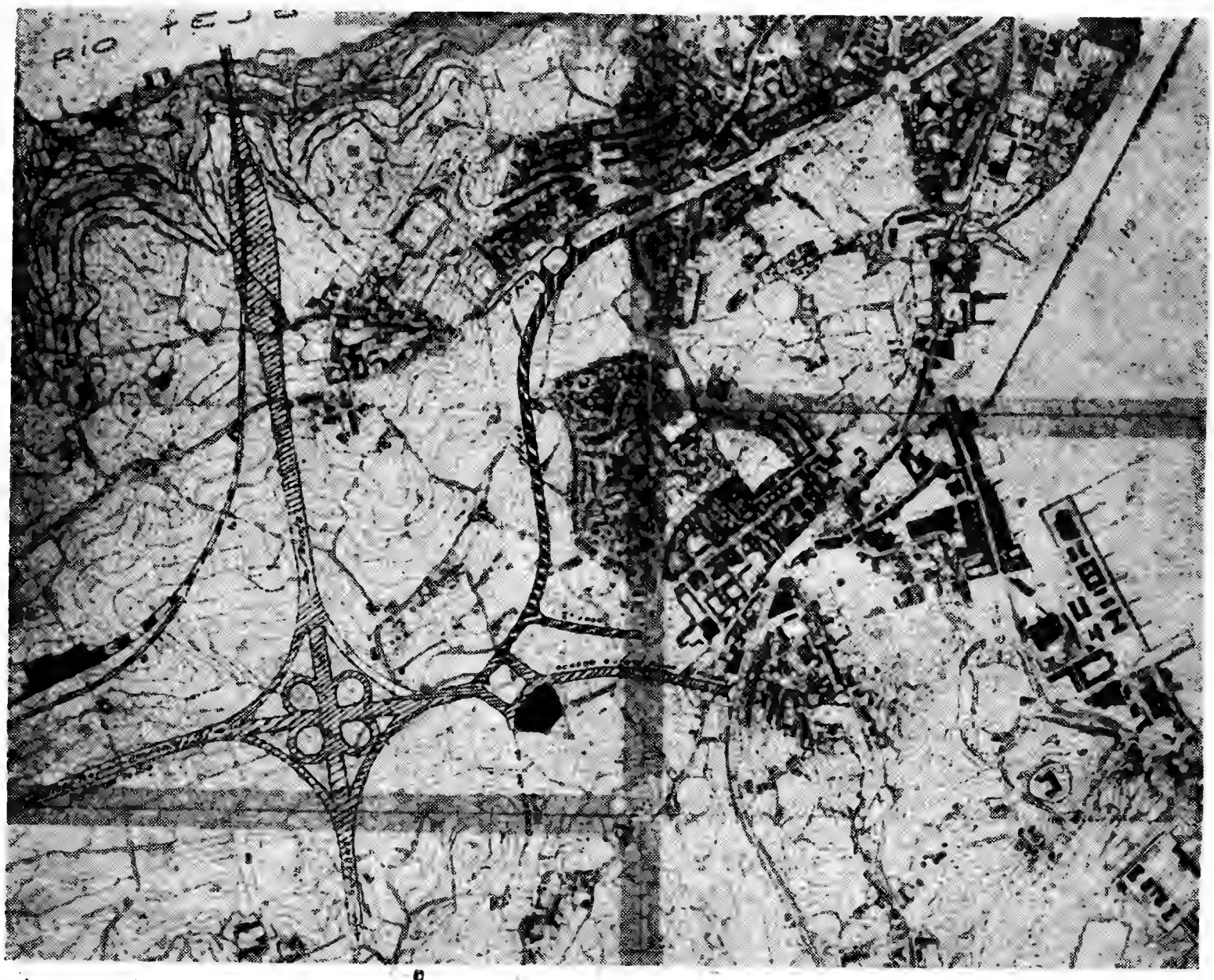
Ultimam-se os trabalhos. Está prestes a ser inaugurado o grande empreendimento técnico-financeiro que é a ponte sobre o Tejo frente a Lisboa.

Longe de ser uma obra isolada, integra-se num processo, á escala regional, dos sistemas rodo e ferroviário existentes e projectados, tanto do lado norte como do sul, de acordo com o plano director das peninsulas de Lisboa e de Setúbal.

Acentue-se, todavia, que esta grande obra será executada em duas fases distintas, correspondendo a primeira (já praticamente concluída) a uma ponte rodoviária, cujos acessos, depois de estudo exaustivo, concretizado pelo Gabinete da Ponte, em intima colaboração com os Municipios de Lisboa, Almada e do Seixal, foram projectados, na margem norte, até ao Aqueduto das Águas Livres e, na margem sul, até ao Fogueteiro.

Sublinhe-se que este traçado se integra num dos anéis circulares rodoviários da Grande Lisboa — á 2.ª circular —, ficando, assim, já executado nas imediações da ponte, numa extensão de dezassete quilómetros, circunstância que se apresenta muito favoravel para o prolongamento dos trabalhos.

Do mesmo modo, quando se efectuar a segunda fase da ponte, isto é, a adaptação da ponte á circulação de comboios — obra indispensável não só ás comunicações rápidas e eficientes entre as duas penínsulas citadas, mas também, e principalmente, ao tráfego ferroviário de Lisboa para o Sul —, as ligações asseguradas através do novo tabuleiro destinado ao caminho de ferro integram-se numa das linhas de cintura previstas no nó ferroviário da capital.



A zona tracejada a fino, na planta representa uma parte dos acessos á Ponte de Lisboa, na margem sul, já concluídos. De cima para baixo, a partir do Tejo, reconhece-se a zona da praça de portagem (mais larga) e o «trevo» de distribuição do trânsito para a Costa da Caparica e para Almada. Distingue-se também o quadrilátero (Praça Almirante Américo Tomás) junto do qual se vê a área, coberta a negro, e com a forma de uma coroa imperial de estilo bizantino, onde se constrói actualmente a Central Rodoviária de Almada. Para nascente, também a tracejado fino, vê-se a actual via de acesso a Almada, que vai ligar á estrada da Cova da Piedade, perto do centro da freguesia. Do outro vértice do quadrado parte a futura penetração para Almada, identificando-se, a tracejado grosso, a 1.ª, 2.ª e 3.ª fases dessa importante via, cuja construção custará aproximadamente 10 mil contos

Inaugura-se [illegible] nova sessão d[illegible] da Faculdade Internacio[illegible] para o Ensino do Direi[illegible]

COIMBRA, 28 — A Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado, de Estrasburgo promove, de novo nesta cidade, uma das suas habituais sessões. A deste ano, á semelhança do ano findo, decorrerá sob o patrocínio da Faculdade de Direito de Coimbra e da Fundação Gulbenkian e será presidida pelo sr. prof. [illegible] António Ferrer Correia. A cerimónia inaugural decorrerá amanhã, ás 10 horas sob a presidência do sr. ministro da Justiça, na Sala Grande dos Actos da Universidade.

Os cursos de direito comparado agora professados, de amanhã a 28 de Setembro, são os que constituem os I e II ciclos da Faculdade Internacional. Os cursos do I ciclo revestem, em geral, carácter de introdução ao direito comparado, salientando-se entre eles os que têm por objectivo proporcionar ao estudioso o conspecto geral dos principais grupos de sistemas jurídicos (romanistas, anglo-saxónicos, socialistas). No II ciclo serão estudados, comparativamente, alguns dos principais institutos do direito privado e do direito publico, tais sejam as sucessões, o casamento, as sociedades comerciais, o estabelecimento comercial, a propriedade, a responsabilidade [illegible] além da [illegible] poder ex[illegible] instrutiv[illegible] O prog[illegible] clui con[illegible] tações t[illegible] Câmara; [illegible] as quais [illegible] professo[illegible] dade Int[illegible] na Reito[illegible] sica e [illegible] É elev[illegible] gueses, [illegible] simples [illegible] critos pa[illegible] bra. As i[illegible] tas no S[illegible] Internac[illegible] Direito [illegible] Longpon[illegible]

A ACTIVIDADE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

(Continuação da 1.ª página)

tante documento o valor e a amplitude da acção benemérita e cultural da prestimosa Fundação, cuja obra no nosso País se desenvolve em proporções sem precedentes no capítulo de realizações e subsídios, que, a par do imediato objectivo utilitário, constitui admirável estímulo nos mais diversos sectores de actividades onde se faz sentir tão valiosa influência.

Meticulosamente se testemunha no expressivo relatório, o qual publicamos noutro lugar, a largueza e a importância dessa obra, com um elevado sentido de altruismo em fecunda cooperação para o desenvolvimento de actividades, organismos e instituições que muito vem beneficiando o País e enriquecendo o seu património. Também se documenta o alto critério orientador da equilibrada atribuição de auxílios e subsídios e que preside á modelar administração valorizadora dos bens e possibilidades da benemérita Fundação. Acentua-se, como sempre no elucidativo documento, a preocupação em seguir o pensamento de Calouste Gulbenkian e o seu mecenato, que têm no dr. Azeredo Perdigão o mais entusiástico intérprete e realizador. E os altos benefícios decidos á Fundação Gulbenkian inspiram a homenagem de apreço e reconhecimento á memória do homem rico e generoso que, ao nosso País, onde encontrou ambiente hospitaleiro e tranquilo nos últimos tempos da sua vida, conferiu extraordinárias possibilidades de progresso e desenvolvimento.

Escola de Farmácia

Está aberto concurso de provas públicas para provimento de um lugar de professor extraordinário do 2.º grupo (História Natural e Farmácia) da Escola de Farmácia da Universidade de Lisboa.

ZEBÚ

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

...ra-se amanhã
...sessão de trabalhos
... Internacional
...no do Direito Comparado

...aculdade ...no do Di... ...asburgo ... cidade. ...ssões. A ... do ano ...atrocínio ...de Coim... ...enkian e ...prof. ... cerimo... ...amanhã ...ência do ...na Sala ...ersidade, ...mparado ...anhã a ...ue cons... ...a Facul... ...ursos do ...l, carác... ...ito com... ...tre eles ... propor... ...pecto ge... ... de sis... ...s, anglo... ... II ciclo ...tivamen... ...nstitutos ...reito pu... ...ssões, o ... comer... ...mercial, ...bilidade

...tem da culpa do poder público, poder executivo, os contratos administrativos, etc.

O programa cultural e social inclui concertos, recitais e representações teatrais pela Orquestra de Câmara; e ainda excursões, entre as quais uma a Lisboa, onde os professores e estudantes da Faculdade Internacional serão recebidos na Reitoria da Universidade Clássica e na Câmara Municipal.

É elevado o numero dos portugueses, licenciados em Direito ou simples finalistas deste curso, inscritos para os trabalhos em Coimbra. As inscrições continuam abertas no Secretariado da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado, 1, Rue de Longpont, Neuilly-sur-Seine.

...E ...AÇÃO ...AN

...gina)

...e a am... ...érita ...undaç... ...e desen... ... prece... ...lizações ... imedia... ...onstitui ...is diver... ...es onde ... influên...

...emunha ...qual pu... ...arguesa ...ra, com ...truismo ...ra o de... ...des, or... ...e mui... ...s e en... ...rimónio. ...alto cri... ...ilibrada ...ubsídios ...adminis... ...bens e ...da Fun... ...sempre ... a preo... ...nsamen... ...n e o ...dr. Aze... ...tusiásti... ... E os ... Funda... ... home... ...ecimen... ...co e ge... ...s, onde ...aleiro e ...pos da ...linárias ...o e de...

...ia

... provas ... de um ...rdinário ...tural e ...armácia ...a.

O friso dos jornalistas premiados pelo SNI com o galardão de que é patrono Afonso de Bragança cuja figura se encontra na extrema esquerda, em formato maior

A Exposição de Prémios do SNI fica hoje patente ao público

Nos salões do segundo andar do Palácio Foz fica hoje patente ao publico, depois de inaugurada pelo sr. Presidente da Republica, a Exposição dos Prémios do S. N. I., integrada nas comemorações do 40.º aniversário do Movimento de 28 de Maio. A exposição obedece ao lema «32 anos de Política do Espírito».

Na exposição se apresentam todas as obras literárias e plásticas distinguidas com prémios de Arte ou de Literatura do Secretariado Nacional da Informação. Os primeiros prémios foram atribuídos em 1934. Nesse ano, o Prémio Antero de Quental, atribuido ao melhor livro de poesia portuguesa, foi dividido entre a «Mensagem», de Fernando Pessoa e «A Romaria», do padre franciscano Vasco Reis; o Prémio Eça de Queiroz para o melhor romance foi atribuido á obra do Conde de Aurora «O Pinto».

Os prémios têm sofrido diversas alterações, na sua regulamentação e maneira de atribuição e entre os premiados contam-se muitos escritores e jornalistas.

Nas Artes Plásticas, o Prémio Columbano foi atribuído, em 1935, ao pintor António Soares. Ainda os prémios de Escultura, de Ceramica e Desenho que têm sofrido regulamentação vária, sendo uns anuais e outros não, como aliás se verifica nos prémios literários.

Na exposição hoje inaugurada encontram-se os retratos de todos quantos foram premiados pelo S. N. I. desde 1934 e expõem-se as obras premiadas, tanto as obras literárias como as pinturas, as ceramicas, as esculturas e desenhos.

No catálogo se dá relação de todos os prémios, com desenhos das figuras dos patronos dos mesmos

CASINO ESTORIL

APRESENTA NUM MAGNIFICO «SHOW»

THE RAINDROPS

CONJUNTO VOCAL INGLÊS
VEDETAS DA TV E DO DISCO

KASSAGI

«OSCAR» DE MAGIA E PRODIGIOSO ILUSIONISTA

MARIA DA FÉ

UMA VOZ EXPRESSIVA DO FADO

THE RUDAS DANCERS

CELEBRE «BALLET» ACROBATICO AUSTRALIANO

PREÇOS. Sábados consumo minimo 60$00 Nos outros dias, consumo minimo 40$00 Todos os dias jantar 80$00
(Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE», AS 17 HORAS
Chá completo — 25$00 (Taxas e impostos não incluídos)

OS MESMOS ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM NO
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(Maiores de 17 anos)

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

FUNDADA EM 1875

A Ourivesaria da GUIA

EM QUASE 100 ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

...Ú

...A-O

...ze os ...OS

Novos juízes conselheiros do Supremo Tribunal

Foram nomeados juízes conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça os juízes desembargadores António Teixeira de Andrade, José Cabral Ribeiro de Almeida e Francisco Sieuve de Segnier de Castro de Azevedo Soares, que foi colocado, em comissão de serviço, no cargo de presidente da Relação de Coimbra.

NA SAPATARIA

ZEBÚ

NÃO PAGA LUXO...
PAGA SO QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51

O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

ZEBÚ

A isenção do imposto de transacções

para o equipamento da indústria de electricidade

Os dirigentes do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade entregaram no Gabinete do sr. ministro das Finanças uma exposição sobre o Imposto de Transacções, pedindo a sanção do Governo para a interpretação que o organismo deu ás referidas disposições legais, no que diz respeito á industria eléctrica

A exposição, largamente fundamentada, começa por acentuar que, «entre os princípios fundamentais do novo imposto, lucidamente expostos no relatorio preambular do Código do Imposto de Transações, destacam-se: *a tributação de uma só das fases do circuito de produção e distribuição* das mercadorias; *a isenção de alguns consumos básicos*, ditada por preocupações de ordem economica e social».

«Para respeitar e dar execução a estes princípios — acrescenta o Grémio — o sistema adoptado prevê a dispensa do pagamento do imposto relativo ás transacções das matérias-primas, para a produção de mercadorias, bem como a isenção das aquisições de equipamentos industriais, combustiveis e electricidade.

Só assim — e no mencionado relatório não deixa de frisar-se com relevo estes aspectos — se evitam as situações de dupla tributação das mercadorias e se alcança o objectivo expresso de exonerar os consumos reputados essenciais.

Pelo que respeita á electricidade, a sua isenção só poderia deixar de ser encarada não havendo, como houve, «o *proposito de afastar os efeitos que do imposto pudessem resultar ou lhe fossem imputados para explicar uma injustificada alta de preços*», posto serem conhecidas as suas multiplas utilizações, e consequente influência nos custos de produção dos bens e serviços e obviamente, as reacções em cadeia a que inevitávelmente conduziria um agravamento do seu preço.

Ao recordar estes factos, aliás, tomados em devida conta pelo legislador, pretende-se apenas situar adequadamente o problema que temos a honra de submeter á douta consideração de V. Ex.ª».

A produção de electricidade como mercadoria, só fica completa quando a energia atinge o local do consumo

Recorda em seguida a exposição do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade que o n.º 23 da lista das transacções isentas do imposto refere as máquinas, ferramentas e outros bens de equipamento exclusivamente destinados a serem utilizados *na produção de mercadorias*. E acrescenta: Atendendo á circunstancia sobejamente conhecida de o custo de produção da electricidade ser decisivamente influenciado pelo valor dos investimentos em equipamentos fixos — ou, mais directamente, pelos encargos financeiros decorrentes desses investimentos —, logo se reconhece o interesse que há na definição em termos inequívocos do que se deve entender por *produção de electricidade*, para os fins da incidência do Imposto de Transacções, ou seja, dentro da economia do diploma que rege esta nova imposição e de harmonia com os objectivos por ele visados.

Sucede efectivamente que a Lei n.º 2002, de 26 de Dezembro de 1944, disciplina separadamente a «produção», o «transporte e grande distribuição» e a «pequena distribuição», o que, em análise menos atenta, poderia induzir a uma equiparação destas diversas fases do processo produtivo, respectivamente, ao fabrico, transporte e venda do produto.

Porém, o exame do Decreto-Lei n.º 43 335, de 28 de Dezembro de 1960, já permite concluir com maior segurança que a distinção referida, consignada em vários dos seus preceitos e, designadamente, na Secção IX do Capitulo II, que trata da exploração das concessões, visa tão-sómente — de harmonia, aliás, com uma longa tradição legislativa, — a organização e disciplina da produção de energia eléctrica, através da outorga de concessões separadas, em atenção á relativa especialização das sucessivas fases do ciclo produtivo e aos vultosos investimentos que todas e cada uma delas exigem.

Tratava-se, na verdade, de mobilizar e articular meios financeiros, técnicos e administrativos, que haveriam de actuar, separadamente para serem eficientes, mas que só conjugados, desenvolvendo um esforço comum, poderiam *fabricar* um produto de natureza tal que só adquire utilidade e expressão economica no momento da sua entrega ao consumidor.

Com efeito, e analisando agora o problema sob outro aspecto, pode afirmar-se que *a produção da electricidade, como mercadoria, só fica completa quando a energia atinge o local do consumo*, com as caracteristicas e valores de utilização por este requeridos.

O produto, que é entregue nas barras das centrais geradoras para ser transportado e distribuído, não é, nem em qualidade, nem em quantidade, o mesmo produto que o consumidor receberá, pois sofre sucessivas alterações de tensão, com as consequentes perdas, e é transformado nas subestações e postos de transformação até atingir as condições adequadas ao uso especifico a que se destina. Só então se pode considerar encerrado o ciclo produtivo»

A isenção abrange os bens de equipamento necessários à transformação, transporte e distribuição de electricidade

Deste modo, prossegue a exposição, «ás empresas concessionárias do transporte, grande distribuição e pequena distribuição da electricidade — que, como vimos, desempenham na produção a importante função complementar, que se traduz em transformar a energia eléctrica gerada nas centrais em mercadoria, isto é, em força, calor e iluminação, utilizáveis pelos consumidores que adquirem — cabe, sem duvida, a qualificação de «produtores», nomeadamente á luz do conceito expresso no § 1.º do art.º 2.º do Codigo do Imposto de Transacções, segundo o qual se consideram tais «... as pessoas singulares ou colectivas que *produzam, fabriquem ou transformem mercadorias, sejam quais forem os processos ou meios utilizados*».

Admitido este entendimento, que é manifestamente correcto e se afigura incontestávelmente fundado nas realidades da exploração da industria eléctrica, aliás, isenta do imposto sobre consumos superfluos ou de luxo que o Imposto de Transacções vem substituir, forçoso será concluir que os *bens de equipamento necessários á transformação, transporte e distribuição da electricidade podem ser adquiridos pelas respectivas empresas concessionárias com isenção do Imposto de Transacções, ao abrigo do invocado n.º 23.º, da Lista A*, anexa ao Código de 1 de Julho do ano corrente, observado que seja o condicionalismo legal estabelecido nos §§ 2.º a 6.º do art.º 5.º daquele diploma. E isto não obstante o facto de não estarem sujeitas a registo, uma vez que a mercadoria que transaccionam está incluída na mencionada Lista A (art.º 49.º do Código cit.)».

Uma vez que foi esta a conclusão a que chegou o Grémio, após estudo atento do problema, e que ela «é a que se ajusta inteiramente aos objectivos enunciados pelo Governo e invocados no início desta exposição, certo como é, por outro lado, que entendimento contrário viria agravar directamente o custo de produção da electricidade com reflexo no seu preço de venda e, portanto, incidência no da produção de outros bens, como os produtos alimentícios, cujo consumo é justamente havido por essencial, está o Grémio na disposição de esclarecer em conformidade as empresas suas agremiadas. Mas — conclui a exposição — embora sem esquecer a conveniência de instruir com brevidade as empresas interessadas, dada a proximidade da entrada em vigor do Código do Imposto de Transacções, não deseja tomar tal posição sem préviamente ter obtido sanção do Governo, que confiada e respeitosamente espera e pede».

Assinam a exposição os srs. eng.º Paulo de Barros, eng.º João De Korth, dr. André Velasco, eng.º Virgílio Cruz e eng.º Martins Galvão.

MERGULHÃO

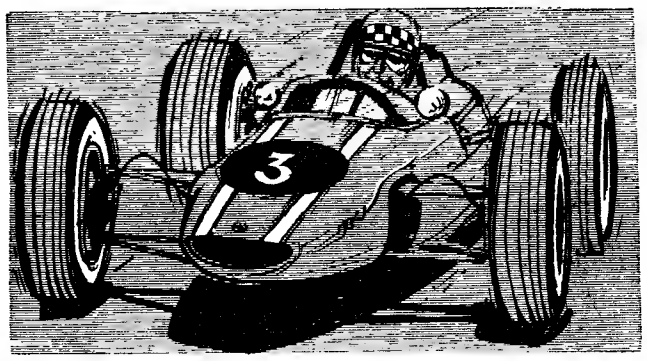
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 ● Telef. 30013

SACOR

CIRCUITO DE CASCAIS

«GRANDE TURISMO»

1.º — António Peixinho
2.º — John Miles
4.º — Achiles de Brito
6.º — A. da Silva Nunes

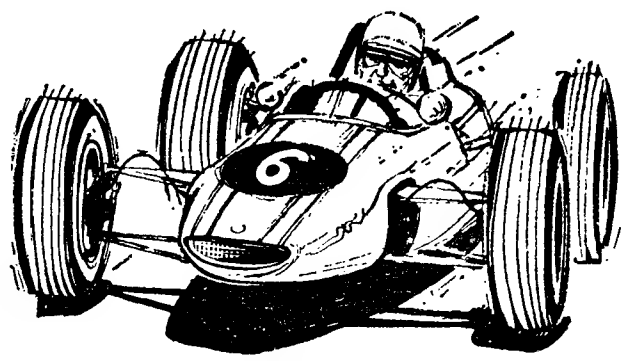


«TURISMO»

2.º — António Peixinho
3.º — Manuel Lopes Gião
4.º — Alfredo César Torres
13.º — Jeff Uren

«FÓRMULA V»

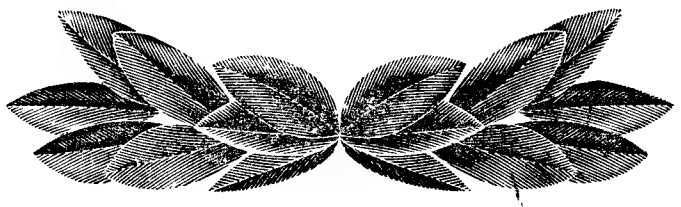
1.º — Luís Fernandes
2.º — J. Filipe Nogueira
3.º — Manuel Nogueira Pinto
4.º — J. Batista dos Santos
5.º — J. Silva
6.º — Jorge Passanha
7.º — Casteliano Junior
8.º — João Mont
9.º — Tony Samor



«FÓRMULA 3»

2.º — John Fenning
5.º — John Peterson
6.º — Geoff Oliver
11.º — J. Filipe Nogueira

Todos com produtos SACOR



CIDLA—Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

A FOTOGRAFIA AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

MAS ... COM MÁQUINAS DE QUALIDADE!

EMPIRE SCOUT
- Faz 12 fotos 6x6 cm
- Focagem desde 1,5 m
- Visor muito nítido
- Sincronizada para relâmpago
- Optima objectiva e soberba apresentação

HALINA SIMPLETTE "F"
- Com flash incorporado
- Carregamento instantâneo
- 12 fotos a preto e branco ou a cores no novo formato 28x28 mm
- Visor muito luminoso
- Fácil focagem por 3 pontos

HALINA ROLLS
- Para filme de 35 mm a cores e preto-branco
- Objectiva anastigmática 3,5 de espantoso recorte
- Obturador de 4 velocidades
- Sincronização para relâmpago

HALINA PAULETTE
- Para filme de 35 mm a cores e preto-branco
- Objectiva anastigmática 2,8 de grande luminosidade
- Obturador de 5 velocidades até 1/250 de seg.
- Visor luminoso de quadro fluorescente

HALINA PAULETTE ELECTRIC
- Modelo similar à HALINA PAULETTE mas incorporando uma célula foto-eléctrica permitindo assim exposições sempre correctas a cores e a preto-branco

Esc 150$00 — Esc 450$00 — Esc 435$00 Com estojo sempre pronto — Esc 690$00 Com estojo sempre pronto — Esc 870$00 Com estojo sempre pronto

À venda em todas as casas de artigos fotográficos do país

REPRESENTANTES: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L. — Rua da Conceição, 46 - Telef. 361545 - LISBOA

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis, faço saber que o Instituto Luso-Fármaco, S.A.R.L. pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de thick-fuel-oil, com a capacidade aproximada de 10 000 litros, sita na Estrada Consiglieri Pedroso, em Queluz de Baixo, freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras e distrito de Lisboa.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 20 de Julho de 1966.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista, a 6 kV, com 233 metros, parte aérea com 218 metros e parte subterrânea com 15 metros, do apoio n.º 57 da linha Laranjeiro-Seixal, ao posto de transformação n.º 2 da Junta Autónoma de Estradas, para iluminação dos acessos Sul à ponte sobre o Tejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Julho de 1966.

Pelo Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

Lotes de terreno para construção de moradias no Bairro do Rosário, em Cascais

No dia 30 do corrente mês, pelas 15 horas, a CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS procederá á venda, em hasta publica, de 8 lotes de terreno, com a área de 384 m2 cada, destinados á construção de moradias, no BAIRRO DO ROSÁRIO, EM CASCAIS — Rua D. Francisco de Almeida e Avenida Gonçalo Velho Cabral.

As condições de venda e planta de localização dos lotes encontram-se patentes na Secretaria da Camara Municipal.

Cascais, 14 de Julho de 1966.

O Presidente da Câmara,
ANTÓNIO AZEVEDO COUTINHO
Eng.º Agrónomo

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq. —Tel. 771639. (Ao Campo Pequeno)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Relatório e Parecer da Comissão Revisora de Contas referente ao ano de 1965

I — INTRODUÇÃO

I — 1. Na introdução ao parecer que a Comissão Revisora de Contas teve a honra de emitir no ano transacto, respeitante às contas de gerência do ano de 1964, fez-se referência ao período de 10 anos, então decorrido sobre a data do falecimento do Fundador da Instituição, o grande benemérito e amigo de Portugal, Calouste Sarkis Gulbenkian.

No ano corrente, completa-se outro período de 10 anos — precisamente em 18 de Julho — este, correspondente à data em que, pelo Decreto-Lei n.º 40 690, foram aprovados os Estatutos da Fundação.

Regista-se pois, um evento digno de ser assinalado da vida da Instituição, que constituiu o ponto de partida para a realização de uma magnífica obra que vai progredindo ano após ano sempre com notável orientação e administração, inalteràvelmente apoiadas na rigorosa observância das disposições daquele Estatuto.

I — 2. Como esclarecedor indicativo da evolução tida pela Fundação no decurso do ano de 1965, apontam-se as posições líquidas, nos dois últimos anos, do seu património independente:

	Contos
Gerência de 1964	2 436 253
Gerência de 1965	2 492 368
Em 1965	+56 115

Também teve acréscimo muito significativo a conta de «Distribuições» — aquela que, englobando os dispêndios consignados aos específicos fins da Fundação (caritativos, artísticos, educativos e científicos), define a aplicação dada ao rendimento líquido de cada gerência:

	Contos
Gerência de 1964	292 642
Gerência de 1965	402 375

O montante distribuído em 1965 — o mais vultoso de sempre — reflecte não só o incremento que foi dado ao financiamento das diferentes actividades enquadradas nos fins prosseguidos pela Instituição, mas também a concessão de subsídios especiais para comemorar o X aniversário da morte do Fundador.

Esta distribuição, atingiu no final de 1965, o total de 1 941 827 contos.

I — 3. A distribuição, por países, do montante global concedido pela Fundação, foi assim efectivada:

	Contos
Portugal	902 049
Comunidades arménias	235 240
Reino Unido e Comunidade Britânica ...	233 125
Iraque e outros países do Médio Oriente ...	400 179
Outros países	171 234
	1 941 827

I — 4. As contas do património, apuradas no fim do ano de 1965, continuam a registar salutar progresso.

Este facto constitui o mais seguro índice justificativo da acção do Conselho de Administração da Fundação: administra com firmeza, acumula reservas com prudência, sem prejudicar as distribuições para os fins específicos, de ano para ano criteriosamente acrescidas.

I — 5. Organizou-se o seguinte mapa-síntese que pretende dar uma visão panorâmica da evolução administrativa da Fundação:

(Em contos)

Designação	*Gerência de 1964*	*Gerência de 1965*
1) Activo disponível e realizável	2 973 551	3 143 688
2) Passivo exigível	537 298	651 320
3) Percentagem de 2) sobre 1)	18,0%	20,7%
4) Receitas	453 852	494 754
5) Despesas de administração e outras	35 585	37 653
6) Percentagem de 5) sobre 4)	7,8%	7,6%
7) Saldo das receitas sobre as despesas, não considerando as distribuições autorizadas	418 267	457 101
8) Distribuições autorizadas	292 642	402 375
9) Saldo das receitas sobre as despesas ...	125 625	54 726

I — 6. É aconselhável deixar aqui uma breve referência às principais contas concernentes à gerência que se está a apreciar.

I — 7. Na conta de «Distribuições» são escrituradas duas epígrafes — «Actividades directas» e «Subsídios». No ano de 1965, a tais epígrafes correspondem os seguintes valores:

	Contos
Actividades directas ..	73 978
Subsídios	328 397
	402 375

I — 8. Como se sabe, as fontes de receita da Fundação consistem no rendimento dos seus bens próprios e nos dividendos recebidos das Companhias Subsidiárias — interessadas em operações de petróleos e investimentos. No ano de 1965, registou-se um acréscimo destes dividendos, da ordem dos 25 000 contos. Logo, aumentaram os lucros líquidos das Companhias Subsidiárias, mas este resultado deve-se, especialmente, à maior tonelagem de petróleo vendido, e não aos preços de venda, pois que estes baixaram, esperando-se, ainda no próximo ano reduções na receita média por tonelada, em consequência de uma alteração nos impostos locais.

I — 9. Não obstante o acima referido no que se que a posição líquida das Companhias Subsidiárias teve um acréscimo de cerca de 468 000 contos, neste se compreendendo a importância de novos investimentos em acções de Companhias diversas, que atingem 235 396 contos.

I — 10. Os rendimentos a que acima se faz referência e a evolução de outros valores constantes do inventário do activo e passivo deram origem a nova expansão do património da Fundação, incluindo o detido por as Companhias Subsidiárias, computada em 524 256 contos, como se passa a analisar seguidamente.

II — EXAME DO INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO

II — 1. O inventário do património, organizado com os valores referidos de 31 de Dezembro de 1965, e posto em confronto com o dos dois anos anteriores, no seguinte quadro:

Ainda que continuem a figurar apenas por valor simbólico as colecções de arte, nota-se a seguinte evolução:

	Contos
Gerência de 1964 ...	6 311 037
Gerência de 1965 ..	6 835 293

Sectores patrimoniais	31-XII-1963		31/XII/1964		31/XII/1965	
	Em contos		*Em contos*		*Em contos*	
A — Património artístico ...		Valor contabilístico *Esc. 100*		Valor contabilístico *Esc. 100*		Valor contabilístico *Esc. 100*
B — Companhias Subsidiárias da Fundação:						
B. 1. — Posição líquida, excluindo o activo imobilizado (ver B. 2/B6 abaixo)	3 339 849		3 873 615		4 341 841	
B 2. — Investimento na «Iraq Petroleum Co., Ltd.», suas associadas e outras companhias petrolíferas. Acções integralmente realizadas .		Valor nominal *£ 9 116 996*		Valor nominal *£ 9 116 996*		Valor nominal *£ 9 117 009*
B 3 — Adiantamentos a «Iraq Petroleum Co., Ltd.», suas associadas e outras companhias petrolíferas		*£ 2 218 453*		*£ 1 950 455*		*£ 3 211 283*
B. 4. — Propriedades (a) ...	1 629		1 629		1 557	
B. 5. — Mobiliário e equipamento (b)	175		158		125	
B. 6. — Viaturas c/motor (b)	59		44		64	
C — Posição líquida do património independente da Fundação	2 299 425		(c) 2 435 591		(c) 2 491 706	
	5 641 137	—	6 311 037	—	6 835 293	—

(a) São as seguintes as propriedades e os valores atribuídos em 1965.

Palácio na Av. Iena, Paris	516 contos
Edifício na R. Émile Menier, Paris	195 »
Propriedade «Les Enclos», perto de Deauville	846 »
	1 557 »

(b) Foi deduzida a depreciação.
(c) Foi deduzido o valor nominal das acções em Companhias Subsidiárias (662 contos) — ver adiante o Balanço da Fundação.

II — 2. Como habitualmente, faz-se uma breve justificação quanto a alguns dos elementos sectoriais descritos no quadro precedente:

A — Património artístico

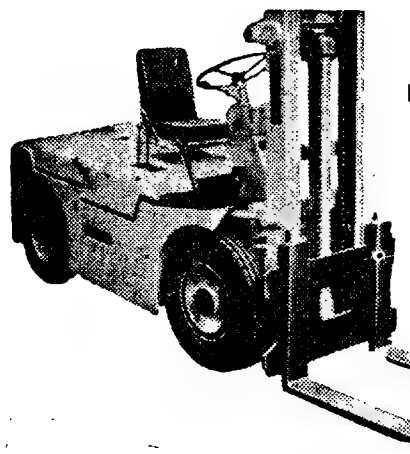
II — 3. Não obstante continuar a contabilizar-se por um valor simbólico (Esc. 100) toda a colecção de arte que constitui o património artístico da Fundação, é de acentuar que a mesma, sob a fiscalização do Serviço de Museu da Fundação, no Palácio Pombal, em Oeiras, está segura no valor global de

(Continua na página seguinte)

É BOM

é...

GALET...



EMPILHADORES
PARA TODOS OS FINS
DE 1 A 5 TON.:
— GASOLINA
— DIESEL
— BUTANO PROPANO
modelos especiais
ANTIDEFLAGRANTES

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
ARMAX BATIGNOLLES
MOTODIESEL, L.DA
R. São Paulo, 242-244
Telef. 323938 LISBOA

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

(Continuação da página anterior)

395 699 contos. Não conta o preço, quando a substituição de objectos de arte raros não é possível. Todavia,

II — 4. O valor seguro é um pouco superior ao determinado no balanço de 1964, visto se terem adquirido no decurso de 1965 diversas obras de arte, no valor total de 1111 contos. Este dispêndio enquadrou-se na rubrica de «Actividades directas», no capítulo respeitante ao nosso País.

B — Companhias Subsidiárias

B.1. — Posição líquida

II — 5. Como anteriormente se referiu (1.9), a posição líquida das Companhias Subsidiárias acusou, em 1965, uma expansão de 468 226 contos, com origem nos seguintes valores:

Posição das Companhias Subsidiárias em 31 de Dezembro de 1965

Activo	*Contos*	*Passivo*	*Contos*
I — Disponível:		I — Exigível:	
1. Em Caixa e em Bancos	1 115 867	1. Credores	176 290
2 Devedores	277 933	2. Dividendos pagáveis à Fundação	2
			176 292
II — Realizável:			
1. Investimentos em acções de Bancos e Companhias (Valor cotado em 31-12-65: 4 243 136 contos). Preço do custo	3 124 333	II — Posição líquida (não inclui os bens imobilizados que constam, em separado, do quadro do Património — § II — 1)	4 341 841
	4 518 133		4 518 133

II — 6. Para a determinação da evolução dos valores acima anotados, recorreu-se à sua comparação com os do ano anterior:

(Em contos)

Activo	*1964*	*1965*	*Diferença*
Caixa e Bancos	944 695	1 115 867	+ 171 172
Devedores	264 077	277 933	+ 13 856
Investimentos em acções de Bancos e Companhias	2 888 937	3 124 333	+ 235 396
Títulos públicos e de autarquias locais	1 583	—	— 1 583
	4 099 292	4 518 133	+ 418 841
Passivo			
Credores	145 676	176 290	+ 30 614
Dividendos a pagar à Fundação	80 001	2	— 79 999
	225 677	176 292	— 49 385
Posição líquida	3 873 615	4 341 841	+ 468 226
	4 099 292	4 518 133	+ 418 841

II — 7. Nota-se que, no activo, todas as diferenças mais significativas são positivas, nelas se destacando a de 235 396 contos, que corresponde ao aumento de investimentos em acções de Companhias diversas.

Todos os títulos foram contabilizados ao preço do custo, sensivelmente mais baixo do que o da cotação registada em 31 de Dezembro de 1965.

II — 8. No passivo, além da natural evolução dos valores afectos à rubrica de «Credores», a maior diferença resulta da contabilização dos «Dividendos pagáveis à Fundação», de harmonia com as liquidações efectuadas.

B.2. — Investimentos na «Iraq Petroleum Co., Ltd.», suas associadas e outras companhias petrolíferas.

II — 9. No ano de 1965, manteve-se sensivelmente o mesmo valor.

B.3. — Adiantamentos a «Iraq Petroleum Co., Ltd.», suas associadas e outras companhias petrolíferas.

II — 10. O valor correspondente a esta rubrica subiu em 1965 para manutenção da posição accionista das Companhias Subsidiárias.

B.4 — Propriedades

II — 11. O valor de 1964 sofreu o decréscimo correspondente à desvalorização contabilizada em relação a duas das propriedades do património das Companhias Subsidiárias.

B.5. — Mobiliário e equipamento

B.6. — Viaturas com motor

II — 12. Não se registam em 1965 diferenças em relação ao ano anterior, que mereçam qualquer anotação.

C — Posição líquida do património independente da Fundação

II — 13 Já se puseram em confronto (§ 1.2) os valores da posição líquida do património independente, da Fundação, nos anos de 1964 e 1965. Apurou-se, para mais, uma diferença de 56 115 contos, cuja discriminação se fará adiante.

Esta evolução positiva segue-se a outras, do mesmo sinal, registadas nos anos anteriores, facto este que é relevante para se ajuizar da orientação por que se tem processado a actividade administrativa da Fundação.

II — 14. A posição líquida no final do ano de 1965 foi determinada pela conjugação dos seguintes valores que constituem o Balanço da Fundação Calouste Gulbenkian:

II — 15. Para o já referido aumento verificado em 1965, na posição líquida do património independente da Fundação, contribuiram os seguintes valores:

a) Fundo de capital:		
— Lucros na realização de investimentos		2 480 867$00
— Diferenças cambiais		647 750$00
		3 128 617$00
— Transferência para a reserva de pensões	143 975$00	
— Transferência para os testamenteiros	1 595 180$00	1 739 155$00
		1 389 462$00
b) Rendimento não distribuído em 1965		54 725 864$00
		56 115 326$00

II — 16. Os lucros de investimentos correspondem aos resultados obtidos entre operações com acções cotadas de diversas companhias e à venda de alguns títulos.

II — 17. A verba indicada como transferida para os Testamenteiros corresponde a impostos pagos no Reino Unido, respeitantes a obras de arte que se encontravam em Londres, na altura da morte do Fundador.

II — 18. Verifica-se, pelo Balanço, que o activo disponível, pròpriamente da Fundação, isto é, excluído o das Companhias Subsidiárias, aumentou em cerca de 500 000 contos. Eis a razão: depósitos a médio prazo, deste montante, que tem o seu vencimento em 1966, foram transferidos para o capítulo «Em Caixa e em Bancos». Daí, a este aumento, corresponder idêntica diminuição no activo realizável. «Títulos e depósitos» a médio prazo. Trata-se de uma mudança de posição nas contas.

II — 19. A rubrica «Viaturas com motor» foi acrescida com a locução «... e outro equipamento», para abranger aquisições no valor de 1092 contos. Adquiriram-se, no ano de 1965, mais 5 viaturas pelo custo de 333 contos, duas das quais destinadas ao serviço das bibliotecas itinerantes. Mesmo assim, como a conta sofreu um abate por amortização no valor de 1647 contos, regista-se uma diminuição de 222 contos.

II — 20. O acréscimo de 65 575 contos que o Balanço acusa na rubrica de «Propriedades» resultou da aquisição de mais imoveis na Avenida de Berna, em Lisboa, e das obras com instalações permanentes, no Parque Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e no Palácio Pombal, em Oeiras, bem como da conclusão dos novos edifícios para o Centro de Biologia, em Oeiras.

II — 21. No passivo, verifica-se sensível decréscimo na rubrica de «Credores» (— 8754 contos), sendo, todavia, de salientar a verba correspondente às distribuições autorizadas mas não pagas até ao final de 1965, cujo montante, comparado com o do ano anterior, acusa o aumento de 112 526 contos.

O quadro seguinte indica o movimento deste importante sector, índice seguro do notável incremento que a Fundação vai operando na consecução dos fins para que foi criada.

(Em contos)

Países	Importâncias autorizadas cujos encargos transitaram para 1965 — 1	Autorizado no decurso de 1965 — 2	Soma de 1 e 2 — 3	Pago no decurso de 1965 — 4	Importâncias autorizadas cujos encargos transitaram para 1966 — 3 — 4 — 5
Portugal	125 043	252 584	377 627	156 584	221 043
Comunidades arménias	62 378	39 280	101 658	32 493	69 165
Reino Unido e Comunidade Britânica	56 634	41 583	98 217	31 433	66 784
Iraque e outros países do Médio Oriente	224 069	48 039	272 108	44 335	227 773
Outros países	51 896	20 889	72 785	25 004	47 781
	520 020	402 375	922 395	289 849	632 546

III — COMPARAÇÃO ENTRE AS RECEITAS E AS DESPESAS

III — 1. No ano de 1965, registou-se um acréscimo das receitas computado em cerca de 9 % do total respeitante ao ano anterior. Para este acréscimo contribuiram todas as fontes, destacando-se, todavia, as dos «Dividendos das Companhias Subsidiárias» e «Juros».

III — 2. O alinhamento seguinte, fornece o pormenor:

(Em contos)

	1964	*1965*	*Diferença*
Dividendos das Companhias Subsidiárias	347 602	372 282	+ 24 680
Outros Dividendos	19 790	22 354	+ 2 564
Juros	86 048	97 768	+ 11 720
Impostos recuperados	370	1 988	+ 1 618
Receitas diversas	42	362	+ 320
	453 852	494 754	+ 40 902

IV — EXAME SOBRE SE A APLICAÇÃO DOS RENDIMENTOS DA FUNDAÇÃO SE REALIZOU DE HARMONIA COM OS SEUS FINS ESTATUTÁRIOS

IV — 1. As receitas citadas em III — 2. foi dada a seguinte aplicação (em contos):

Despesas de Administração	33 788		
Outras despesas	2 723		
Encargos testamentários	868		
Comemoração do X aniversário da morte do Fundador	274	37 653	7,61%
Distribuições:			
Actividades directas	73 978		
Subsídios	328 397	402 375	81,33%
Total aplicado		440 028	88,94%
Saldo para a gerência seguinte		54 726	11,06%
		494 754	100,00%

BALANÇO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN EM 31 DE DEZEMBRO DE 1965

ACTIVO

I — Disponível:			
1. Em Caixa e em Bancos		1 627 226 397$00	
2. Devedores e juros vencidos		32 233 048$00	
3. Adiantamentos a empreiteiros por trabalhos de construção		27 238 730$00	
4. Dividendos a receber das Companhias Subsidiárias		1 616$00	1 686 699 791$00
II — Realizável:			
1. Títulos e depósitos a médio prazo. Preço do custo		1 310 220 046$00 (a)	
2. Viaturas com motor e outras equipamento		1 445 255$00	
3. Propriedades		144 660 968$00	
4. Colecção de arte (valor por memória)	100$00		
5. Acções das Companhias Subsidiárias:			
— Transferidas da Herança (valor por memória)	100$00		
— Subscritas pela Fundação	661 950$00	662 050$00	662 150$00 / 1 456 988 419$00
			3 143 688 210$00

PASSIVO

I — Exigível:		
1. Credores	2 737 295$00	
2. Parte das importâncias autorizadas para os fins específicos da Fundação, mas não pagas até 31-12-1965	632 545 981$00	635 283 276$00
II — Reserva para pensões dos funcionários		16 036 624$00
III — Posição líquida		2 492 368 310$00
		3 143 688 210$00

(a) Títulos públicos (cotação em 31-12-1965 = 232 981 971$00) ..... 233 768 661$00
Outros títulos (cotação em 31-12-1965 = 749 252 529$00) ..... 655 022 814$00
Depósitos a médio prazo ..... 421 428 571$00
1 310 220 046$00

Fundação Calouste Gulbenkian

IV — 2. Os numeros indicam com toda a clareza a aplicação dada á receita do ano de 1965 e a posição percentual das várias rubricas.

Acentua-se notavel

IV — 2 1. Que se [illegible] sensìvelmente na mesma percentagem as despesas de funcionamento ou encargos gerais em relação ao ano anterior;

IV — 2. 2 Que de 1964 para 1965 se passou de 64,5 % para 81,3 %, na aplicação em «Distribuições» o que, não obstante no ano de 1965, se ter procedido a distribuições especiais por motivo da passagem do aniversário da morte do Fundador, revela o contínuo desenvolvimento da acção prosseguida pela Fundação, no ambito dos elevados fins para que foi instituída

IV — 3. No quadro que se segue em que se agrupam as «Distribuições», incluindo as «Actividades directas», pelos países beneficiados, justifica-se a ultima afirmação

(Em contos)

Países	*Até 1961*	*1962*	*1963*	*1964*	*1965*	*Total*
Portugal	313 403	92 225	99 767	144 070	252 584	902 049
Comunidades Arménias	102 656	26 455	29 200	37 649	39 280	235 240
Reino Unido e Comunidade Britânica	98 633	26 105	26 865	39 939	41 583	233 125
Iraque e outros países do Médio Oriente	162 115	32 639	107 096	50 260	48 039	400 179
Outros países	95 474	15 804	18 343	20 724	20 889	171 234
	772 311	193 228	281 271	292 642	402 375	1 941 827

IV — 4 Como habitualmente organizou-se em relação ao ano de 1965 o seguinte quadro que, tambem por países beneficiados, indica os montantes por cada um dos fins específicos:

(Escudos)

Países	*Fins*				*Total*
	Caritativos	*Artísticos*	*Educativos*	*Científicos*	
Portugal	57 446 047$	63 418 889$	70 072 341$	61 647 719$	252 584 996$
Comunidades Arménias	707 571$	188 356$	35 526 575$	2 857 142$	39 279 644$
Reino Unido e Comunidade Britânica ...	13 200 134$	22 117 440$	6 190 242$	74 800$	41 582 616$
Iraque e outros países do Médio Oriente	12 032 694$	2 208 114$	28 998 277$	4 800 000$	48 039 085$
Outros países	1 721 011$	1 023 571$	14 379 309$	3 766 042$	20 889 933$
	85 107 457$	88 956 370$	155 166 744$	73 145 703$	402 376 274$

IV — 5. De harmonia com os valores constantes do quadro anterior, verifica-se que as «Distribuições», tiveram, em percentagem, a seguinte aplicação no ano de 1965:

Fins caritativos	21,1%
Fins artísticos	22,1%
Fins educativos	38,6%
Fins científicos	18,2%

IV — 6. Como anteriormente se tem registado é ao sector educativo que corresponde a maior percentagem dos auxílios concedidos.

IV — 7. A Comissão Revisora de Contas, em execução do disposto no n.º 2, do artigo 25.º dos Estatutos, declara a conformidade e exactidão dos numeros constantes do quadro incluído no § IV — 4.º

V — CONCLUSÕES

V — 1. A análise minuciosa que incidiu sobre os documentos que serviram de base ao que atrás se teve a honra de deixar exposto, permite á Comissão Revisora de Contas poder afirmar que os citados documentos exprimem, com clareza e fidelidade, o que foi a gerência de 1965 da Fundação Calouste Gulbenkian e a sua situação patrimonial em 31 de Dezembro de 1965 — tudo em rigorosa observancia das normas estatutárias.

V — 2. É de elementar justiça salientar a acção do Conselho de Administração da Fundação, que continuou a ser orientada no ano de 1965 no sentido de valorizar o património, sem prejuízo do impulso — que os numeros revelam — dado a todas as actividades. Foi firme, prudente e profícua a sua Administração. O seu perseverante esforço merece todos os encómios.

V — 3. Nos termos do artigo 26.º dos Estatutos que fazem parte integrante do Decreto-Lei n.º 40 690, de 18 de Julho de 1956, tem a Comissão Revisora de Contas a honra de emitir o seguinte

PARECER

Considerando que o inventário do Património da Fundação continua a ser organizado por forma a serem determinados, fácil e perfeitamente, os elementos que o constituem;

Considerando que foram escrupulosamente respeitadas as disposições estatutárias da Fundação;

Considerando que a acção do Conselho de Administração se revelou, mais uma vez, notável, fiel aos altos desígnios do Fundador, inteiramente merecedora do prestígio que alcançou e do respeito geral;

Considerando que é patente a competência e a dedicação dos colaboradores de que dispõe a Fundação;

Deliberam os da Comissão Revisora de Contas:

1.º — Louvar a superior, criteriosa e esclarecida acção do Conselho de Administração, a quem se devem os excelentes resultados da gerência;

2.º — Manifestar o seu apreço pela competência e dedicação de todos quantos colaboraram nos trabalhos da Fundação;

3.º — Homologar os resultados da gerência de 1965 da Fundação Calouste Gulbenkian.

A COMISSÃO REVISORA DE CONTAS

Vogais efectivos:

(a) Aureliano dos Anjos Felismino
Director-Geral da Contabilidade Pública
(Relator)
(a) Armando Jorge Santos Carvalho da Fonseca
Director-Geral da Assistência

Vogais designados:

Pela Academia das Ciências de Lisboa:

(a) António Pereira Forjaz
Secretário-Geral da Academia

Pela Academia Nacional de Belas-Artes:

(a) Armando Figueiredo de Lucena
Secretário da Academia

Pelo Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias:

(a) António Júlio de Castro Fernandes
Vice-Presidente do Conselho Geral do Grémio

some... multiplique...

...as suas economias

COFRE-MEALHEIRO

"Depósitos em condições especiais"

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM CASO ESPECIAL NA BANCA PORTUGUESA

A Conferência da Educação

(Continuação da 8.ª página)

reconheceu ser preciso alargar imediatamente o período de escolaridade obrigatória de quatro a seis anos, o que se fez. Seguidamente, para cumprir a tarefa prevista, era necessário um órgão especializado que a ela se dedicasse inteiramente. O ministro da Educação Nacional, prof. Galvão Teles, que tinha já participado activamente nos trabalhos das reuniões dos ministros da Ciência dos países da O. C. D. E. e que sempre apoiou os trabalhos, criou, para este fim, no Ministério, o Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, ao qual foram dados os meios necessários para o cumprimento de um trabalho de grande envergadura. O Gabinete de Estudos, continuando activamente os trabalhos da segunda fase do P. R. M., concentra actualmente os seus esforços nas seguintes questões fundamentais:

1) Revisão dos modelos, gerais e específicos, nos quais se baseia o sistema educativo português;
2) Elaboração dos planos de acção visando objectivos determinados de ordem quantitativa;
3) Criação de infraestruturas que possam assegurar uma continuidade, que é indispensável, á preparação e boa execução dos planos.

No que respeita aos planos de acção, prossegue-se, neste momento, na preparação de um plano de seis anos, a executar durante o período 1968/1973. Isto quer dizer que o fim principal dos trabalhos é a determinação dos objectivos educacionais, a integrar no III Plano de Fomento (1968/1973). Com efeito, os trabalhos do P. R. M. estão estreitamente ligados aos trabalhos de preparação, em curso, desse III Plano de Fomento.

Por outro lado, quando se analisam os trabalhos do Gabinete de Estudos e de Planeamento da Acção Educativa é interessante notar quanto é forte a preocupação de uma equipa dinâmica de não conduzir de forma alguma á fabricação em série de relatórios volumosos, destinados a ser classificados nas bibliotecas, definitivamente divorciados da vida. Desta maneira, e tendo em vista os objectivos que o Plano de Fomento se propõe atingir, a equipa deve determinar os dados mais propícios a assegurar a prossecução dos objectivos, no que respeita a efectivos escolares, instalações, professores, acção social escolar e encargos financeiros. Estes dados deverão ser especificados segundo os diferentes graus e os diferentes ramos de ensino, assim como região por região.

As quatro grandes tarefas a cumprir até ao fim de 1967

O programa dos trabalhos do Gabinete foi, pois, estabelecido na base da execução das quatro grandes tarefas concretas seguintes:

1) Bases qualitativas do plano, que servirão de suporte aos dados quantitativos e que se ligam especialmente á estrutura do sistema escolar, aos aspectos pedagógicos particulares de cada grau de ensino e de cada ramo, e, finalmente, ás revisões a introduzir na avaliação dos fins globais, como foi feito no decurso da primeira fase do projecto;
2) Situação actual e sua evolução até ao fim do ano de 1967. Essa situação deve ser considerada nos seus aspectos económicos, demográficos e educativos, em cada distrito e em cada municipalidade. A situação provável em fins de 1967 deve ser determinada baseando-se na carta escolar actual, assim como na estrutura educativa previsível para 1967, nos seus aspectos qualitativos e quantitativos;
3) Objectivos globais para o período de 1968/1973, a atingir no que respeita aos efectivos escolares, instalações, professores, acção social escolar e encargos financeiros, para cada um dos graus e ramos de ensino;
4) Objectivos regionais para o período de 1968/1973, como base para a regionalização do plano e sua execução por distritos.

Ao mesmo tempo, serão activados os trabalhos respeitantes á elaboração da Carta Escolar, estudos dos custos e financiamento do ensino, utilização das instalações escolares, utilização dos professores, meios não formais de ensino e acção social escolar. Uma das conclusões mais importantes do P. R. M. conduz precisamente, e de novo, ao tema da Conferência agora reunida: trata-se da conclusão segundo a qual é hoje indispensável promover uma adaptação do ensino secundário ás necessidades da sociedade moderna, o que impõe uma reestruturação desse ensino. E o orador concluiu:

«Uma conclusão que decorre de um trabalho verdadeiramente extraordinário, prosseguido durante anos em pleno acordo e sem desfalecimento por seis países diferentes com a coordenação de uma organização internacional, a O. C. D. E. O êxito destes trabalhos levou os países mais industrializados da Organização a constituir um novo grupo, o I. P. E., que prossegue, nos mesmos domínios dos investimentos através da execução e da planificação do ensino, um trabalho semelhante. Encara-se desde já uma fusão dos dois projectos — P. R. M. e I. P. E. — que permitirá certamente abrir novos horizontes a uma tarefa que foi prosseguida com tanto êxito até agora».

Terminada a exposição do sr. prof. Cruz Vidal, usaram da palavra alguns dos delegados estrangeiros, que solicitaram mais amplos esclarecimentos sobre os aspectos da educação em Portugal. Intervieram, também, na discussão dois técnicos da O. C. D. E. e alguns dos membros da nossa delegação.

Durante a tarde, os congressistas deram um passeio por Sintra, Cascais e Estoril, e, no regresso a Lisboa, são obsequiados, na Estufa Fria, com uma recepção oferecida pela Câmara Municipal. A Conferência prossegue amanhã e termina no sábado.

MG

leva consigo... a robustez da forma!

Se a robustez dinâmica do MG 1100 pode ser comparada a um pedestal de estátua, não há dúvida que o MG 1100 merece também o seu próprio pedestal.
Porque a sua consagração é universal, toda a gente lhe atribui um lugar à parte entre os automóveis.
Um lugar à parte... Um lugar de destaque – um pedestal!

A. M. ALMEIDA, S.A.R.L. Av. da Liberdade, 11, 11-A - Lisboa

Cosmonautas poderão despoletar bombas atómicas em órbita

— conclusão a tirar da experiência efectuada durante o voo da cápsula espacial «Gémeos 10»

O cientista Von Braun, alemão de nascimento e naturalizado americano

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 28 — (Por Alvin B. Webb, da U. P. I.) — (A. N. I.) — Graças ao voo da «Gémeos 10», a bomba de hidrogénio em órbita deixou de ser o sombrio terror militar que fora até aqui.

A ideia de um engenho nuclear num infinito percurso, apontado para um alvo terrestre, tem tido nos ultimos anos o favor dos teóricos militares. Segundo pensavam, esse engenho teria a função de «espada de Dámocles» da era espacial, suspensa sobre a Humanidade.

Durante anos, os Estados Unidos procuraram um acordo com a U. R. S. S. para deixar o espaço fora de uma eventual guerra.

Os astronautas John Young e Michael Collins demonstraram, com o voo da «Gémeos 10», que, com acordo ou sem ele, existe defesa relativamente simples contra uma bomba atómica em órbita: o envio de um astronauta para se «encontrar» com o perigoso satélite e «cortar-lhe as garras».

Young e Collins provaram a viabilidade dessa operação, ao perseguirem um satélite «morto» no espaço — o foguetão «Agena», em órbita desde o voo da «Gémeos 8», em Março — aproximando-se a tal ponto que Collins saiu da cápsula e «andou» no espaço até lhe tocar. Se o «Agena» tivesse a bomba, Collins não teria tido grande dificuldade em a despoletar.

A própria localização, mesmo no espaço, não é difícil e os Estados Unidos têm conhecimento de todos os satélites russos que gravitam em torno da Terra, por meio de um complexo sistema de radar — idêntico a outro de que a União Soviética, possivelmente, dispõe para detectar e identificar os satélites lançados pelos americanos.

Assim, a localização é sempre conhecida e com uma exactidão que não vai além da diferença de poucos metros. O problema fica a ser apenas a manobra de aproximação.

Os peritos militares, na sua maioria, supõem que os russos teriam grande relutância — perante a eficiência demonstrada — em gastar as elevadas verbas que seriam necessárias para aperfeiçoar e colocar em órbita uma arma atómica.

A viagem da «Gémeos 10» foi o meio eficaz de fazer abandonar os planos para colocar uma bomba em órbita. E os planos regressam ao domínio de que saíram — ficção científica.

Von Braun admite que os russos efectuem em breve um voo lunar

WASHINGTON, 28 — (F. P. e R.) — O dr. Werner Von Braun, chefe do programa americano dos foguetões lunares «Saturno», declarou declarou hoje que a U.R.S.S. parece estar prestes a enviar cosmonautas para uma órbita lunar ou a colocar um cão na superfície do nosso satélite.

Segundo o «Washington Post-Los Ongeles Times», Von Braun disse: «Estou convencido que os russos estão prestes a enviar astronautas para uma órbita em torno da Lua, com regresso á Terra, ou a enviar um cão para a Lua e trazê-lo de novo para a Terra».

Von Braun acrescentou que baseia a sua convicção em recentes declarações feitas por funcionários das agências espaciais soviéticas e por cosmonautas.

O cientista disse, no entanto, que os russos terão de provar ainda que dispõem dos foguetões de três pisos provávelmente necessários para um voo lunar de ida e volta. Por outro lado, ao que parece, a União Soviética não resolveu os problemas levantados pela entrada na atmosfera de um veículo de retorno de uma órbita lunar, á velocidade de 40 000 km/h, aproximadamente, em vez dos cerca de 28 000 no caso do regresso de uma órbita terrestre.

A ALTA COSTURA «IGNORA» A MINI-SAIA

PARIS, 28 — (F. P.) — Depois de breve ofensiva, a mini-saia abandona os salões de alta costura. Três dias de passagens de colecções chegam para tranquilizar quem não gosta de mostrar os joelhos, porque as bainhas parecem estabilizar-se na rótula. A moda que acaba de nascer é razoável, funcional, feminina e de cores discretas.

ESPELHOS GIGANTESCOS PARA ILUMINAR À NOITE AS SELVAS DO VIETNAM

WASHINGTON, 28 — (A. N. I.) — Espelhos gigantescos, que serão colocados no espaço exterior, a fim de, á noite, iluminarem as selvas do Vietnam, por meio da reflexão da luz solar, foram encomendados a duas firmas americanas — informa a N. A. S. A.

Os espelhos, que serão montados em veículos espaciais, terão cerca de 600 metros de diâmetro, podendo iluminar uma área de 600 quilómetros com uma luminosidade duas vezes superior á da Lua.

Os satélites portadores destes espelhos ficarão estacionários, sobre o Sueste da Ásia, á altitude de cerca de 37 mil quilómetros, sincronizados com o movimento de rotação da Terra.

GROMYKO PROPÕE: UMA LIGAÇÃO PELA TV ENTRE O JAPÃO E A UNIÃO SOVIÉTICA

TÓQUIO, 28 — (R.) — Um informador do ministério dos Negócios Estrangeiros japonês revelou hoje que Andrei Gromyko propusera uma ligação pela TV entre a U. R. S. S. e o Japão, utilizando-se satélites soviéticos.

O ministro dos Negócios Estrangeiros soviético fez essa sugestão durante a primeira série de conversações que travou, na terça-feira, passada, com o seu colega japonês, Etsusaburo Shiina, que prometeu estudar a proposta.

Fontes afectas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão disseram que se julgava que Gromyko explicara que dois satélites de comunicações soviéticos, lançados o ano passado, estavam a ser empregados como estações de retransmissão para ligações de TV entre Moscovo e Vladivostock.

O mesmo informador disse que o ministro soviético apresentara a ideia após manifestar a esperança de maior intercambio entre os dois países nos campos cultural e científico.

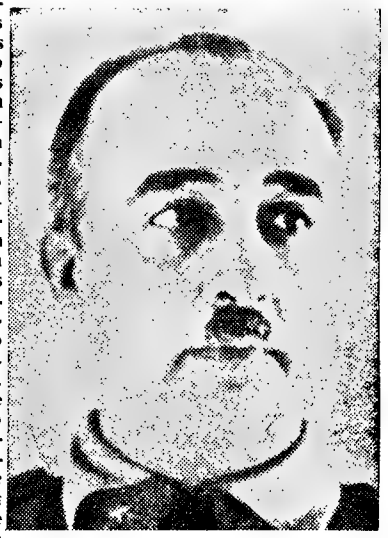
Gromyko, que realiza uma visita oficial de uma semana ao Japão, percorreu esta manhã a antiga capital de Kyoto.

Esta tarde deve visitar um estaleiro naval na cidade próxima de Sakai e assistir a um banquete oferecido pelas autoridades de Osaka.

DIA A DIA

O FUTURO DE GIBRALTAR

As conversações anglo-espanholas sobre o futuro de Gibraltar as quais se iniciaram há semanas aquando da visita a Londres do ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, Castiella, estão em ponto morto. O Governo de Madrid, embora sem condições nem prazos imediatos, reclama a soberania naquela parcela do território nacional, a qual se encontra transformada em colónia de Coroa britânica. Os ingleses não se mostram dispostos a aceitar essa tese ou a fazer dela a base de negociações diplomáticas susceptíveis de dar resultado. As contra-propostas apresentadas pelo gabinete britânico não se aproximam, de longe, da vontade manifestada pelos espanhóis. Essas propostas são tentativas de compromisso que deixam intacto o princípio da soberania da Grã-Bretanha naquela posição estratégica sempre considerada de grande valor pelos ingleses. Apesar das transformações revolucionárias que o tempo introduziu nas doutrinas estratégicas, em Londres continuam a considerar Gibraltar como um factor decisivo da presença inglesa no Mediterrâneo.



FRANCISCO FRANCO
Chefe do Estado espanhol

Até agora a Grã-Bretanha propôs pôr termo ao regime de colónia da Coroa em Gibraltar para não ferir as susceptibilidades dos espanhóis, dando-lhe um estatuto de província ou, como diz o «Herald Tribune», de «quase província». Além dessa concessão a Espanha teria, a título permanente, em Gibraltar uma missão chefiada por um funcionário com a categoria de comissário-geral encarregada de velar pelos interesses espanhóis. A muralha construída há sessenta anos e que separa a zona neutral, situada entre Gibraltar e a Espanha, seria demolida sendo dadas aos espanhóis facilidades para utilizarem o aeroporto existente naquela zona, sem direito, porém, a intervir na sua gestão. Estas condições são manifestamente inferiores áquilo que a Espanha pede e é o exercício da soberania numa parte do seu território.

Deputados trabalhistas sugerem que a Inglaterra se desligue dos E. U. A.

LONDRES, 28. — (F. P.). — Treze deputados trabalhistas, entre os quais Lorde Brockway, assinaram uma declaração preconizando que a Grã-Bretanha se desligue dos Estados Unidos.

A «AMEAÇA» AMERICANA COMPARADA AO ADVENTO DO NAZISMO

A declaração, publicada na véspera da partida de Harold Wilson para Washington, compara a «ameaça» americana ao advento do nazismo.

Os signatários reclamam a partida das tropas americanas estacionadas na Grã-Bretanha e a retirada da Grã-Bretanha de todas as alianças militares de que os Estados Unidos são membros.

Pedem, também, que o Governo britanico, co-presidente da Conferência de Genebra sobre o Vietnam, se esforce por reunir de novo a conferência na base de uma partida dos americanos do território vietnamiano.

A declaração dos deputados foi divulgada pela comissão sobre o Vietnam da campanha a favor do desarmamento atómico.

WILSON EXPORÁ EM WASHINGTON A DIFÍCIL SITUAÇÃO ECONÓMICA DA GRÃ-BRETANHA

WASHINGTON, 28. — (F. P.). — A Administração Johnson espera com interesse os detalhes que Wilson lhe dará amanhã sobre as consequências, no domínio militar, das disposições de austeridade que o primeiro-ministro inglês anunciou na Camara dos Comuns. Com efeito, essas disposições podem levar os Estados Unidos a aumentar as já pesadas responsabilidades que têm a Leste do Suez.

O chefe do Governo britanico deve conferenciar ininterruptamente com o presidente americano, que estará rodeado dos seus principais conselheiros civis e militares.

Os meios oficiais americanos pensam que Wilson exporá pormenorizadamente a difícil situação económica em que se encontra o seu país e que, consequentemente, se esforçará por convencer o chefe do executivo americano de que, nas actuais circunstancias, a Grã-Bratanha só difícilmente poderá continuar a assumir todos os seus compromissos a Leste do Suez. Mas tudo parece fazer crer que os Estados Unidos insistirão na importancia da presença inglesa na Ásia. No entanto, espera-se que Johnson acolherá favorávelmente o projecto de redução de despesas militares para salvar o esterlino.

Outro assunto importante a discutir será o Vietnam, na medida em que Wilson acaba de chegar de Moscovo e não deixará de referir-se ás conversações tidas com Kossiguine, as quais levaram a crer que nova convocação da conferência de Genebra não pode ter lugar neste momento, em virtude da atitude negativa do Kremlin.

ATERRAGEM FORÇADA DE UMA AVIONETA PORTUGUESA NO SENEGAL

DAKAR (Senegal), 28 — (A. N. I.) — Dois jovens portugueses, que pilotavam uma avioneta obrigada a aterrar em território senegalês, na sexta-feira, por se ter esgotado o combustível, depois de um erro de navegação, foram reconduzidos á fronteira com a Guiné Portuguesa — afirma-se nos círculos oficiais de Dakar.

Os dois portugueses, cuja identidade não foi divulgada, teriam sido bem tratados durante o período que passaram em Dakar — acrescentam as informações oficiais.

As autoridades senegalesas não consideram grave o incidente e teriam permitido o regresso dos dois jovens ao seu país. Quanto á avioneta, não foi fornecida qualquer informação.

CRÓNICA CINEGÉTICA

(Continuação da 12.ª página)

missão Venatória Regional do Norte, com sede no Porto.

Exerce este organismo jurisdição venatória em 84 concelhos nortenhos. No seu relatório, do qual nos permitimos transcrever algumas das passagens mais elucidativas, pode ler-se que mais um ano passou sem que se modificasse apreciàvelmente o panorama venatório do Norte do País. Talvez menos caça; talvez mais transgressores. Fica-nos a certeza, triste e conhecida, de que há pouca caça e muitos transgressores. Em 1965 o numero de autos levantados por transgressões foi sensìvelmente igual aos anos anteriores. O reduzido corpo de guardas especiais produziu precisamente o mesmo trabalho que em 1964 e nos anos imediatamente anteriores. Dir-se-ia que os guardas, em numero escasso, como se disse, pois o seu efectivo não ultrapassa duas dezenas de unidades para actuarem em 84 concelhos, esgotaram as possibilidades de ir mais longe na repressão aos desmandos e atropelos ás leis da caça, e o magro, verdadeiramente debilitante como adiante verificaremos, orçamento não permite, penosamente, aumentar o numero destes uteis funcionários.

Pouco ou nada variou também a categoria social dos transgressores. Quase todas as camadas sociais se encontram representadas entre os autuados, esclarece a Regional do Norte no seu relatório.

E para não perturbar o equilíbrio desta indisciplina a que uma nova lei tarda a pôr cobro, até os, felizmente poucos, entraves á normalidade do trabalho dos dirigentes desta Comissão Regional — talvez modesto, mas desinteressado e honesto — partiram dos mesmos, dos já conhecidos descontentes de outors anos.

Os atropelantes dos regulamentos, os ladrões da caça e os adeptos da indisciplina continuam em tão estranha como familiar união a aproveitar-se da fraqueza da «velha lei», que, respeitada, seria, como já aqui o temos salientado diferentes vezes, altamente util.

Mas o egoísmo de alguns, a cobiça de outros e a falta de educação e civismo de todos os acima referidos — a uns tantos caberia dar bem melhores exemplos — reclamam medidas drásticas e imediatas.

Na observação angustiosa do desaparecimento progressivo e sistemático das espécies cinegéticas, na desoladora certeza da impotência para o refrear, fica-nos apenas e uma vez mais a esperança, desta vez fundamentada, de que novos e melhores dias hão-de vir para a caça. O Governo da Nação, pela Secretaria de Estado da Agricultura, entregou, em princípios deste ano, á Camara Corporativa, onde tem sido apreciado, um projecto de lei sobre caça.

Depois de registar com prazer a franca e expontanea colaboração da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, pelo bom acolhimento e pela orientação dos problemas que lhe têm sido postos á apreciação, a Regional do Norte realça o esforço despendido pela maioria dos seus guardas especiais de caça e patenteia o seu publico reconhecimento ao pessoal interno que, com o seu chefe de secretaria, sr. Vítor Hugo de Magalhães, foi sempre, e em todas as emergências, além do seu dever no cumprimento da sua espinhosa missão.

O número de licenças cresce...

Elevou-se a 36 622 e 417, o numero de licenças de caça e de furão emitidas na área desta Regional em 1965, contra 35 373 e 339, respectivamente, em 1964. A título de curiosidade damos a conhecer o numero de licenças de caçar concedidas, na região do Norte, no passado quinquénio: 1961, 32 217; 1962, 33 792; 1963, 34 035; 1964, 35 373, e 1965, 36 622. Como se verifica, a quantidade desta espécie de documentos aumenta de ano para ano, motivo por si só suficiente para se desenvolver e aumentar progressivamente a defesa da caça.

Foi de 1027 o numero de autos de transgressão levantados por infracção ás disposições do Regulamento da Caça (879) e do Decreto-Lei n.º 37 313 (130), no ano de 1965, assim discriminados: *De caça* — Cães sem registo, 55; caçar aves uteis á agricultura, 3; caçar em zonas proibidas, 4; caçar em tempo de defeso, 72; caçar de noite, 3; usar redes na caça ao coelho, 12; grupos de caçadores com numero superior ao legal, 21; caçar com matilhas com numero de cães superior ao legal, 14; caçar á espera, 3; caçar com chamarizes, 1; caçar com furão em local proibido, 95; cães soltos a vaguear em tempo de defeso, 444; cães de caça a acompanhar pastores, no defeso, 2; destruição de ninhos de perdizes, 2; matar pombos mansos, 3; caçar sem possuir licença de caça, 127; posse e transporte de furões sem licença, 27; transporte de perdizes mortas em tempo de defeso, 3; perdizes em cativeiro ilegalmente, 1; guardas de propriedades particulares com cartuchos carregados com chumbo de caça, 2; falta de manifesto de armas, 31; venda ilegal de armas caçadeiras, 1; falta de declarações de empréstimo de armas, 17; não se fazer acompanhar de ficha de manifesto de armas, 26; falta de licença de uso e porte de arma de caça, 55. Total, 1027. Em 1964, 1042 autos. Foram apreendidas 93 espingardas de caça, 52 das quais enviadas ao Comando da P. S. P., sendo as restantes entregues aos seus donos depois de legalizada convenientemente a sua posse.

Continuaremos a apreciar a actividade da Comissão Venatória Regional do Norte, muito especialmente a sua situação económica que, como as das restantes Comissões, é verdadeiramente periclitante, relativamente ás necessidades prementes que uma defesa eficiente da fauna cinegética lhe impõe.

NABAIS DA CUNHA

ALÉM DA QUALIDADE

PHILIPS

75 ANOS DE PROGRESSO — PHILIPS — 1891-1966

COMPRE MAIS BARATO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES
...MAS SEMPRE COM
GRANDES FACILIDADES

AOS COMPRADORES DE TELE-RECEPTORES, FRIGORÍFICOS, RADIOGRAMOFONES DE MÓVEL, MÁQUINAS DE LAVAR E GRAVADORES
OFERECEMOS UM RÁDIO
TRANSISTORIZADO
QUE PODE UTILIZAR EM CASA, NA PRAIA OU NO CAMPO
VISITE-NOS E BENEFICIE DAS VANTAGENS DESTA SENSACIONAL

CAMPANHA DA PRIMAVERA

CASA FIGUEIROA

Rua Macau, 8-B — LISBOA — Telefs. 847835/832556

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
CENTRO DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA MATERNO INFANTIL DO DOUTOR BISSAYA-BARRETO
COIMBRA

Cursos de Enfermeiras Parteiras — Puericultoras e Auxiliares de Enfermagem

Parteiras

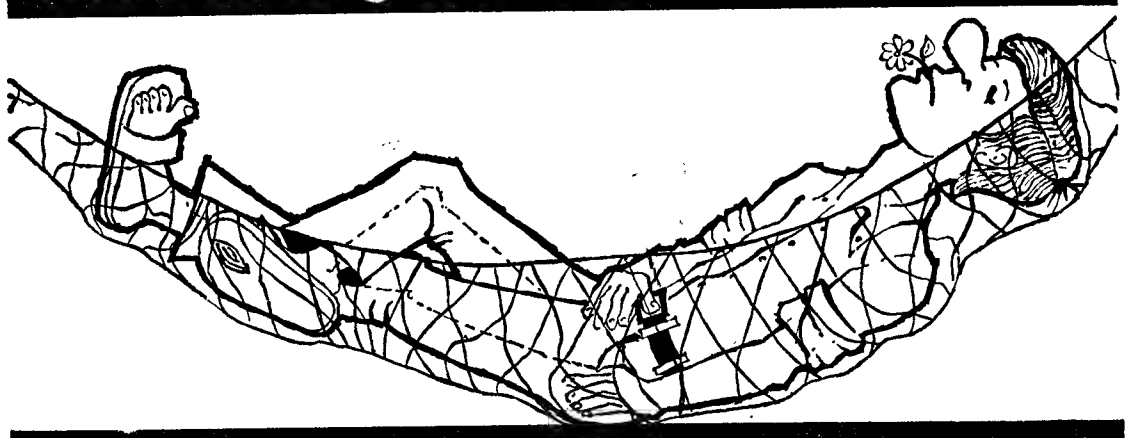
Estão abertas as inscrições para a matrícula nos referidos cursos, de 1 de Agosto a 10 de Setembro, na Escola de Enfermagem Especializada que funciona neste Centro, em regime de internato e semi-internato, e de harmonia com as condições de admissão.

Prestam-se todas as informações na Secretaria da Escola á Quinta da Rainha, telefone P. P. C. — 22017 - 22018 - 22019.

Coimbra, Agosto de 1966.

O DIRECTOR
(a) Prof. Bissaya Barreto

PARA UMAS FÉRIAS MELHORES...
Utilize as viagens "IT"!



O que é uma viagem "IT"?

É uma viagem planeada nos mínimos pormenores.
Desde o estudo de ligações das carreiras e da reserva de alojamentos em cada cidade, à organização de excursões e visitas aos locais de maior interesse.
Tudo previsto, tudo estruturado com eficiência e precisão.
É, além disto,...
uma viagem a preços mínimos!

Alguns dos planos de férias concebidos para si:
1 semana de férias em BRUXELAS e PARIS ..... por 5050,00
15 dias de férias em BRUXELAS, LONDRES e PARIS ..... por 6480,00
15 dias de férias em BRUXELAS, GENEBRA e NICE ..... por 6530,00
15 dias de férias em BRUXELAS, AMESTERDÃO, LONDRES e PARIS ... por 7090,00
15 dias de férias em BRUXELAS, VIENA, FRANCFORT, COLÓNIA e PARIS por 7850,00

Preço incluindo Hotel, excursões e viagem aérea.

Consulte o seu Agente de Viagens...

...E VIAJE COM A SABENA

A COMPANHIA QUE FAZ COMPANHIA

ATILA S2

VEM A LISBOA
HOSPEDE-SE NA PENSÃO RESIDENCIAL
«BOM CONFORTO»
OS MAIS CONFORTÁVEIS APOSENTOS COM BANHOS PRIVATIVOS
R. Douradores, 83, 3.º, Dt.º — Telef. 34128

EXTERNATO MASC. «O BOTÃO»
CLASSES PRIMÁRIAS
Boa pedagogia. — Métodos eficientes. Inscrições limitadas desde os 6 ANOS
Av. Óscar Monteiro Torres, 62-1.º-E

LAVOURA

Grande, distrito de Évora, conselho de Arraiolos, dá-se de parceria á percentagem óptimas terras de semeadura, para temporão e serôdios, a começar em 1 de Setembro de 1966, com alqueives e relvas para oitenta moios, aproximadamente, já feitos.

Dá informações em Évora, e mostra condições, o Senhor Cid da Silva, Rua do Cano, n.º 9 (ás terças e sextas-feiras).

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda na TABACARIA ARCADA — Praça da Renovação, 8-B.

Ver para crer...

NO PAVILHÃO INTERNACIONAL DA FEIRA POPULAR, poderá na prática ser comprovada por milhares de pessoas a ALTA RESISTÊNCIA dos Pavimentos Plásticos «VYNOLAY».

DUNLOP SEMTEX

SOAGE

Ap. 2136 Telef. 49054
LISBOA

LISBOA LIGADA À OUTRA BANDA

(Continuação da página central)

pelo Fundo de Transportes Terrestres. A Câmara Municipal de Almada, incumbida da execução da obra, teve a melhor colaboração dos proprietários dos terrenos, que cederam estes antes de resolvidos os problemas materiais da transferência da propriedade.

A Central é uma construção em céu aberto, mas terá uma zona coberta, para abrigo dos passageiros, e na qual existirão as indispensáveis instalações sanitárias.

• 21 LUGARES DE CAIS PARA AUTOCARROS E PRAÇA DE TAXIS NA CENTRAL

No rectangulo da Central haverá apenas um sentido de transito: Junto da zona coberta ficam os 21 lugares de cais, onde param e de onde partem os autocarros das carreiras para Alcântara, Almada (Tribunal), Seixal e Costa da Caparica.

Na área da Central funcionará uma praça de táxis, com lugares para dez carros. Também se construirão ali dois parques de estacionamento: um para autocarros (com espaço para vinte veículos) e outro para cerca de 60 automóveis particulares.

Chega-se, como dizemos, á placa quadrangular, onde está a Central, por uma via rápida que parte do «trevo». Dos outros três vértices do quadrilátero saem: a via de penetração para Almada, Cristo-Rei e parte norte da Cova da Piedade, cuja construção ainda não começou; a via de penetração, também por construir, para um futuro aglomerado urbano que actualmente se designa por «Plano parcial n.º 9»; e a via de penetração para a parte baixa da Cova da Piedade, Barrocas e Laranjeiro. Por esta ultima via, já concluída, e que entronca na estrada nacional perto do centro da Cova da Piedade, é que se fará, por enquanto, a ligação para Almada. O trajecto, desde a Central Rodoviária até ao Tribunal de Almada, é, assim, de cerca de dois quilómetros.

• A VIA DE PENETRAÇÃO EM ALMADA CUSTARÁ DEZ MIL CONTOS E TERÁ 14 METROS DE FAIXA DE RODAGEM

O percurso entre a Central e o coração de Almada reduzir-se-á, no entanto, para 1300 metros, aproximadamente, logo que seja construída a via de penetração para a sede do concelho.

— Está a obra demorada, disse-nos o eng.º Macieira Dias, devido principalmente á falta de mão-de-obra. Os projectos das 1.ª e 2.ª fases desses acessos a Almada foram já aprovados e o projecto da 3.ª fase está em aprovação. Mas não é provável que os trabalhos se iniciem antes do fim do ano, devendo a sua conclusão verificar-se, na melhor hipótese, daqui por dois anos.

A primeira fase é uma estrada com aproximadamente mil e trezentos metros de extensão, ligando a grande placa da Central Rodoviária ao topo da actual Avenida Nun'Álvares Pereira.

Será uma via com características adequadas ao rápido escoamento do transito: as faixas de rodagem terão 14 metros de largura, havendo passeios com três metros de largura e mais 5 metros de berma em cada um dos lados. Complemento desta, a segunda fase da obra é a penetração para o norte da Cova da Piedade — uma estrada com 9 metros de faixa de rodagem e 4 metros de passeio, na extensão de 320 metros. O custo destas duas fases está orçado em 8500 contos, incluindo o valor das expropriações (que atingem cerca de 4 mil contos para as três fases).

Como fácilmente se deduz, a primeira fase constitui a espinha dorsal do sistema de penetração para Almada. Dela faz parte uma ponte, que custará 1100 contos, e que ligará a zona do bairro de N.ª S.ª da Piedade ao futuro aglomerado conhecido por «Plano parcial n.º 7».

Tem interesse capital para as povoações ao longo da actual estrada da Costa da Caparica a via de ligação ao Monumento a Cristo-Rei, que será construída no topo da Avenida Alvares Pereira e que constitui a terceira fase da obra dos acessos a Almada. Essa ligação, que também resolverá o problema do tráfego normal e dos dias de ponta, para o Monumento, será uma via complexa, com dois pavimentos, a níveis diferentes, numa extensão de cerca de 500 metros.

• NA COSTA DA CAPARICA FORAM CONSTRUIDOS PARQUES DE ESTACIONAMENTO PARA MAIS DE CINCO MIL VEÍCULOS

Quem pretender seguir para a Costa da Caparica poderá, como já dissemos, escolher entre duas soluções: tomar em Alcantara a carreira directa que, transposta a ponte e atingido o «trevo», segue pela via rápida até á Costa; ou viajar na carreira que leva á Central de Almada, e aí apanhar um autocarro para a Costa. É claro que, neste ultimo caso, a viagem será mais demorada. Na carreira directa, e mesmo nas horas de movimento, o trajecto entre Alcantara e a Costa da Caparica demorará, quando muito, vinte minutos, segundo também nos informou o eng.º Macieira Dias.

Vem a propósito dizer que, no lugar das Casas Velhas, a via rápida da Costa da Caparica dá ligação para outros aglomerados da zona ocidental do concelho de Almada: á esquerda, para a Charneca, e á direita, para Monte de Caparica, Trafaria e Porto Brandão.

A comissão incumbida das infra-estruturas de acesso á ponte, no concelho de Almada, teve também a seu cargo a execução do centro rodoviário e de parques de estacionamento para mais de 5 mil veículos, na Costa da Caparica, os quais se encontram concluídos. Também lhe coube construir, na referida freguesia, algumas pequenas estradas, especialmente a das Matas Nacionais, e reparar outras, de maneira a que o transito intenso, que se prevê para depois da inauguração da ponte, tenha escoamento rápido. As obras mencionadas estão igualmente terminadas.

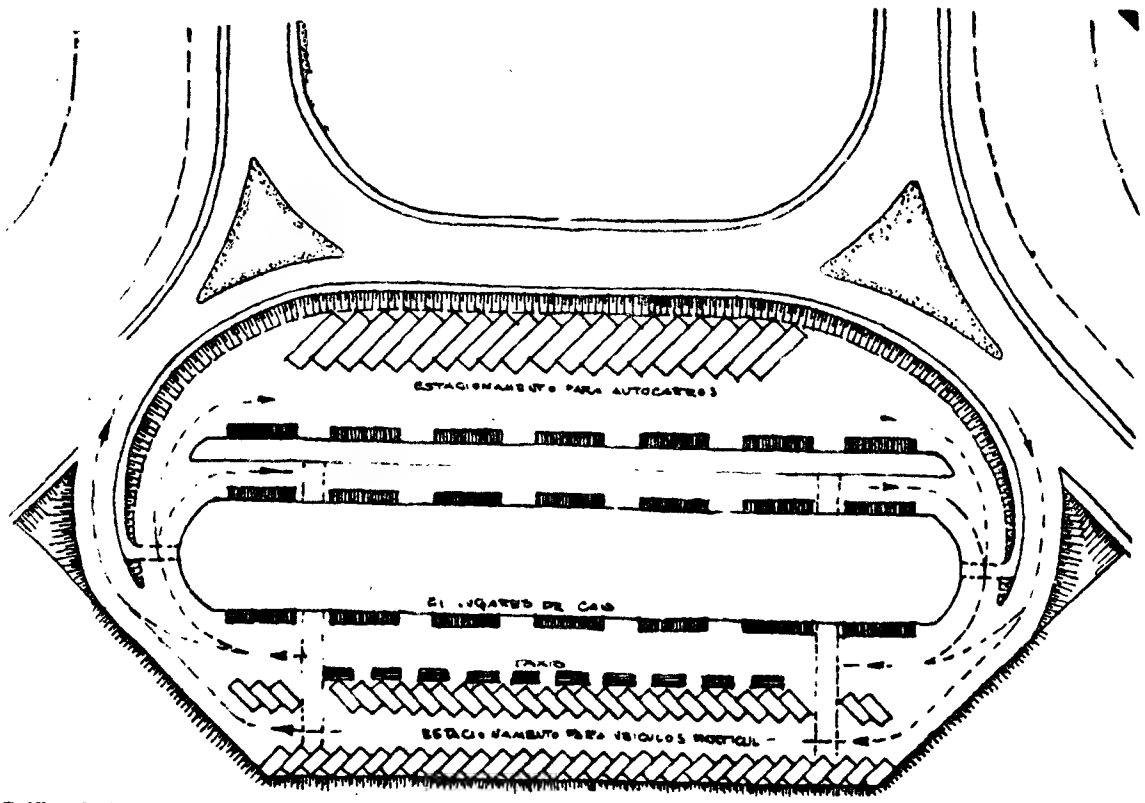


Gráfico da implantação da Central Rodoviária de Almada, agora em acabamento na baixa da Cova da Piedade, a cerca de 150 metros do trevo» da auto-estrada de acesso à Ponte

MAIS 30 000 CONTOS PARA O METROPOLITANO

Um decreto-lei hoje publicado, pelo Ministério das Finanças, define os termos e condições a que se deverá subordinar a emissão das obrigações a que se refere o decreto-lei n.º 46 851, que autoriza o Fundo Especial de Transportes Terrestres a emitir, no ano de 1966, obrigações no total de 30 000 contos para aplicação no financiamento ao Metropolitano de Lisboa, S. A. R. L.

A selecção de futebol recebe na quarta-feira

os prémios que lhe foram atribuídos pelo Banco Pinto & Sotto Mayor

A administração do Banco Pinto & Sotto Mayor enviou um telegrama ao sr. Justino Pinheiro Machado, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, que se encontra em Londres com a selecção nacional. O teor do telegrama é o seguinte:

«Enviamos os nossos entusiásticos parabens a V. Ex.ª, solicitando a fineza de torná-los extensivos aos dirigentes, com destaque para os senhores Manuel da Luz Afonso e Otto Glória, e, acima de todos, aos componentes da nossa grande equipa que tão alto souberam elevar o nome de Portugal no «Mundial» de 1966, o que em nada se altera seja qual for o resultado do jogo de amanhã, pois não é possível produzir futebol com mais classe do que o por nós exibido em todos os jogos do campeonato. É-nos muito grato receber V. Ex.ª e todos os componentes da embaixada, incluindo os jornalistas e locutores de Rádio e Televisão, na quarta-feira 3 de Agosto, na nossa sede, ás 18 horas. Nessa recepção faremos gostosamente entrega dos prémios tão justamente alcançados. Agradeciamos resposta quanto á aceitação deste nosso convite. Muitos cumprimentos».

«Diário de Lisboa»

O prestigioso Clube de Futebol «Os Belenenses» enviou-nos um ofício de agradecimento pelo realce que demos ao acto de posse dos seus novos corpos gerentes, efectuado no dia 14 do corrente, na Casa do Alentejo.

Uma moeda de 20 escudos

comemorativa da inauguração

Foi hoje publicado um decreto-lei, pelo Ministério das Finanças, no qual se diz:

«*A construção da ponte sobre o Tejo, em Lisboa, encontra-se práticamente concluída. A concretização de tão significativo empreendimento corresponde, por um lado, a antiga aspiração da capital — justificada, aliás, pelas necessidades impostas pelo seu mais rápido e amplo desenvolvimento — e simboliza, por outro, o surto de progresso económico que se estende por todo o território nacional e que só foi possível alcançar mercê da estabilidade e normalidade de vida do País durante os últimos 40 anos. Assim, em face do significado especial do acontecimento, decidiu o Governo assinalar a inauguração da nova ponte com a cunhagem de uma moeda de prata.*»

Por esse diploma, é autorizado o ministro das Finanças a mandar proceder na Casa da Moeda á cunhagem de uma moeda de prata comemorativa no valor total de 40 000 000$00 sendo de 20$00 o seu valor facial.

Esta moeda será de toque de 650 por mil, com o diâmetro de 30 mm e o peso de 10 g, sendo de ± 5 por mil a tolerância de título e de peso. Terá no anverso uma perspectiva da ponte e no reverso o escudo nacional, encimado por uma flor de lis.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

A «EUROPABUS», REDE TURÍSTICA RODOVIÁRIA DOS CAMINHOS DE FERRO EUROPEUS, PROPORCIONA NOVAS POSSIBILIDADES A TODOS QUE PROJECTAM VIAGENS TURISTICAS

Se deseja realizar uma digressão turística pelo País ou pelo estrangeiro, não deixe de se esclarecer acerca do que a rede «Europabus» lhe pode proporcionar, consultando as Secções de Informações das estações da C. P. de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia), Coimbra e Porto (S. Bento), bem como as Agências de Viagens autorizadas.

Inúmeros serviços turísticos são agora possíveis utilizar com recurso aos bilhetes «Europabus» que facultam transporte em autocarro visitas a localidades e a monumentos, refeições e alojamento em estabelecimentos hoteleiros.

Viaje com a «Europabus» e não se arrependerá.

ANTÓNIO MOURA, LDA.

Representantes dos relógios
OMEGA e TISSOT

Previnem os seus estimados clientes de que, para férias do seu pessoal, encerram os seus escritórios na Rua Tomás Ribeiro, 45-2.º, de 1 a 16 de Agosto próximo. Porém, no seu Departamento de Assistência técnica, na Praça da Figueira, 4-1.º, essa assistência continua a prestar-se normalmente, não só aos relógios das marcas acima indicadas, como também aos das marcas AUREUS, VIERGINES e ZINAL.

«MUNDIAL» DE FUTEBOL

Reportagem do nosso enviado especial FERNANDO SOROMENHO

PORTUGAL, DE NOVO, EM WEMBLEY

PODE (E DEVE) VENCER A RÚSSIA EM JOGO PARA O TERCEIRO LUGAR

Portugal despede-se hoje do 8. campeonato mundial de futebol num jogo de assinalada importancia visto que decide o 3.º lugar. E seu adversário o forte «team» da Russia, que na meia-final foi vencido pela Alemanha Ocidental, por 2-1, precisamente o mesmo resultado que ditou o afastamento do «onze» nacional da final, imposto pela Inglaterra.

Pela primeira vez, as duas equipas vão medir forças, pelo que aliciante e deveras tentador, considerando as caracteristicas dos dois «quadros» onde actuam individualidades de categoria, capazes de se exibirem a grande altura por forma a dignificarem o espectáculo correcto que se espera venha a ser testemunhado, esta tarde (19 e 30), no estádio de Wembley. A alusão recorda o comportamento dos russos na «batalha de Liverpool» contra os germanicos, mas não esquece também o seu comportamento durante a segunda parte quando a necessidade de modificar o resultado desfavorável determinou a prática de futebol sem a preocupação de visar o homem.

A equipa soviética, conforme já se apurou, tem no reduto defensivo o seu melhor comportamento, graças a uma impecável disciplina posicional. Também nos predicados atléticos, os russos revelaram condições dignas de atenção. São resistentes e não cedem diante do primeiro insucesso. Além disso, tendo-se preparado intensamente para conquistarem o 1.º lugar, não deixarão de aproveitar o ensejo para, pelo menos, se fixarem no terceiro posto, vencendo precisamente a «selecção-revelação» do torneio, honra que não é para desprezar.

Portugal, que manterá a mesma formação que foi vencida pelos ingleses (é de anotar que nos jogos anteriores as vitórias não impediram que se procedesse a modificações...) contará, por conseguinte, com uma oposição firme que obrigará a porfiado esforço.

As caracteristicas do russos, que devem perfilhar o reforço defensivo com o «libero», indicam que da parte dos avançados lusitanos deverá abundar a rapidez e as desmarcações, com renuncia ao passe lateral e á progressão morosa e indicadora de intenções.

Repetindo: os estilos dos dois grupos são susceptiveis de, em tarde de acerto, proporcionar espectáculo agradável para prestigio do futebol que não se subordina a principios de exagerado recorte defensivo. Neste aspecto podemos estar tranquilos no que respeita a Portugal. Como também no importante capítulo da desportividade.

Considerando que Eusébio é o melhor marcador do campeonato, aguarda-se que o nosso avançado consiga manter a invejável posição, reforçando-a evidentemente. A classificação de melhor jogador deste «Mundial», que está ao seu alcance, requer também da sua parte a máxima aplicação. Tem a palavra, Eusébio.

Coluna e Bobby Moore, «capitães» das selecções de Portugal e da Inglaterra, cumprimentam-se, antes de iniciado o desafio entre os dois «teams». Ao centro, o árbitro, o francês Pierre Schwinte.

NO MELHOR PANO CAI A NÓDOA...

Os créditos de Portugal em nada ficaram diminuídos com a derrota imposta pela Inglaterra. Durante o jogo, conforme tive ensejo de referir nos comentários que ao mesmo dediquei, a iniludível classe dos futebolistas lusitanos transpareceu com suficiente nitidez para ser a notória antítese do estilo boçal, de mangas arregaçadas, que os ingleses alardearam para prestígio de uma condição atlética apurada e que se evidenciou, tão-sómente, na cega subordinação ao velho princípio «segurança em primeiro lugar».

O «jogo que se perdeu, quando se podia ter ganho» foi como que uma nódoa que cai no melhor pano. Em nada os ingleses convenceram que eram superiores aos portugueses. E a afirmação engloba precisamente o factor que já apontei, ou seja, a potencialidade física. O comportamento da nossa equipa durante todo o segundo tempo constituiu a prova insofismável de que dentro de cada um dos seus membros existia ainda algo que esteve á beira de entupir a tremenda euforia dos ingleses postados nas bancadas, visto que os outros, os que se encontravam sobre o relvado, experimentavam ansiedade aflitiva ante a admirável «explosão lusitana».

A derrota começou, conquanto pareça incrível, no final do jogo anterior. Isto é, contra a Coreia do Norte. Naqueles momentos em que se saboreava o memorável triunfo, ouvi nos vestiários, de uma boca que devia conservar-se fechada, alusões que denunciaram desde logo como que uma renuncia a futuros êxitos. «Cumprimos o nosso dever. Agora, tudo pode acontecer. Chegámos a um plano que já satisfaz.» A declaração proliferou como a erva daninha, dando a impressão de que a corrida terminara.

É incontroverso que o comportamento da selecção nacional superou os prognósticos mais optimistas, embora no tocante á minha posição, sempre tenha admitido o registo do êxito desde que não fossem postos á margem determinados aspectos por forma a propiciarem aos jogadores a repetição das possibilidades que testemunhei durante a fase do apuramento para Inglaterra. E vi cinco dos seis jogos disputados. Jamais cultivámos o pessimismo. Colhi, pois, motivos suficientes para não tender para a posição pessimista que tanto caracteriza o temperamento lusitano. O que era essencial era não entrar-se em campo de «cabeça perdida», toldada por doentias suposições, porque o resto, isto é, a capacidade futebolística, viria ao de cima como de outras vezes, a despeito de um «Mundial» ser uma prova de características especiais. Um exame que exige conhecimento profundo da matéria, invulgares faculdades de raciocínio e, digamos, cultura geral de dimensão infinita.

Não acuso. Apenas cito factos, na tentativa de lobrigar as razões que explicaram o afastamento da final da taça «Jules Rimet» da qual fomos afastados por sabermos jogar futebol, mais para entretenimento visual do que para benefício de que, na circunstância, mais interessava: talento e suficiência para marcar golos. Nos jogos anteriores, este preceito fun-

(Continua na 27.ª página)

Os resultados de Portugal e da Rússia

Portugal e Russia obtiveram os seguintes resultados na fase em curso do Campeonato do Mundo:

PORTUGAL

	C.	F.
ELIMINATÓRIA:		
Checoslováquia	*0-0*	*1-0*
Roménia	*2-1*	*0-2*
Turquia	*5-1*	*1-0*
FASE FINAL:		
Hungria		*3-1*
Bulgária		*3-0*
Brasil		*3-1*
Coreia do Norte		*5-3*
Inglaterra		*1-2*

Resumo: 8 vitórias (23-7), um empate (0-0) e 2 derrotas (1-4). Golos: 24-11.

RÚSSIA

	C.	F.
ELIMINATÓRIA:		
Dinamarca	*6-1*	*3-1*
Grécia	*3-1*	*4-1*
País de Gales	*2-1*	*1-2*
FASE FINAL:		
Coreia do Norte		*3-0*
Itália		*1-0*
Chile		*2-1*
Hungria		*2-1*
Alemanha Federal ...		*1-2*

Resumo: 9 vitórias (26-6) e 2 derrotas (2-4). Golos: 28-10.

JOAQUIM CAMPOS DIZ DE SUA JUSTIÇA SOBRE AS ARBITRAGENS

Absorvido pelos jogos que se desenrolavam na área em que trabalhei durante o «Mundial», que no sábado terminará, não pude observar a arbitragem de Joaquim Campos, o unico português escolhido para este campeonato. Tão-pouco pude colher informações sobre o seu trabalho no jogo Argentina-Suíça. A Imprensa inglesa passa por cima das actuações dos árbitros, não ligando importancia.

Foi, pois, através de contacto pessoal, em Wembley, que recolhi as novidades que passo a transmitir aos leitores do «Diário de Lisboa».

Joaquim Campos arbitrou o jogo já referido e agiu, como fiscal, em três outros encontros: Russia-Hungria, Argentina-Alemanha e México-França.

Segundo disse, a sua arbitragem caracterizou-se pela facilidade, não obstante ter dirigido os argentinos, «os mais correctos jogadores que passaram pelo campeonato». Os suíços foram adversários submissos e o jogo decorreu em velocidade moderada, segundo as conveniências dos sul-americanos.

Para comprovar a sua afirmação, disse:

— Na classificação que um jornal britanico costuma fazer, eu e Codezal fomos contemplados com sete pontos. A classificação foi muito boa, visto que até á data só Soltz, o árbitro do jogo da abertura, foi distinguido com nove pontos, o máximo.

— Esperava ser escolhido para os quartos de final?

— Sim. Mas não fui. Apenas figurei como juiz de linha no Hungria-Russia. Isto dos árbitros no «Mundial» é uma «panelinha». Os ingleses têm as suas simpatias e interesses. Nada a fazer...

Joaquim Campos contou-nos alguns pormenores de que o publico e os representantes dos órgãos de informação se não apercebem por

(Continua na página seguinte)

BRASIL E F. I. F. A:

dois «casos» que são analisados

por quem deles tem perfeito conhecimento

LONDRES, 28 (por telex) — O dr. Luís Murgel estava na nossa frente. No Royal Garden Hotel. Horas antes de principiar o jogo Portugal-Inglaterra. Um dirigente brasileiro que é também dirigente da F. I. F. A.

De uma assentada aproveitámos o ensejo para ouvir impressões sobre dois dos mais palpitantes casos deste «Mundial»: a eliminação do Brasil e o contraditório comportamento da F. I. F. A

Não denunciámos a nossa intenção. Apenas, uma troca de impressões, no entanto suficiente para recolher aquilo que na circunstancia interessava apurar.

— Novidades sobre o regresso da delegação brasileira?

Acto contínuo, Murgel retorquiu:

— Absolutamente (o que significa na giria brasileira «não»). Chegada tranquila. Nenhum problema.

Depois de uma pausa:

— O povo aceitou o facto. Há sempre um clima emocional de momento, mas depois vem a reflexão e passam os impulsos iniciais. De resto, pouco adiantava vaiar quem se encontra muito acabrunhado. Os atletas, sendo homens e brasileiros, sentem mais do que ninguém os desaires. São intérpretes deles como o são dos triunfos, das glórias.

Foquei, então, o problema da renovação da comissão técnica e o dr. Murgel, esclarecendo que ainda não havia falado com o dr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira dos Desportos, afirmou:

— O problema não preocupa de momento. Terminado este «Mundial», naturalmente a comissão deixará de exercer qualquer mandato. Dissolver-se-á sem ser preciso demissões ou convite para que as mesmas se concretizem. Creio, no entanto, que o futebol profissional vai conhecer uma nova fase. No aspecto administrativo, parece-me que não há motivos para grandes modificações. Tudo se fez o que era, na realidade, humanamente possível para que o Brasil pudesse conquistar o campeonato mundial, pela terceira vez consecutiva. O insucesso é de outra natureza.

— Qual?

— Veja que será muito difícil a qualquer país conquistar o «tri». Os quatro anos de intervalo entre cada campeonato não possibilitam a manutenção de uma equipa para se fazer valer num período, digamos, de oito anos. A forma dos jogadores oscila e os jogadores renovam-se. Um caso complexo.

— Mas o Brasil aspirava a esse «record»...

— Claro. Trabalhou-se para isso. Simplesmente, verificou-se que a actual geração não possui ainda o estofo necessário para corresponder a este anseio. No fundo, nós, brasileiros, colhemos a ideia de que a presente selecção revela um aspecto transitório.

E sem perder a fluência do raciocínio, o dr. Murgel acrescentou:

— Veja o caso português. Tudo nele reflecte uma evolução natural. Lógica. Começou com o assentamento da organização interna que permitiu a fixação do profissionalismo; continuou com as vitórias do Benfica e do Sporting em importantes torneios europeus e atingiu a selecção que, gradualmente, se afirmou no plano internacional, tratando de tu os adversários, incluindo o Brasil. Conseguiu-se um conjunto e persistiu-se nele O resultado está á vista. Um brilhante comportamento neste «Mundial». Creia que o não digo para ser lisonjeiro. Portugal tem, realmente, a melhor equipa do Mundo. Apenas, se lhe compara a Hungria.

O dr Luís Murgel passou, então, a aventar hipóteses sobre o jogo do dia, manifestando a opinião de que a Inglaterra so excepcionalmente poderia vencer. Falta-lhe a técnica que abunda nos portugueses.

— Foi pena que o Brasil não se tivesse aguentado no difícil jogo contra os hungaros. Se a selecção do meu país tivesse ficado apurada, talvez na final figurassem Portugal e o Brasil Seria, certamente, um acontecimento sem paralelo Paciência, não aconteceu.

Yashin, guarda-redes da Rússia, considerado um dos melhores jogadores do Mundo, no seu lugar.

A F. I. F. A. precisa de ser remodelada

Veio á baila a F. I. F. A. O dr. Murgel não hesitou em censurar a atitude dos dirigentes que superintendem nas nomeações dos árbitros.

— Veja o caso das meias-finais. Seria lógico que não tivessem escolhido árbitros dos países apurados para essa fase eliminatória. Isso evitaria más interpretações e a impressão de que se procurava favorecer terceiros com base no jogo em que intervinham outros grupos. Sim, foi um erro crasso dispensar árbitros neutros.

Também no aspecto disciplinar as deficiências são notórias. Os árbitros transigem e fecham os olhos ao jogo violento e mal-intencionado. Daí, o desprestígio do futebol.

A concluir o seu interessante depoimento, o dr Luís Murgel declarou:

— A F. I. F. A., pela sua natureza está sempre sujeita a censuras. Mas concordo que se justifica uma remodelação interna, considerando a necessidade de se evitarem as críticas da Imprensa. A propósito, lamento que os jornalistas ingleses tenham perdido a cabeça, confundindo desporto com nacionalismo. Muito lamentável. Impróprio de quem faz parte do desporto e tem sobre si o encargo de educar as multidões

JOAQUIM CAMPOS DIZ DE SUA CRÍTICA

(Continuação da página anterior)

se desenrolarem nos bastidores dos vestiários.

A bola do jogo é escolhida entre vinte que são postas á disposição do árbitro, sendo de três cores: amarelo, laranja e branco.

Depois da verificação das medidas regulamentares (para o efeito são pesadas e medidas numa circunferência especial), ficam na posse do árbitro até ao começo do desafio.

Sobre a campanha anti «doping» explicou-nos que o sorteio é feito pelo árbitro, através da escolha de rectangulos de papel, com os numeros de cada jogador, ou tirando á sorte os cartões de identidade. A partir dessa altura, os jogadores dirigem-se ao gabinete do médico para a recolha da urina destinada á análise.

Mais informou que, diáriamente, os árbitros se reunem ás 9 e 30 para trocarem impressões sobre as arbitragens dos jogos disputados. Ás mesmas, preside invariávelmente o inglês Aston. Contudo, a conversa é apenas conversa, sem visar o registo de qualquer acta. Joaquim Campos, no entanto, recolheu anotações para um relatório que tenciona apresentar á Comissão Central de Árbitros, de Portugal. Fá-lo-á por sua iniciativa.

Sobre o trabalho dos seus colegas, o representante português, disse:

— Não aprendi nada. Estranhei bastante os critérios divergentes. Sinceramente, os árbitros portugueses estão alguns furos acima dos que vi actuar. Mas como são portugueses têm defeitos. Aliás, estranhei bastante que não se tivesse considerado a projecção actual do nosso futebol. O seu apuramento para os quartos de final e meias-finais justificava que se desse mais atenção ao seu representante na arbitragem. Mas os ingleses, repito, são ciosos do seu critério. E fazem ouvidos de mercador quando surgem os protestos. Da minha parte, porém, aceitei os factos sem manifestar o menor queixume.

Joaquim Campos disse-nos que, a pedido dos suíços, foi inspeccionar as botas dos jogadores argentinos. Quando chegou aos vestiários, os jogadores sul-americanos, com ironia, mostrando-lhe as botas, apontaram para as suas pernas que apresentavam inumeros arranhões. «Fiquei admirado...».

A concluir, o categorizado árbitro português informou que as arbitragens neste «Mundial» não são recompensadas com qualquer prémio pecuniário. Cada árbitro — e dos que se deslocaram a Inglaterra ficaram sete na «prateleira» — recebe uma ajuda de custo, de 340$00, independentemente de todas as despesas de alojamento e alimentação, que são suportadas pelos organizadores do «Mundial».

As selecções de Portugal e da Rússia

Para o jogo de hoje, em Wembley, as equipas apresentam os seguintes jogadores:

PORTUGAL — José Pereira; Festa, Alexandre Baptista, José Carlos e Hilário; Graça e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.

RÚSSIA — Yashin; Ponomarev, Shesternev, Khurtsilava e Danilov; Voronine e Khusainov; Metreveli, Banishevski, Malofeev e Pokujan.

Árbitro — Sagnall (inglês). Fiscais de linha — Howley (inglês) e Kandil (egípcio).

Aqui, Inglaterra!

SEMPRE BEM

A F. I. F. A., um organismo que só agrada a poucos (e nos poucos há um apenas), é um alvo fácil de atingir enquanto não proceder a uma revisão profunda dos seus métodos de trabalho. Um relaciona-se com as arbitragens. O departamento que nelas superintende é formado por indivíduos que da função deviam ter conhecimento de causa, especialmente porque foram antigos árbitros.

Sobre este assunto troquei impressões com um camarada espanhol o qual não teve papas na língua para verberar as atitudes de um seu compatriota que julga sempre boas as arbitragens. «Não vê nada e o resultado é o que se vê. Os erros continuam. Não há maneira de o convencerem do contrário».

Nós sabemos a quem o colega espanhol se referia. E talvez o leitor, que anda embrenhado nestas questões, tenha duvidas de amarrar a barca de Pedro á de Paulo...

REACÇÃO ENÉRGICA

Ideias todos as têm, mas quando os mesmas obedecem a impulsos duvida-se da sua eficiência. Isto vem a propósito da reacção dos argentinos, patente na instituição de uma taça de ouro para ser disputada num torneio internacional em que devem participar as selecções da Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, Corcia do Norte e Espanha. Portanto, um conjunto de eliminados, cuja esmagadora maioria não terá razões de queixa da F. I. F. A. Apenas, terão que se queixar da sua falta de categoria. Todavia, é sintomática a atitude dos argentinos, os quais pensam em abandonar a F. I. F. A., o que se nos afigura uma ideia sem pés nem cabeça

TRISTEZA NÃO TEM FIM...

O director do hotel de Lymm declarou que nunca viu tanta gente «tão sinceramente triste». Muitos dos jogadores estiveram todo o dia sentados e a soluçar.

Referia-se aos brasileiros...

Quatro vaticínios

MANUEL AFONSO — «É um jogo difícil, porque é decisivo. Conto com a mesma equipa, mas desta vez a actuar com outra disposição desde o começo do jogo. Receio a dureza dos russos, mas com jeito podemos contrabalançar esse obstáculo. Futebolísticamente, temos mais recursos. Confio num bom resultado».

JOSÉ AUGUSTO — «O terceiro lugar tem que ser nosso. Agora mais do que nunca. Os russos, pelo que vi na televisão, oferecerão dificuldades. Mas nós também esperamos apresentar-lhes algumas».

JOSÉ PEREIRA — «Já estamos suficientemente calejados para enfrentar adversários duros, como os russos. A nossa equipa tem valor e hoje não deixará de aproveitar o ensejo para o confirmar. Temos que nos despedir de Wembley com uma vitória. O futebol português pode confiar em nós».

FESTA — «Cá estaremos prontos a lutar sem a mínima quebra. Os russos são perigosos, mas os portugueses também o são. O que importa é haver velocidade e jogo prático. O resto é fácil. A derrota imposta pela Inglaterra não nos desmoralizou».

Serviço transportado por amabilidade da TAP

CAMINHOS DE FERRO

Alteração ao Horário dos Comboios ZONA NORTE

Comunica-nos a C. P. que a partir de 15 do corrente são feitas diversas alterações ao horário em vigor nas seguintes linhas:

LINHA DO MINHO,
LINHA DE GUIMARAES,
TRANVIAS PORTO - (TRINDADE) - SENHORA DA HORA,
TRANVIAS-LINHA DA PÓVOA
TRANVIAS PORTO - NINE - BRAGA, e
LINHA DO DOURO

Os pormenores destas alterações constam de Cartazes afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter outros esclarecimentos que deseje nas Secções de Informação da Companhia

Insista sempre em...

Schweppes

Eusébio desfere potente remate ás redes defendidas pelo guarda-redes de Inglaterra, Banks

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — **1.º programa** — 45 m — 665 kc/s — Às 18: Noticiário, 8 e 10: Danças; 18 e 35: Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 19 e 0: Atenção, Luanda!; 19 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: «A Ciência e o Homem»; 5 e 45: Canções de Portugal; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 19.º episódio do folhetim «Êxodus»; 21 e 40: Música brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema, 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 18: Que quer ouvir?; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: Noite de teatro: «Um Chapéu de Palha de Itália»; 21 e 45: O pianista Arthur Rubinstein; 22 e 13: «La Serva Padrona»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º programa — 94,3 m — Modulação de frequência 2 — Às 23: Obras de Charles Chanes; 23 e 30: Música de piano; 0 e 2: «Isaías, o Profeta»; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS — 290,1 m — 1034 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Bossa nova; 17 e 15: Campeão português; 17 e 30: Cartas ao Sr. Produtor; 17 e 45: Ela e o seu mundo — SEQUÊNCIA 18: 18: Histórias da tia Joaninha; 18 e 15: Clube das donas de casa, 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15. Ribalta — QUADRANTE 2-9-0: 20 e 30: Jornal dos espectáculos, 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45 Conjuntos vocais, 21: Noticiário, 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Rádio Motorismo; 21 e 30: Variando para agradar; 22: Noticiário, 22 e 2: Composições de...; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda, 0 e 2: Meia-Noite; 3 e 2: Sintonia-63; 6 e 2. Desculpe, mas já são horas.

Modulação de frequência — 90,7 mc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 50: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Go-Go. 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Varig; 1 e 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,7 m — 782 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do disco; 17 e 46: À procura de um nome — PROGRAMA 18; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 2: ...dirige o ritmo; 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si. — PROGRAMA PARA TODOS; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Placard; 20 e 17: Variedades; 20 e 45: Os nossos artistas; 21: Noticiário 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Hoje é vedeta; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos de ritmo, 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0 e 2: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 18: Cartaz musical da América Latina; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires, 19 e 5: C C C. igual a C C C; 19 e 25: Boletim do S C R.; 19 e 30: Canções da Europa; 19 e 45: Selecções; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Sucessos musicais; 21 e 30: Canta Américo Lima; 21 e 45: Orquestras em voga; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica de sempre; 2 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas, e boletim de filmes: 19 e 30: Variedades; 20: Musica ao acaso; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 22 e 30: Musica escolhida; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17: Abertura; 17 e 5: Rumo ao futuro; 17 e 5: Separador; 7 e 20: Musica do século XX ou concerto; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS — 88 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 17 e 30 ás 19: Clube Radiofónico de Portugal, 19 ás 22: Rádio Graça; 22 ás 2: Rádio Peninsular

Programa da TV

HOJE — Às 19, Abertura; 19 e 01, Telejorna — edição da tarde; 19 e 20, Eurovisão (Campeonato do Mundo de Futebol — transmissão directa do estádio de Wembley da final para o 3.º e 4.º lugares, com as equipas de Portugal e da Russia Comentrios de Alves dos Santos); 21 e 22, Comentário ao jogo; 21 e 30, Telejornal — edição da noite; 21 e 55, Boletim Meteorológico; 22, Agenda da Praça; 22 e 5, No Aniversário da Independência da Republica do Peru. 22 e 30, Um Homem Chamado Shenandoah; 23, Variedades («Novas Canções Portuguesas». Participam os cançonetistas António Mourão, Artur Garcia, Cidália Meireles, Eugénia Maria Gina Maria, João Maria Tudela, Mara Abrantes, Tonicha, Tony de Matos e Zelinda Isabel Orquestra sob a direcção do Maestro Tavares elo. Realização de Oliveira Costa); 23 e 35, «O Cavaleiro da Mansão Vermelha» (Realização de Claude Barma, segundo o romance de Alexandre Dumas, com Annie Ducaux e Jean Dessally); 24, Telejornal — ultimas notícias; 24 e 5, Meditação; e 24 e 10. Fecho.

AMANHÃ — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Os Vigilantes dos Céus; 20 e 10, Ao Serviço da Nação — um programa das Forças Armadas; 20 e 35, Fim de Semana; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 25, Boletim Meteorológico; 21 e 30, Agenda da Praça; 21 e 40, Sangue na Estrada; 22, Concurso — «Dize Tu, Direi Eu» 5.ª Sessão; 22 e 35, Fados por Teresa Tarouca, acompanhada á guitarra por Fontes Rocha e á viola por Julio Gomes. Realização de Fernando Frazão; 22 e 50, Danger Man («Enganou-se no numero», com Patrick McGoohan, Paul Eddinton, Jeanne Moody, Leanka e Guy Daghy Leontine Realização de George Pollock); 23 e 45, Jogos Luso-Brasileiros; 23 e 55, Telejornal — ultimas notícias; 24, Meditação; e 0, Fecho.

Serviços Urgentes

Teletones

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntários 538524

AGUA GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ Companhias Reunidas 537021 ✲ Gazcidla 538821 ✲ Gazcidla (dom feriados), 382069

POLICIA — G N R — Serviço de emergencia, 115 ✲ Segurança Publica 366141 ✲ Judiciaria 735380 ✲ Maritima 326456 ✲ Internacional 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G N R área rural), 36865

SAUDE — Cruz Vermelha 665342 ✲ Entermagem permanente, 766161 ✲ Entermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ✲ Transfusões soros e oxigénio, 538524

TRANSPORTES — Aeroporto 721101 ✲ Caminhos de ferro (C P), 869029 ✲ ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T Paço) 325345 ✲ Estação Mar de Alcantara, 663195 ✲ Estação Maritima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém) 63853)

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno E

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Nogueira, R da Creche, 2 (63 635)

ALFAMA — Nacional R de S João da Praça, 26 (863632)

ALVALADE — Paris, Est da Portela, lote 5 (ao Pote de Agua) (710131) ✲ Cortaxo, Av da Igreja, 21 (776358)

AMOREIRAS — D João V, R D João V, 16-C (682712)

ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 10 (40471)

AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (776070) ✲ João XXI Av João XXI, 6-A (726462) ✲ Nova Lisboa, R Guilhermina Suggia, 12 (727721)

AVENIDA DA LIBERDADE Nacional R do Salitre, 2 (46858)

AVENIDAS NOVAS — Fátima, A de Outubro, 147-A (763107) ✲ Avenidas Av da Republica, 21 (733688) ✲ Imperio, Ld.ª R Filipe Folque, 40 (48002) ✲ Ducal, Av Duque de Loulé, 21 (48946)

BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R Angela Pinto, 32 (49756)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso R 21 n 41 (389216)

BAIXA — Costa, Pr da Figueira, 9-B-C (28381) ✲ Barral, R Aurea, 142 (31535)

BELEM — Remisio R dos Jerónimos 4-C (63 699)

BENFICA — Lisboa R Claudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ Sousa Est de Benfica 429-43 (780027)

CAMÕES — Modelar, L Dr António de Sousa Macedo 1-A (21896) ✲ Veritas, Rua do Misericórdia 35 (324554)

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R 4 de Infantaria 18 A (688857) ✲ Ouriquense R Freitas Gazul 42 B (671667)

CAMPOLIDE — Lab R Rodrigo da Fonseca, 01-101-A (682333) ✲ Fátima, Calç dos Mestres 30-A (680627)

CARNIDE — Leal de Matos R Neves Costa 33-35 (780 81)

CHARNECA — São Bartolomeu, Junto dos Balsares de Baixo Vila Paulo Jorge 1

CONDE DE REDONDO — Capuchos R Luciano Cordeiro, 2 (52076)

ENTRECAMPOS—Galeno, Av Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920) ✲ São Miguel, Pr Francisco de Morais 1 (771469)

ESTEFANIA — Mundial Largo D Estefânia 9 (455718)

ESTRELA — Janeiro, Av Alvares Cabral, 100 (661453)

GRAÇA — Monte, R Senhora do Monte, 30 A-B (36842) ✲ Rosa & Viegas, R de S Vicente, 31 (864351) ✲ St. António, R Leite de Vasconcelos 72 (862333)

JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga 39 (66460)

LUMIAR — Alameda, Al das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé Est. do Desvio, lote 12-C (790704)

MADRAGOA — S. Nunes Suc. R do Quelhas, 3 (661275)

OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia 5 19 (389237) ✲ Fernandes Borges, R. C 3, lote 300 — Olivais Sul.

PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629)

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R Padre Sena Freitas 10-A (8425 8)

PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa, n 16 (728395-720703)

REGO — Universitária, R Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Bairro Santos) (778953)

ST AMARO — Sepol, Calç do Bom Hora, 94-A (631958) ✲ Teles R João de Barros, 2 (638249)

S SEBASTIÃO — Sirius Rua Fialho de Almeida, 56-E (44000)

DE ST APOLÓNIA AO BEATO — Valter, R de Xabregas, 63 (38 185) ✲ Oriente R Lopes 120 (84338)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge 5 (Tel 234100)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (Te 224250)

ALMADA — Cristo-Rei — Av de Cristo-Rei, 31 (Tel 273498)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Te 224 41)

BARREIRO — Soares — Av da Republica, 1 (Tel 2273023)

COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — E. das Barrocas, 50-A (Tel 275182).

MOITA — União Moitense — Av Dr. Teófilo Braga, (Tel 239025)

MONTIJO — Moderna — R Bulhão Pato, 60 (Tel 230156)

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 57 (Tel 229028)

SETUBAL — Oliveira — L da Misericórdia (Tel 22488)

SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Te 221860)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel 934589); **Carmele** — R Elias Garcia lote 28 (Tel 933303); **Helénica** — R Elias Garcias, J P L, loja B (Tel 930213)

DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel 971023)

QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 151 (Te 950043), **Queluz** — Av Miguel Bombarda, lote 4 (Tel 951844)

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Te 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins 285 (Tel 910012)

S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Simões — Estefânia — R Heliodoro Salgado, 26 (Tel 980832)

COLARES — Colares — Aldeia (Tel. 299088)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R Ernesto Silva, 81 (Te 212048)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Te 242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (Tel 2420039)

OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 8 (Tel 2430058)

PAREDE — Grincho — Av da Republica, 87-A (Tel 2471204)

ESTORIL — Marques dos Santos — R. Ferreira, J A, 15 (Tel 260116)

CASCAIS — Misericórdia — R Regimento 19, 41 (Tel 280141); **Cascais**—R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFONICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.

Telef 43738

Disposições sobre a caça

A folha oficial publicou hoje duas portarias do secretário de Estado da Agricultura, sobre a caça: uma delas determina que no presente ano a caça de codornizes e outras espécies indígenas nos concelhos de Azambuja, Benavente, Salvaterra de Magos e Vila Franca de Xira apenas seja permitida a partir do dia 15 de Agosto, inclusivé; e a outra manda que seja retardada para 1 de Outubro próximo a abertura da caça ás espécies aquáticas numa área do concelho de Estarreja, conhecida por «Campo de Sabreu».

As contas públicas

Em suplemento ao n.º 83 deste ano, do «Diário das Sessões» da Assembleia Nacional, foi agora publicado o parecer da comissão encarregada de apreciar as contas publicas, relativo ás Contas Gerais do Estado de 1964 (Metrópole), de que foi relator o deputado eng.º José Dias de Araujo Correia.

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar restaurar ou tingir as suas tapeçarias. Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º, dir. Tel. 59288

Orçamentos grátis

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efect	Compro	Vendo
Cons 4 3/4 % 1 10	656$00	654$00	656$00
Cons 5 % 1 10	734$00	733$50	734$00
Cons 5 1/2 % 1 10	850$00	845$00	855$00
Centenários 4 % 940	—	1.960$00	1.970$00
Obg Tes 4 1/2 % 942	—	1.006$00	—
Obg Tes 4 1/2 % 943	—	1.006$00	—
Obg Tes 4 1/2 % 944	—	1.006$00	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Externo 1.ª série cor	—	1.250$00	1.260$00
Externo 2.ª série	—	1.250$00	1.280$00
Externo 2.ª série cor	—	1.250$00	—
Externo 3.ª série	—	1.270$00	—
Externo 3.ª série cor	—	1.300$00	1.320$00
Cout 3.ª série 5/1	—	300$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	475$00	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	102$00	—
Gás, Elect 3 3/4 %	925$00	920$00	—
Gás, Elect 4 %	860$00	850$00	865$00
Gás, Elect 4 1/2 %	935$00	930$00	—
Gás, Elect 5 %	970$00	970$00	975$00
U E P 3 3/4 %	—	—	—
U E P 4 % 945	87$00	86$00	88$00
U E P 4 % 948	—	—	—
U E P 4 1/2 %	—	—	95$00
U E P 5 % 951	—	—	93$00
U E P 5 % 952	—	—	—
Sonete	—	785$00	—
H do Douro	900$00	880$00	900$00
H E S Estrela	830$00	820$00	—
C P 4 1/2 %	1.000$00	998$00	1.000$00
Metropolitano	985$00	980$00	985$00
TAP	980$00	—	980$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	1.250$00	1.300$00
Angola	—	1.350$00	1.450$00
Espírito Santo	—	11.000$00	1.300$00
Lisboa & Açores	—	4 100$00	4.200$00
Portugal	2.410$00	2.400$00	2.420$00
Ultramarino	—	1.385$00	1.395$00
Agricultura	1.260$00	1.260$00	1.300$00
Crédito Predial	—	1.570$00	1.590$00
P Atlântico	—	—	—
Totto Aliança	—	—	—
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	330$00	345$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1 900$00	2.000$00
C. Ultramarinas			
Ag Casequel	—	551$00	—
Ag das Neves	—	75$00	80$00
Agricultura Colonial	—	—	—
Açúcar de Angola	760$00	760$00	770$00
Boror	—	—	—
Cabinda	30$00	30$00	40$00
Cadá	—	—	1.500$00
Com do Búzi	—	70$00	72$00
Ilha do Príncipe	—	390$00	—
Incomati	—	700$00	800$00
Moçambique	—	60$00	61$50
Zambézia	44$50	44$50	45$00
Diamantes	1.084$00	1.083$00	1.085$00
Lobito	550$00	549$00	555$00

Comp.ª diversas	Efect	Compro	Vendo
Cimentos Tejo	—	1.900$00	—
Cimentos Leiria	—	—	—
Industria Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	1.350$00	1.380$00
Nac de Navegação	—	—	1.030$00
Co de Navegação	—	—	580$00
Port de Celulose	4.700$00	4.650$00	4.750$00
Port de Pesca	—	1.000$00	—
Port de Tabacos	342$00	341$00	342$00
Tabacos de Portugal	1.000$00	990$00	1.000$00
Petroquimica	—	3.800$00	3.850$00
Termoeléctrica	1.820$00	1 810$00	1.830$00
Soco	—	5.150$00	5 200$00
Soce	—	1 900$00	2.000$00
U A Azoto	953$00	950$00	953$00
Aguas Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 934	—	—	545$00
Aguas Lisboa 936	—	—	500$00
Eléct das Beiras	—	1.830$00	1.850$00
Gás e Electricidade	416$00	415$50	416$50
H Alto Alentejo	—	265$00	267$00
H E Cávado	1.402$00	1.400$00	1.402$00
H E Zêzere	1.600$00	1.595$00	1.605$00
Nac de Electricidade	—	1.655$00	1.670$00
União Eléctrica Port	245$00	245$00	246$00
H Douro	1.445$00	1.445$00	1.450$00
H E S	—	1.950$00	2.030$00
F I D E S	—	118$80	122$40
F Invest Atlântico	—	173$90	175$50

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand	35$50	37$50
Alemanha — Marco	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 a 4	28$40	28$70
Dólares de 5 a 000	28$60	28$90
Argentina — Peso	$10	$15
Austria — Shilling	$10	$15
Bélgica	$55,5	$57,7
Brasil — Cruzeiro	$01,1	$01,6
Canadá — Dólar	26$40	26$90
Dinamarca — Coroa	4$10	4$30
Espanha — Peseta	$47,7	$48,7
França	5$77	5$92
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suiça — Franco	6$60	6$75
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel)	285$00	295$00
Inglaterra (1/2 Libra)	215$00	230$00
Portugal — barra fino	33$00	33$70

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
ORDEM PARA AMAR — no AVIS

TIVOLI
Telef. 5 05 95
(M. 12 anos)
As 3 dá tarde (p. r.) e 9.30 da noite
7.ª MÊS
29.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

SÃO LUIZ
Telef. 32 ...
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (Adultos)
Elvis Presley e... um monte de garotas!
O RANCHO DO AMOR
PANAVISION e METROCOLOR

SÃO JORGE
Telef. ... 55 54
Às 22 (Adultos)
TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO
com Tyrone Power — Marlene Dietrich — Charles Laughton

EDEN
Telef. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.30 (Adultos)
Esmagados pelo terror! Um testamento diabólico! A ambição e a perfídia!
O LENÇO FATAL
com Heinz Drache e Corny Collins

AVIS
Telef. ... 10 65
Às 21.45 (Adultos)
Sean Connery
na espantosa missão de um homem que enfrentava as mulheres e as armas com a mesma audácia!
ORDEM PARA AMAR
com Cecil Parker e Hyde White
AR CONDICIONADO

CONDES
Telef. 32 25 29
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 6 anos)
3.ª SEMANA
Um grande espectáculo para todos um delírio de riso, e um prémio para as férias
O ALEGRE MUNDO DE BUCHA E ESTICA
e desenhos animados de Tom e Jerry
(Ar condicionado)

ALVALADE
Às 15.45 (p. r.) e 21.45 (Adultos)
Veja o mais belo friso de raparigas!
O RANCHO DO AMOR
com Elvis Presley — Glenda Farrel — Cynthia Pepper

EUROPA
Telef. 66 10 16
Às 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Sensacional reposição
A GUERRA DOS MUNDOS
com Gene Barry e Ann Robinson
com Sara Montiel e Giancarlo del Luca

estúdio 444
Telef. 75 0095
Às 21.45 (Adultos)
14.ª SEMANA
do mais extraordinário e vibrante documentário sobre o ilegal mercado de carne humana!
AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM
Realização em Eastmancolor
AR CONDICIONADO

RESTELO
Telef. 61 03 75
As 21.30 (Adultos)
O VENENO DO DIABO
com George Maharis — Anne Francis

LIZ
Telef. ... 85 60
As 21 horas (Adultos)
SITUAÇÃO DESESPERADA... MAS NÃO GRAVE
A POUSADA DAS ILUSÕES

ESPLANADA PORTUGÁLIA
Telef. 47663
As 21.30 (M. 12 anos)
CONVITE A UM PISTOLEIRO
PEQUENO HOMEM GRANDE NORMAN

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21 h. (M. 17 anos)
LEVADA PARA TANGER
ZENÓIA E O GLADIADOR

IMPÉRIO
Telef. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30 (Adultos)
4.ª SEMANA
SORAYA em
AS 3 FACES DE UMA MULHER

estúdio
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
11.ª SEMANA
O maior filme de sempre
AFRICA ADEUS

MONUMENTAL
Telef. 55 51 31
As 15 e 21.30 (M. 12 anos)
A co-produção luso-francesa inteiramente rodada em Portugal
VIA MACAU
com Roger Hanin — Anna Gaee — Varela Silva — Paiva Raposo

ROMA
Plateia 72 77 78
Balcão 72 91 92
Às 21.45 (Adultos)
Anthony Quinn
Yoko Tani
e Peter O'Toole
no excepcional e emocionante filme de mestre Nicholas Ray
SOMBRAS BRANCAS
Tela de 70 mm — Preços normais
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
Telef. 32 63 05
HOJE, ás 21.30
EM REPOSIÇÃO
Um êxito mundial que ninguém esquece
MATAR PARA VIVER
com Anthony Quinn, Ray Milland e Debra Paget
A odisseia de uma jovem que arrasta dois homens para um terrível dilema.
(Scope-Col.) (M. 17 anos)

ODEON
Telef. 32 62 83
As 15.15, 18.15 (P. r.) e ás 21.45
3.ª SEMANA
O maior «record» de exibição do cinema português
com Amália Rodrigues e Alberto Ribeiro
CAPAS NEGRAS
Uma história admirável com maravilhosos fados e canções
(M. 12 anos)

MUNDIAL
Telef. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.45 (Adultos)
Um filme de violência em Scope — colorido
com Edmund Purdon e Marisa Mell
A ÚLTIMA CAVALGADA EM SANTA CRUZ
Atenção ao horário da sessão da noite.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 15: Operas — «Rita» e «Palhaços» (12 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A cidade não é para mim» (12 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Pobre Bitô» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Quando é que tu casas com minha mulher» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Um táxi para Tobruk» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Morte de um assassino» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 15: «O sobe e desce» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Desafio ao Destino» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «A procura do amor» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O. S. S. 117 em Bangkok» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Uma vida por viver» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Sangue de corsário» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Fogo á vontade» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O Cheik Vermélho» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Até á vista Itália» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Turma Bossa Nova» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Castigo sem culpa» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 45: «O caçador de índios» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «A Queda da Casa Usher» e «A Quadrilha da Cara Cortada» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os homens preferem viver» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Taras Bulba» e «Agarra que é ladrão» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Mulheres e recrutas» (17 anos).

● Na Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Zona de violência» e «Terra de vingança» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O jogo do assassino» e «Pobres mas belas» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Mulher de palha» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Império da noite» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Os Irmãos Karamazov» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Não incomode» e «Barão da Serra» (17 anos).
BARREIRO — FERROVIÁRIOS — Às 21: «Rommel a raposa do deserto» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O homem que não era ninguém» e «O Mundo do circo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O Mar das Tormentas» (12 anos).

MANGUEIRAS PARA JARDIM
DE TODAS AS QUALIDADES AOS MELHORES PREÇOS
CASA DOS PNEUS
R. da Prata, 132

«MUNDIAL» DE FUTEBOL

Reportagem do nosso enviado especial FERNANDO SOROMENHO

NO MELHOR PANO CAI A NÓDOA...

(Continuação da 24.ª página)

damental transpareceu com nitidez, insuflando no espírito dos jogadores a força psíquica que justificou triunfos retumbantes. O caso dos coreanos foi uma excepção. Isto é, o desafio ao brio que, no entanto, proporcionou a revelação de qualidades até então desconhecidas: domínio dos nervos diante da adversidade. E naquela tarde a adversidade era sinónimo de três golos de diferença...

Romaria de dirigentes

Rectifico a afirmação anterior para precisar que «a meta da satisfação» principiou antes do jogo contra a Coreia do Norte. Com mais exactidão após o triunfo sobre o Brasil, o que desde logo representou a certeza do apuramento para os quartos-de-final, quando em Wilmslow se teve conhecimento para os quartos de final, quando clubes que tinham jogadores na selecção nacional. Imediatamente receou-se a quebra de um ritmo de vida que podia gerar um clima emocional de ostensiva confiança. Naquele momento, ficou-se com a impressão de que a «guerra» terminara e que era urgente antecipar as homenagens ao seu vencedor. Naturalmente, a humildade dos jogadores sofreu o primeiro impacto, conquanto a alegria dos triunfos e as encomiásticas referências da Imprensa mundial houvessem já provocado os primeiros destroços no equilíbrio neuro-muscular dos atletas com o aparecimento dos primeiros indícios de vaidade.

O jogo contra a Coreia do Norte confirmou os receios dessa nova atitude da selecção nacional. Por um triz, não se concretizou o desastre, o desmentido dos êxitos anteriores. Valeu, na emergência, o apelo á dignidade que se não conforma com desfechos inesperados. Isto é, a crença de que o futebol asiático carecia de valor foi suficiente, durante o perturbante jogo, para justificar a categórica reacção, com o assinalável recorte de rebeldia. «Podia lá ser perdermos com uns tipos destes.» A frase ouvi-a da boca de um dos nossos jogadores, pelo que se deduz ter existido, antes do encontro, a arreigada convicção de que os coreanos eram favas contadas.

Zelo descurado

A sensacional vitória, por 5-3, terá transmitido um estado de euforia deslumbrante, a despeito dos desesperados esforços dos «responsáveis» que, por todos os meios ao seu alcance, com a preciosa colaboração do médico, tentavam suster a avalancha. E como a psicologia não é matéria vaga e superficial, aperceberam-se logo os efeitos dessa nova atitude, que mereceu a alguns a interpretação dos primeiros sintomas de desgaste físico e de saturação. Como quer que seja, os alicerces começaram a ruir com o cultivo do pessimismo. «Sim, vocês estão cansados. Já muito fizeram. Merecem o nosso mais profundo reconhecimento.» E por aí fora...

A mudança de alojamento, determinada por uma «subtileza inglesa» que visou, apenas, defender os próprios interesses em detrimento ostensivo dos alheios, continuou o desfile do aturdimento, que se refinou quando se desprezou o ensejo de levar os jogadores a tomarem contacto com o relvado de Wembley, de acordo com o que estava estipulado. Cada equipa tem o direito a pisar, treinando-se, o relvado do campo onde, no dia seguinte, se realizará o jogo em que participa. Os coreanos, por exemplo, não deixaram de ir a Goodison Park para conhecer um piso que lhes era estranho. Em contrapartida, os portugueses preferiram um recinto que ficava próximo do hotel, em Harlow. Confiaram...

O que aconteceu? Só isto. Durante toda a primeira parte, alguns dos nossos jogadores sentiram-se pouco á vontade sobre o fofo relvado de Wembley. Daí, perda de equilíbrio, escorregadelas, arranques cautelosos. Será até caso para se concluir que os portugueses se treinaram durante a primeira parte para, então, jogarem na segunda. Temos que convir que se tratou de um «handicap» de respeito concedido aos ingleses.

Exagero de calculismo

Em relação ao jogo contra a Inglaterra, notou-se, logo nos primeiros lances, que os avançados portugueses não estavam em veia, por perfilharem atitudes retracteis, contraditórias do seu vernáculo estilo. Demasiada retenção da bola, excesso de passes laterais e atrasados e olvido da desmarcação para o espaço vazio, visando a infiltração e o sentido prático que as circunstâncias aconselhavam e factos anteriores haviam ilustrado com suficiente clareza.

A velocidade, tanto na entrega do esférico como nos movimentos pessoais, transformou-se em pausas para constantes meditações, como se estivesse a proceder-se á solução de complicado problema de álgebra, fazendo as contas pelos dedos.

Além disso, pressentiu-se a existência de uma colaboração involuntária, quando se radicou a ideia de que não valia a pena povoar a grande área contrária, postando lá, como punhais em riste, homens para a luta de perto. Tal como se verificou, aliás com significativo êxito, na fase final do jogo. Mais próximo da baliza, Torres pôde suportar, mais airosamente, o confronto com J. Charlton no jogo de cabeça. Daí, ter nascido o primeiro golo (a falta que justificou o «penalty») e outra oportunidade que Simões falhou no derradeiro instante por ligeiro atraso em relação ao ponto de queda da bola.

Em suma, o estilo dos portugueses nesse fatídico primeiro tempo representou a frustração absoluta das suas reais possibilidades, nada tendo que ver com a tese de esgotamento físico e fadiga nervosa. Nervosos estavam, e muito, os defesas ingleses. Que tremiam como varas verdes quando qualquer lusitano se apossava da bola e ensaiava o seu «raid» — o grande pecado dos diantciros nessa tarde tão decisiva para se poder ir mais além.

Repugna-me aceitar a ideia de que a Inglaterra, tendo tudo a seu favor, estava antecipadamente com os trunfos na mão. Os factos desmentiram essa suposição, visto que Portugal nunca teve que subordinar-se a qualquer domínio territorial e, portanto, a defender porfiadamente a sua baliza. Quem tal processo adoptou foram os ingleses, que, intencionalmente, convidaram os adversários a atacar por forma a poderem, em surtidas rápidas, conseguir os efeitos provocados por contra-ataques. Infelizmente, foram as desatenções da defesa portuguesa que puseram dois golos na bandeja, gentilmente posta á disposição dos anfitriões.

Perdemos mal um jogo em que actuámos com suficiente dignidade. Mas a categoria do adversário não justifica a vitória. Daí o nosso inconformismo e a repetição do «slogan»: «o jogo que se perdeu, quando se podia ter ganho».

Neste «Mundial», Portugal não veio aprender nada. Antes ensinou. Mas na altura em que era essencial a agudeza do seu raciocínio, o mesmo falhou rotundamente. Resta-nos a consolação de que a Inglaterra vai á final com um passado que nós enjeitaríamos.

bom apetite

RESTAURANTE BÓLIDE
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
A MANHÃ
BACALHAU NO FORNO A BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO A TRIPEIRINHA
Diáriamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef 763522

RESTAURANTE REFÚGIO DO TAVARES
Casa especializada em MARISCOS E FRANGO NO ESPETO
Serviço á lista
Av. Braga, N.º 3 — Telef. 62475
PÓVOA DE VARZIM

CASA PAREDE
Bem mobilada, esplêndida situação, aluga-se à época. Agosto, Setembro, ou ano. Ver 16 às 20 horas. Rua Particular Dr. António Granjo, Lote A.

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre—Lumiar—Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

RESTAURANTE CUBANA
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã: Bacalhau à Cubana
Sábado: Caldeirada à Cubana

RESTAURANTE «O LIDADOR»
RESIDENCIAL — SNACK-BAR
ELVAS
Telef. 602

DIÁRIO DO PORTO

Diário de Lisboa

DELEGAÇÃO
RUA DO ALMADA, 30-2.º
Telefones 20954/5 • Telex 782

Doença súbita e fatal

Na Rua da Nau Vitória apareceu prostrado no pavimento e já morto, por doença súbita, o sr. Hamilton de Oliveira, de 59 anos, casado, manufactor de calçado, que residia na mesma rua no n.º 902.

O corpo foi removido para a casa mortuária do Hospital de São João.

Ícaro não chocará com a Terra

– diz Smithsonian

CAMBRIDGE (Massachusetts), 28 — O Observatório Smithsonian desmente categòricamente as informações no sentido de que o asteroide Ícaro poderia colidir com a Terra, em 1968. Segundo os cálculos mais recentes, Ícaro passará a 4 800 000 quilómetros da Terra, em 16 de Junho daquele ano. As probabilidades de colisão são da ordem de uma para um bilião — indicou o informador do observatório, desmentindo, por outro lado, que os Estados Unidos pensassem em utilizar uma arma atómica para destruir Ícaro.

NOTÍCIAS DIVERSAS

O Orfeão da Madalena dá amanhã, á noite, em Arrifana, no Cine Teatro Santa Maria, um sarau artístico a favor dos pobres.

— Depois de amanhã, ás 22 horas, haverá, no «rink» de patinagem do F. C. Vale Formoso, um arraial minhoto com a colaboração de um apreciado conjunto musical.

Em viagem

Regressou a esta cidade, vinda da Alemanha, a sr.ª D. Edith Hoefle de Araujo Moreira

Farmácias de serviço esta noite (3 turno)

ALMEIDA CUNHA, LDA Rua Formosa 327 (T 2-4874) ✲ **ANTAS** Av. de Magalhães, 1076 (T 4-1158) ✲ **BARREIROS** Rua de Serpa Pinto, 8 (T 4-0053) ✲ **CLÉRIGOS** Rua dos Clérigos 36 (T 3-5394) ✲ **GOMES CARNEIRO**, Rua de Cedofeita 348 (T 2-3420) ✲ **GUERRA** Rua Costa Cabral, 45 (T 4-0470) ✲ **GUIMARÃES** Rua de Francos, 37 (T 6-0103) ✲ **LIDADOR**, Rua do Lidador, 171 (T 68-3739) ✲ **LOUSADA** Largo do Campo Lindo, 62 (T 4-0353) ✲ **ORIENTAL** Rua de Bonjardim 727 (T 2-7878) ✲ **S ROQUE DA LAMEIRA** R. de S R do Lameira, 1111 (Telef. 6-1739) ✲ **SOEIRO**, Rua de Santos Pousada, 71 (T 5-1370) ✲ **VASQUES**, Rua AMEAL Rua do Ameal, 1227 (T 4 3550) **CAMPOS**, Rua P. L. Cabral 943 — Foz (T 68-01 3)

Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Esquadrão 633» (17 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «O libertador da cidade» (12 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «O voo da Fénix» (12 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «Os irmãos Karamazov» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «A Nave dos Loucos» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Invasão secreta» (12 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «O inspector original» e «A rebelião das escravas» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «O mais selvagem entre mil» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «A grande aventura» e «A sangue e fogo» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O Leão de Tebas» (12 anos)

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Esquadrão 633» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «O voo da Fénix» (12 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «A Nave dos Loucos» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «Os irmãos Karamazov» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «Invasão secreta» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «O inspector original» e «A rebelião das escravas» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15: «Operação Istambul» e «A ovelha negra» (17 anos)

Nova agência do Banco Nacional Ultramarino foi inaugurada em Macedo de Cavaleiros

MACEDO DE CAVALEIROS, 28 — Constituiu um acontecimento de relevo nesta vila a inauguração da nova agência bancária aqui instalada e que vem corresponder a uma necessidade premente do comércio e da lavoura da região.

O Banco Nacional Ultramarino instalou a agência a meio da Rua da Estação, mesmo em frente á conhecida Casa António Joaquim Venceslau & Filhos, no centro da vila.

A cerimónia inaugural foi muito concorrida, tendo vindo expressamente para a ela assistirem os srs. administrador daquele estabelecimento de crédito, governador civil de Bragança, gerente da filial de Bragança, sr. António de Figueiredo, e outras personalidades. Da vila estava práticamente todo o elemento oficial, desde o presidente do Município, vereadores, comerciantes e industriais conhecidos e muito publico.

O rev. João Morais, pároco da vila, deitou a bênção ás novas instalações e houve troca de saudações entre os representantes do Banco Nacional Ultramarino, o sr. governador civil e o sr. presidente da Câmara.

A nova agência bancária fica a cargo do sr. Carlos Eduardo Gonçalves Vaz.

Tomou posse o novo vice-presidente da Câmara de Santarém

SANTARÉM, 28 — No Governo Civil foi hoje dada posse, pelo chefe do distrito, ao novo vice-presidente da Câmara desta cidade, sr. Joaquim Manuel Sobral Bastos Temudo Baptista.

Ao acto assistiram o presidente da edilidade, sr. dr. Luís de Noronha Demony; vereação e outras individualidades.

AOS ARTISTAS

plásticos se comunica que já se encontra á venda, nas principais tabacarias, ao preço de Esc. 30$00, o n.º de Junho da luxuosa revista italiana LE ARTI, com grande reportagem ilustrada sobre as representações de pintura e escultura na Bienal de Veneza. Pedidos a Alberto Armando Pereira, Av. Ant.º Aug.º Aguiar, 13, Lisboa.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

VOLEIBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Académica de S. Mamede-Efacec, ás 22 horas no rinque do segundo.

DIVERSOS — Jantar de homenagem aos jogadores do Galitos da Foz, campeões da II Divisão de ténis de mesa, ás 21 e 30, na Foz do Douro.

Adiada a homenagem da Associação aos juniores e juvenis do F. C. Porto

A homenagem marcada para hoje, promovida pela Associação de Futebol do Porto aos jogadores juniores e juvenis do F. C. do Porto, pelas suas vitórias nos campeonatos nacionais das respectivas categorias, foi transferida a pedido do clube das Antas, para a próxima quarta-feira, pela dificuldade em reunir em tão pequeno prazo todos os referidos elementos, por já se encontrarem em férias.

Três sportinguistas em Leixões

Para ultimar as negociações que se prendem com a transferência de Manuel Duarte para o Sporting e da cedência, por parte do clube de Alvalade, dos jogadores José Carlos de Jesus, Morais Alves e João Carlos, deslocaram-se a Lisboa os dirigentes do Leixões Mário Maia, Joaquim Queirós e Oscar Abreu.

Campeonatos internacionais de ténis na Foz

Tal como anunciámos, realiza-se nos dias 20 e 21 do próximo mês, nos «courts» do Lawn Tennis Club da Foz, um torneio internacional que pela primeira vez conta para o campeonato do Mundo, estando já asseguradas as inscrições dos conhecidos tenistas Rod Lader, André Gimeno, Mal Anderson, Earl Bucholz e Pierre Barthes.

O certame, como é natural está já a despertar um interesse considerável entre os amadores da modalidade, por constituir um autêntico espectáculo fora de série, estando já em curso no recinto da Foz do Douro importantes melhoramentos, os quais permitirão comportar uma assistência de cerca de mil e quinhentas pessoas.

XI Circuito Automóvel do Porto

Uma vez mais o A. C. P. promove nos dias 12, 13 e 14 de Agosto um circuito automóvel, o XI, que envolve competições para cartos de turismo, grande turismo, Fórmula «V» e Fórmula «3».

Será utilizada uma pista com cerca de três quilómetros, especialmente preparada pela Câmara Municipal do Porto, em novos arruamentos agora construídos e aproveitando-se outros muito beneficiados dos bairros de Lordelo e da Pasteleira.

Assim, amanhã ás 18 e 30, efectua-se na secção regional do A. C. P., uma reunião com a Imprensa destinada a mais completos esclarecimentos sobre as referidas competições daquele circuito.

LATINA M/6 Anos

CAMPO PEQUENO

FINALMENTE!

HOJE, ÀS 22 HORAS

ALTERNATIVA DE
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
(UM CASO INVULGAR DE INTUIÇÃO, DE SIMPATIA E DE POPULARIDADE)
Dada por
DAVID RIBEIRO TELLES

ESPADAS:
ARMANDO SOARES
AMADEU DOS ANJOS

FORCADOS:
AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO capitaneados por Joaquim Capoulas

6 TOIROS
DA GANADARIA DE RIBEIRO TELLES

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS DO COSTUME
(Telefs. 761539, 771819, 307 69 • 321712)

SE DURANTE O DIA OS SEUS AFAZERES O NÃO PERMITEM

MARCAMPO

CONVIDA-VOS A VISITAR O SEU
SALÃO DE EXPOSIÇÃO
na Av. Almirante Gago Coutinho, 102 - B
TODAS AS 5.AS-FEIRAS DAS 21 ÀS 24 HORAS
para apreciarem os últimos modelos de CARAVANAS das marcas «ECCLES», «FLECHA», «MARCAMPO» e «SPRITE»

SAUNA FINLANDÊS
COM PISCINA PRIVATIVA

AS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA
• MASSAGENS HIGIÉNICAS E DESPORTIVAS
• BANHO (e massagem) DE VICHY
• DUCHE (massagem) SUBAQUÁTICO
• DUCHE ESCOCÊS
ASSISTÊNCIA MÉDICA PRIVATIVA
. SECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS
Hotel Estoril Sol
ABERTO DAS 9 AS 12 E DAS 16 E 30 ÀS 20 HORAS • INFORMAÇÕES TEL. 282831

COZINHA VELHA
QUELUZ
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que os habituais serviços de Almoços, Chás e Jantares, serão servidos na «SALA DE BANQUETES», depois de amanhã, sábado, dia 30 e domingo, dia 31, por a nossa «SALA COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontrarem reservados para LANCHES DE CASAMENTO.
Nos restantes dias agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

Contra a queda de cabelo!
item

SENSACIONAL!
UMA GOTA DE Nilodor
E O CHEIRO DESAPARECE

CURSO DOS LICEUS
EXTERNATO FEMININO — DIURNO — NOCTURNO
LARGO CONDE POMBEIRO, 12 — TELEF. 57048
(entre os Anjos e o Campo Santana)

2.º CADERNO
SUPLEMENTO
SEMANAL DO
Diario de Lisboa
N.º 417
28-7-1966

«Dona Flor e seus dois maridos»

— uma nova e empolgante criação de Jorge Amado

A literatura brasileira de ficção — a grande literatura dos grandes escritores — vai pelo caminho, já aberto largamente, de um novo estilo de picaresco sem paralelos em qualquer outra literatura. Érico Veríssimo, em muitas páginas de «O Tempo e o Vento» e em grande parte de «O Senhor Embaixador», alinhou nesse rumo. Guimarães Rosa não lhe foge, em alguns importantes aspectos da sua actividade literária de inconfundível originalidade. E José Condé, que está em fase de viragem da sua novelística de subtil caracterização, anuncia que será essa a linha dilecta das suas criações próximas.

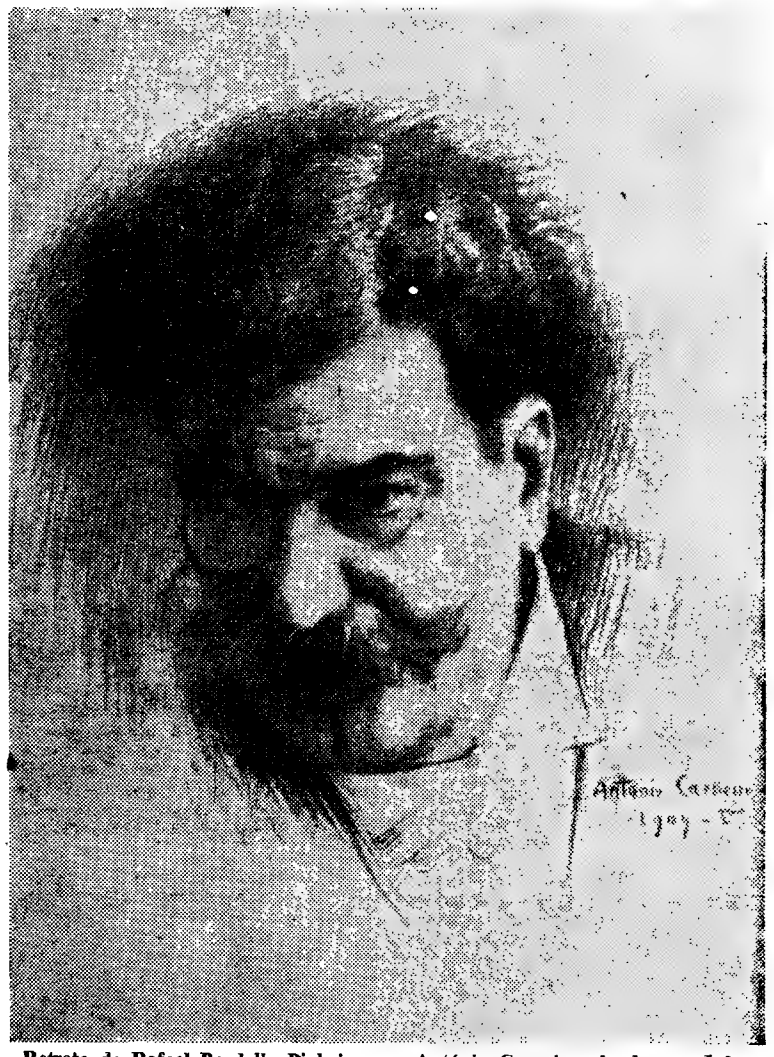
Foi Jorge Amado, no entanto, desde «Gabriela, Cravo e Canela», quem marcou mais definidamente uma opção que é muito mais de concepção e de criação literária integral que meramente de estilo. O lírico populista que vai de «Cacau» e «Suor» a «Terras do Sem Fim»; o épico social que assinalou uma presença voluntariosa em «O Cavaleiro da Esperança» e «Subterraneos da Liberdade» — tem vindo a assinalar desde «Gabriela», com «Velhos Marinheiros» e «Os Pastores da Noite», uma interpretação do novo picaresco brasileiro que se converteu em corrente avassaladora e é hoje a expressão mais poderosa, diferenciada e significativa da literatura do seu país.

No século XVII, o picaresco espanhol foi a contrapartida ou a «catharsis» de uma sociedade.

No século XX, o picaresco brasileiro afigura-se compensação risonha, fogosamente vital, caricaturante, de um país de prodigiosas virtualidades que não encontra o rumo de um ideal colectivo, realizável positivamente. É um fenómeno literário que tem por trás de si, sem duvida, uma profunda realidade humana — e que algum dia será necessário estudar nas suas capitais implicações.

Eis agora «Dona Flor e seus dois maridos», ultimo romance publicado de Jorge Amado. Edição da Livraria Martins, de S. Paulo, com ilustrações de Floriano Teixeira. A obra é empolgante de pitoresco, de animação, de carácter flagrante nas personagens que se desenham e gravam como tipos humanos palpitando de vida. O quadro de costumes alarga-se num afresco imenso, refulgindo de colorido, de vitalidade e de graça. Mas, através do humor, insinua-se como veio sensível e fino um lirismo de expressão e de interpretação que parece transportar á linguagem tantas vezes livre e á inventiva de situações pitorescas um intenso amor pela humanidade real e comum, nas suas grandezas e misérias, na abjecção ou na inocência — e, ao cabo, na pureza fundamental em que se resolve tudo o que é vivo. Esse é o Jorge Amado de sempre afluindo ao Jorge Amado de hoje — o homem que se tem realizado na literatura ascendendo sob formas novas ao cumprimen-

(Continua na página seguinte)



Retrato de Rafael Bordallo Pinheiro por António Carneiro, doado por João Sarmento Pimentel ao Museu de Lisboa em que está reunida grande parte da obra do artista

Uma declaração de Jorge Amado

Em entrevista concedida recentemente ao «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro, afirmou o romancista, quando lhe perguntaram o que pensava da sua candidatura ao Prémio Nobel, proposta pela União Brasileira de Escritores:

«Creio que é demasiada honra para um simples romancista baiano, que eu sou. Mas penso, no entanto, que a literatura brasileira já merece esse prémio e que temos, não um, mas vários escritores que deveriam recebê-lo. No que se refere a escritores da língua portuguesa, basta lembrar o nome glorioso de Ferreira de Castro, que vem de festejar seus cinquenta anos de literatura.»

Teve emotiva significação e excepcional dignidade intelectual e social a homenagem promovida pelos clubes rotários do distrito de Aveiro, no sábado e domingo passados, a Ferreira de Castro, pela passagem do cinquentenário da sua carreira de escritor. A conferência do escritor brasileiro Olavo Dantas no Grémio do Comércio de Aveiro; as palavras vibrantes do presidente do «Rotary Clube» daquela cidade, sr. Teixeira Bicho, do jornalista e publicista Eduardo Cerqueira e do almirante Olavo Dantas no almoço rotário; a conferência magistral do prof. Hernâni Cidade nesse acto; a visita á casa de Ossela, onde Ferreira de Castro nasceu e a entrega de livros do escritor a alunos da escola local — entre outras afirmações calorosas de homenagem — constituíram uma jornada memorável das comemorações que estão a celebrar-se em Portugal e no Brasil. A fotografia que reproduzimos mostra Ferreira de Castro a agradecer, em Aveiro, a consagração que o envolveu. Ladeiam-no, á sua direita, a escritora Matilde Rosa Araújo e o almirante Olavo Dantas, e á sua esquerda o presidente do «Rotary» de Aveiro e o prof. Hernâni Cidade

Ao reler «Emigrantes» e «A Selva» — II

por GIUSEPPE CARLO ROSSI

CREIO ter deixado bem claro, em artigo anteriormente publicado, o multíplice significado de primícia que representou a publicação de «Emigrantes» e «A Selva», de Ferreira de Castro, entre 1928 e 1930. Efectivamente, eles fixam — «Emigrantes» inaugura, «A Selva» confirma — o patético facto humano do emigrante: fixam-no em termos geográficos (Portugal, e em sentido lato Europa, de um lado, Brasil do outro) e históricos (no sentido do emigrante moderno, isto é, do emigrante dos primeiros anos de novecentos, anteriores ao descalabro trazido ao Universo pelas duas guerras mundiais); mas, ao mesmo tempo, destacam esse facto da geografia e da história, põem-no acima e além, até dele fazer um tópico espiritual, uma categoria do humano modo de ser, válidos um e outra para lá de qualquer espaço e qual-

(Continua na 3.ª página)

Jornalismo, jornalistas — e literatura

por César dos Santos

AOS aventureiros que abordavam a Imprensa e faziam do jornal galeria de exibição, campo de manobras, trampolim para o salto sobre o objectivo ambicionado chamava Rocha Martins: *os piratas do mar da tinta.*

Muitos deles vinham apenas exornar-se com o título específico

(Continua na página seguinte)

UM ESPLÊNDIDO RETRATO DE RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

FOI DOADO AO MUSEU DE LISBOA QUE TEM O SEU NOME

Em 1909 realizou-se no Rio de Janeiro uma Exposição Internacional de Pintura a que concorreram artistas do mais alto nível e dos mais diversos países. O mestre pintor António Carneiro, então em plena vitalidade criadora, enviou a esse concurso um retrato que fizera de Rafael Bordallo Pinheiro, quatro anos antes falecido, e cuja passagem pelo Brasil como caricaturista deixara prolongados ecos. António Carneiro ganhou com essa obra uma das medalhas de ouro da exposição e o retrato ficou no Brasil. Comprou-o Ricardo Severo, intelectual de prestígio e cidadão exemplar, que o conservou pela vida adiante na sua colecção privada, passando por sua morte para o genro, Rafael Leite, filho de outro grande português que foi o diplomata e historiador dr. Duarte Leite, durante longos anos embaixador de Portugal no Brasil. Quando morreu Rafael Leite, a viuva, D. Lília Severo, desfez-se de alguns quadros da colecção familiar. E o retrato de Rafael Bordallo, por António Carneiro, foi então adquirido pôr João Sarmento Pimentel, com a intenção já determinada de o fazer voltar a Portugal, como peça de arte que tinha o seu lugar apropriado no Museu de Lisboa, consagrado ao caricaturista e ceramista.

A doação foi agora efectivada. O comendador Mário Francisco Antunes, figura prestigiosa da colónia portuguesa de S. Paulo, trouxe o quadro para Lisboa e a entrega foi feita por intermédio de Dona Julieta Ferrão, conservadora-chefe dos Museus Municipais e directora do Museu Rafael Bordallo Pinheiro. Cumpriu-se assim um voto que vinha de longa data. João Sarmento Pimentel, herói das campanhas de África, grande figura da vida cívica portuguesa, escritor de no-

(Continua na 3.ª página)

Jornalismo, jornalistas —e literatura

(Continuação da página anterior)

da profissão, o que, servindo para encobrir a suficiência de aptidões, lhes dava a lambuzadela intelectual, precisamente onde era mais notória a sua inferioridade. Tornavam-se jornalistas e a extensão do termo, aplicado a todo o bicho-careta que, de qualquer modo, contacta com as redacções e a parte cerebral das gazetas, dava-lhes uma certa importância. Eram solenes nulidades — mas chamavam-se jornalistas.

Outros vinham para isto, recobertar-se á sombra do prestígio da instituição, para moverem influências, fazendo da Imprensa gazua, servindo-se dela para a realização de fins escuros. Trapaceavam e eram esses os que denegriam e aviltavam a honra da profissão — os verdadeiros *piratas*.

Havia, ainda, os rufiões literários, dos que manejam a pena como navalha traiçoeira, daquele tipo indigno e apalhastrado que Fialho e Ramalho, e também o Eça desancaram; os inúteis com prosápias e rastejamentos desprezíveis bajulando os poderosos, os opressores; os ineptos, destituídos de qualidades, sem bagagem, sem mérito e muitos deles sem escrúpulos e a mais leve noção do brio, dos deveres, que a profissão impõe — sem pudor e sem vergonha.

Não se trata da ociosidade corruptora ou da improvisada ocupação que não chega a ser ofício para uma profissão ordenada e legalizada — sem risco de consequências, até por via judicial —, mas sempre foi fácil a qualquer audacioso invadir a corporação jornalística — proclamar-se jornalista e ser reconhecido ou tolerado como tal.

Porque a própria função, na sua elasticidade, possibilita tais intromissões, quantas vezes á margem da aferição de méritos profissionais e o calibre moral do indivíduo; porque toma aspectos de improvisação, agravada pelo conceito depreciativo e desvalorizador generalizado ao trabalho intelectual, considerado, em regra, passatempo derivante de ocupações de imediato sentido prático e utilitário, o jornalismo tem sido, de certo modo, campo aberto á invasão de qualquer um em quem falecem possibilidades para tarefas mais duras, mas se julga apto a pegar da caneta e com ela borrar umas tiras de papel.

O expurgo não seria difícil, se acaso se houvesse estruturado de longe o sentido colectivo de defesa da sua verdadeira missão. Os que honestamente e com um direito que ninguém, e muito menos o jornalista lhes nega procuram adaptar-se e naufragam — ás vezes, por falta de amparo e estímulo — seriam excluídos por autodecisão, por se sentirem deslocados, por lógica consequência da selecção natural. Os *piratas*, esses haviam de ser banidos, forçados á retirada pela hostilidade do ambiente — se não fora uma lamentável e incompreensível complacência que os favorece e nem sempre beneficia quem a merece.

*

É fácil isto de ser jornalista: um certo jeito para escrever, mesmo em conflito com a gramática — que lá está o crivo da Redacção, lá estão os *rachadores literários* para endireitar e purificar a coisa —; certas ousadias e jornais que liberalizam as colunas a todo o ambicioso, mesmo á vaguidade do balofo que resume as aspirações á gloríola de ver o nome estampado em letra de forma — embora alinhada por outros. Isto é muito fácil e tem o aliciante, para quem ignora as agruras, os desalentos, as desilusões e as misérias da profissão, daquilo que, doirado pelo pouco de sonho e de poesia que reste ao jornalismo, parece boémia descuidada e cintilante!

É muito simples, isto de escrever nos jornais — talvez antes *para os jornais* —, de fazê-los, de *cozinhá-los*. Mas o jornalista, além do natural pendor, da decidida vocação, que é a base do êxito em todas as carreiras, da preparação indispensável, assente na *sabedoria de experiência feita*, do conhecimento do *métier*, incluindo uma cultura especificada, que tem sido feita através de proveitoso autodidactismo, de faculdades de adaptação e, por meio de clarificadora ginástica mental, possibilitadoras faculdades de adaptação e identificação rápida com vários assuntos, com os muitos temas que tem de abordar, além de tudo isso — que nada representa por não constituir especialização oficializada em qualquer ramo de conhecimento científico —, o jornalista tem de apreender essa *simplicidade* e *fazer a mão* na faina quotidiana!

Na verdade, o jornalista não se forma na Universidade; prepara-se na escola da vida onde adquire o tal saber que pela experiência se acumula. (E não se exclui o benefício de uma *escola de jornalismo* onde a relevante vocação fundamental se valorize pela cultura e preparação técnica ajustadas ás imperiosas necessidades actuais). Nem deixamos de prezar, evidentemente, o convívio espiritual com o sábio, o cientista, o intelectual que vêm ás colunas do periódico debater ideias e problemas e lhe dão o prestígio da sua erudição e do seu talento. Mas evocamos, com admiração e alto apreço, os verdadeiros mestres do jornalismo, e lembramo-nos, em comovido respeito, da legião heróica, abnegada e ao desamparo dos trabalhadores da Imprensa, esforçados e anónimos, ou apenas esquecidos após fulgurantes triunfos, principalmente aqueles que constituem a *chusma de remo* e andam sempre no porão da galera, os que dão vida e alma ao jornal na reportagem — a mais nobre expressão do jornalismo.

A muitos desses probos e denodados servidores da profissão subjugadora costumam alguns chamar, depreciativamente, os *fazedores de notícias* — esquecendo-se de quanto devem da sua impante notoriedade ao generoso favor dos humildes repórteres. E houve até um vulto eminente da corporação que, em transe aceso de polémica, chamou, para os beliscar, *carreadores de notícias* a alguns dos que se iniciavam na reportagem e com ele haviam de ombrear ou ultrapassá-lo até nas culminâncias da História do Jornalismo!

*

Da reportagem, que faz a glória do jornalista e engrandece o jornal, têm saído grandes figuras da literatura (embora ilustres escritores nunca se adaptem á função jornalística, tolhidos por estranha imperícia que os leva a encher o cesto dos papéis com *linguados* onde nem se completa o princípio de uma notícia); e na reportagem se ilustram os maiores vultos da profissão por tantos ineptos e despeitados também denegrida.

Algumas das páginas mais emocionantes e mais belas do portentoso Fialho de Almeida, por exemplo, são de reportagem viva, autênticas peças de antologia, tais sejam as do «Enterro de D. Luís». Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Ramalho e outros da mesma estirpe foram orgulhosamente jornalistas, grilhetas da profissão, amarrados á banca nas redacções e atirados para a maravilhosa aventura da reportagem. O magnífico Eça fez, intensamente, «bom jornalismo, jornalismo integral, do melhor então feito neste País e, em algumas páginas, ainda hoje exemplar». Basta dizer que, muito jovem ainda, «no *Distrito de Évora* Eça de Queiroz fazia tudo: o artigo de fundo e a crónica internacional, a carta de Lisboa e os ecos, a crítica literária e o folhetim, e por certo o noticiário local dos aniversários e falecimentos».

Que fez Garrett nas «*Viagens na Minha Terra*» senão reportagem? Reportagem retrospectiva, num plano de alta emotividade, mas com o objectivo de clarificador verismo, fê-la o grande e honrado Herculano na formidável *História de Portugal* ou no famoso e empolgante romance *Eurico, o Presbítero!*

Os cronistas, o próprio Camões, em *Os Lusíadas*, foram admiráveis e argutos repórteres. A carta em que o escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, o atento e minucioso Pêro Vaz de Caminha relata o achamento do Brasil é notável e sugestiva reportagem, que se torna estupenda, assombrosa na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

O moderno romance ergue monumentos á reportagem viva, sentida e humana. Quando, certo dia, um incipiente romancista pediu a Zola a *receita* do género, o autor de *O Germinal* respondeu-lhe: — «Faça reportagem!»

Faulkner, Hemingway, Camus e outros glorificados com o *Prémio Nobel* são extraordinários e perspicazes repórteres; e quando a narrativa não é reportagem estuante, por vezes no cruel realismo que a vida oferece a essa penetrante forma de observação, ressaltam em seus romances e novelas o amplo sentido e a técnica da reportagem.

Pode, pois, o jornalista exornar-se de tantos títulos glorificadores como base de literatura válida e perdurável de ontem e de hoje.

*

Exaltando a sua faceta superior e aristocrática, não quer isso dizer que o jornal se limite á função noticiosa e documental dos acontecimentos imediatos, como a própria reportagem inculca. Nas sociedades modernas ele é a voz de mais ampla ressonância que transmite á camada pensante e á massa anónima do povo o que há de flagrante na actualidade circundante e pelo vasto Mundo; e faz-se eco, até junto dos indiferentes ou distraídos, das questões transcendentes, de todas as inquietações, dos casos relevantes, dos problemas fundamentais, dos interesses e anseios colectivos, das conquistas da inteligência, dos dramas de cada dia que envolvem os indivíduos e as multidões.

O jornal é veículo de ideias, tribuna aberta ao debate de todos os assuntos de interesse comum, que vão das preocupações intelectuais ao económico e social, á discussão esclarecedora e construtiva das formas de governo, dos sistemas políticos; aglutina uma corrente de opinião publica que pesa na vida de cada país e, pela sua larga influência nas camadas populares, pode exercer acção benéfica de profilaxia moral — desde que não seja adulterada na sua essência, privada dos meios de livre exercício.

O jornal é, pois, o reflexo da mentalidade e das aspirações de cada país, principalmente o jornal de ideias, que, sem perder a característica fundamental, específica, sustenta opiniões e defende princípios que o sentimento acarinha e a inteligência impõe. A própria História, que se nutre do documentário jornalístico, imprescindível ao balanço de cada época, mostra a influência da Imprensa na evolução das ideias e na transformação, no progresso dos povos nos tempos modernos.

Em Portugal, o papel da Imprensa no movimento de opinião, na propaganda das ideias que conduziram ao advento da República foi notável e decisivo. Não falamos apenas da folha política circunscrita a determinado sector partidário, mas do jornal arejado, aberto ao influxo de todas as correntes predominantes no campo ideológico, aos movimentos inovadores e aos avanços do progresso, ao serviço da grei, para elevá-la a um plano superior no nível intelectual e material.

Para dignificar o jornal, impondo-o ao respeito e á admiração de todos, aquele que o faz, que o escreve tem de ser um verdadeiro jornalista — pela envergadura moral e mental, pela probidade e rectidão, incorruptível, independente, imparcial — e sabendo usar da pena, com mais ou menos brilho, como o honesto e competente operário se serve da sua ferramenta. É preciso, acima de tudo, ser-se jornalista para se honrar a profissão, como o têm feito tantos dos maiores e dos mais humildes, que a amaram e serviram até o sacrifício das suas mais caras ilusões — e ficaram no olvido.

É justo que se preste homenagem aos maiores, da estatura de um Rodrigues Sampaio, um João Chagas, um Mayer Garção, um Emídio Navarro, um António Enes; e, avivando uma saudade, ao jornalista obscuro que foi digno e soube honrar a corporação.

CÉSAR DOS SANTOS

Jorge Amado num desenho de Carlos Scliar

«Dona Flor e seus dois maridos»

(Continuação da página anterior)

to pleno do seu destino de escritor.

«História moral e de amor», chama o romancista a esta crónica vivencial, torrentosa na cadeia dos seus episódios e saborosa na linguagem como um «quitute» baiano de suculenta condimentação — «esotérica e comovente história, vivida por Dona Flor, emérita professora de arte culinária, e seus dois maridos, o primeiro Vadinho de apelido; de nome dr. Teodoro Madureira, e farmacêutico, o segundo, ou a espantosa batalha entre o Espírito e a Matéria, narrada por Jorge Amado, escriba publico estabelecido no bairro do Rio Vermelho, na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, nas vizinhanças do Largo de Sant' Ana, onde habita Yemanjá, senhora das águas». História moral, sem ironia, porque é a própria naturalidade da natureza humana, no quotidiano brasileiro e, designadamente, baiano, que se esprai a nestas quinhentas e tantas páginas de uma narrativa que é portentosamente «clara e obscura como a vida». História de amor, porque não são apenas os simples amores de uma simples mulher que muito amou a linha dominadora do romance — mas porque há na sua essência um humanissimo amor envolvendo pessoas e coisas, boas e más, na sua escatologia de imponderáveis escolhas, associando o autor e o seu mundo numa enternecida presença solidária.

Vai «Dona Flor» correr o seu destino de obra literária, mas sem as imprevisibilidades de um qualquer destino — porque já se sabe antecipadamente, á primeira leitura encantada do livro, que o espera um imenso êxito, no Brasil e fora do Brasil, em qualsquer línguas, se houver nelas os tradutores de garra que saibam conservar-lhe o indizível sabor e a radiosa frescura. A «pequena vida» de Dona Flor, «nesta cidade mágica da Bahia, de onde se data este romance, escrito nos anos de 65 e 66, entre as chuvas do inverno e a doce brisa do verão, respeitando-se os preceitos e as quizílias de Oxóssi e de Xangô» — essa pequena vida de uma personagem de literatura arrancada ao ardente cadinho da vida de toda a gente, terá a grande vida de uma obra que o segredo da genialidade na criação marcou indelevelmente. — A. S.

REVISTA «DIONYSOS»

Os numeros 12 e 13 da revista literária e artística «Dionysos», órgão do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, inserem colaborações de especial interesse para o publico literário português. Entre outros trabalhos, «Introdução á Dramaturgia Vicentina», de Luís Francisco Rebello; «Gil Vicente e Bertolt Brecht», de António José Saraiva; «Duas Cartas de Gil Vicente», de Andrée Crabbé Rocha; «Gil Vicente: repercussão no Teatro de Camões», do prof. Hernani Cidade; «Uma adaptação de Gil Vicente», de Walmir Ayala, etc., preenchem no 12.º numero de «Dionysos» páginas de elevado quilate cultural. O n.º 13 é consagrado em especial ao dramaturgo brasileiro Martins Penna, incluindo estudos de Sílvio Romero, Soares Amora, Bárbara Heliodora e outros.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

CURSOS SUPERIORES – R. do Sacramento à Lapa, 16
CURSOS PREPARATÓRIOS – Av. da República, 25 - 1.º Dto.

ESCOLA SUPERIOR DE TRADUTORES E INTÉRPRETES
ESCOLA SUPERIOR DE SECRETARIADO
ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
ESCOLA PORTUGUESA DE TURISMO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

Folhetos descritivos e outras informações na Secretaria
Telef. 67 63 95 67 37 66

ACTIVIDADE EDITORIAL

LIVROS PARA CRIANÇAS

«O REI DA ESCÓCIA»
de Peter John Stephens

Na Colecção Nautilus, da *Editorial Aster*, foi publicado o volume 17.º da série «Aventura e Ficção» — a novela «O Rei da Escócia», de Peter John Stephens, que tem o atractivo da aventura, a sugestão da generosidade e o valor cultural da evocação histórica conduzida com interesse romanesco. Tradução de Maria Manuela Silva.

«O ALBUM MARAVILHOSO DOS CÃEZINHOS»

Escrito e ilustrado por Garth e Alvin Koehler e traduzido por Rui Belo, este livrinho sobre cães e crianças tem o gosto encantador e a frescura de uma história infantil e o sentido instrutivo da iniciação no assunto a que se consagra. É também uma realização gráfica excelente da *Editorial Aster*.

«POR ESSE MUNDO FORA»
de Louise Anker-Garin

Em tradução literàriamente apu-

racta de Rui Belo e integrada na Colecção Nautilus, publicou a *Editorial Aster* a narrativa para adolescentes «Por esse mundo fora», de Louise Anker-Garin, que descreve as peripécias de um rapazinho de 14 anos fugido á família e que volta a encontrá-la no remate da sua aventura. A história tem sensibilidade e animação, numa linguagem muito viva de boa literatura do género.

EDIÇÕES EM FASCÍCULOS

«DICIONÁRIO DE ECONOMIA»

Saiu o fascículo 10.º desta edição, promovida por *Livros Horizonte*. O «Dicionário de Economia», de Leo Rosenf, é um instrumento de cultura actualizada que interessa a sectores cada vez mais largos. No presente fascículo destacam-se as rubricas consagradas a Empresa, Empréstimo, Equilíbrio, Escala Móvel, Escola, Espaços Económicos, Estatística, Estruturas, Evolução, etc.

Novos volumes da série «O Mundo em que vivemos»

A *Editorial Verbo* acaba de publicar mais dois volumes, o 5.º e o 6.º, da série de grandes documentários intitulada «O Mundo em que vivemos».

No 5.º volume, Olga Simões de Carvalho completa a panorâmica da Ásia com sugestivas notas acerca do meio, vida e costumes no Líbano, na Síria, na Jordânia, na Arábia Saudita, no Iraque, no Irão e nos Estados do Golfo Pérsico; e António Alberto de Andrade e Artur Anselmo falam da África.

O 6.º volume, com texto de Vasco Hogan Teves, é consagrado á América do Norte e Central. Depois de uma introdução á história e condições geográficas de tão vastas regiões do continente americano, descreve a Gronelândia, o Canadá, os Estados Unidos da América do Norte, o México, a Guatemala, as Honduras, o Salvador, a Nicarágua, a Costa Rica, o Panamá, Cuba, o Haiti, a República Dominicana, a Jamaica, Trindade e Tobago. Profusão de ilustrações, a negro e a cores, bem como mapas, a 8 e a 12 cores, enriquecem também este volume.

Livros Novos de Autores Estrangeiros

«TRÊS SOLDADOS»
de John dos Passos

Foi com o romance «Três soldados» que John dos Passos iniciou, já vão passados mais de quarenta e cinco anos, a análise profunda da sociedade norte-americana que continuou com a trilogia «U. S. A.» e com a obra particularmente famosa «Manhattan Transfer». A *Editora Arcádia* acaba de publicar aquele romance significativo, não só pelo seu valor intrínseco como pelo que representa na evolução da literatura moderna dos Estados Unidos. O romance «Três Soldados» é um livro quase cruel. Pela frieza duma objectividade social em total contraste com a inconsciência do meio em que opera, a elaboração deste romance revela uma lucidez espantosa, numa clara noção do próximo precipício que poucos anos depois havia de constituir a mais crise económica moderna. A evolução da sociedade americana não teve, até aos nossos dias, melhor analista.

«O RIO DOS DIAMANTES», de Geoffrey Jenkins e «GUILHERME VETERINÁRIO» de Richard Crompton

Na sequência das suas colecções de leitura ligeira, de aventuras e peripécias exóticas, publicou a editora *Estudios Cor* dois livros que devem despertar o interesse de largo público. «O Rio dos Diamantes» narra a exploração de um misterioso rio subterrâneo onde são disputados fabulosos tesouros. «Guilherme Veterinário» narra a agitada experiência de um adolescente em contacto com a natureza e com os animais. Traduções de Manuel Duarte e Lopes de Azevedo.

LYGIA FAGUNDES TELLES

«O JARDIM SELVAGEM» – contos de Lygia Fagundes Telles

Na renovada estirpe de Machado de Assis, pela sobriedade do estilo e a intensidade do sentido dramático mais profundo, Lygia Fagundes Telles tem ocupado na evolução do conto brasileiro contemporâneo um lugar de excepcional relevo. Se a obra da grande escritora brasileira no romance tem constituído acontecimento literário de grande projecção, as suas criações de contista afirmam-se com mais poderoso vigor na originalidade da concepção, na expressividade psicológica e na arte narrativa. Assim o consagram, mais uma vez, as dez composições esplêndidas e fortes que preenchem o volume «O Jardim Selvagem», de Lygia Fagundes Telles, agora publicado pela Livraria Martins Editora, de S. Paulo.

Como escreveu o crítico brasileiro Arnaldo Mendes, neste livro se define toda a ficção de Lygia Fagundes Telles, onde se entrechocam os contrastes, colidem os valores, se exacerbam os contraditórios. Pois se há um jardim, pressupondo requintes amaneirados de ornamentação — uma geométrica vitória sobre a Natureza, o homem dentro das convenções do bom comportamento —, há também toda a periculosidade da selva na sua força própria, a malignidade humana assomando nas frestas, impolicíadas de seu ser e de seu agir. Nesta batalha de *ego* e *id*, nesta simultânea afirmação de valor e de seu correspondente desvalor, nesta macabra dança, onde se alternam antagonismos latentes, nesta ambiguidade trágica, enfim, movem-se os personagens deste livro. Soprados não por uma grandiloquente força criadora, capaz de os dotar de ímpetos heróicos ou épicos, mas observados e impelidos por correntes abissais e demoníacas, surpreendidos em seus quotidianos problemas. E' exactamente esta aguda capacidade de análise psicológica a viga mestra da estrutura novelística de Lygia Fagundes Telles.

De facto, a maior qualidade literária de Lygia Fagundes Telles, como a exprimem as páginas de «O Jardim Selvagem», é a facilidade e a felicidade, também, com que surpreende a vida em suas mais singelas exteriorizações, o poder com que enche de vida os factos mais rotineiros que nos cercam. O que vem a ser a grande mola do psicologismo literário — concluí Arnaldo Mendes que, ao contrário do que pensa muita gente, não consiste em armar testes e arcabouços académicos, mas nesta constante capacidade de, num fluxo improvisado e imprevisível, numa sequência dinâmica, sondar a alma humana, confluída na sua nostálgica condição de «queda». O que poucos escritores no Brasil conseguem.

Prémios de Roma

O juri da Academia de Belas-Artes, de França, atribuiu os chamados Prémios de Roma, destinados a medalhistas, sobre trabalhos que tinham por tema, neste ano, «Jacob e o Anjo». Os premiados foram Denis Mondineu, Emmanuel Perrin, Antoinette Boulet, Max Rits e Alain Blanco.

ESCAPARATE

(De 18 a 25 de Julho de 1966)

Autores estrangeiros

Título — «A Grande Aventura das Baleias».
Autor — Georges Blond.
Tradutor — Carlos Branco.
Editora — Aster.
Colecção — Aventura e Ciência, 12.
Número de páginas — 220.
Preço — 40$00.

Título — «Conversa Fiada...».
Autor — George Mikes.
Tradutor — Luís Milheiro.
Editora — Notícias.
Colecção — Humor.
Número de páginas — 135.
Preço — 27$00.

Título — «Terras Desbravadas» — 2 vols.
Autor — Mikhail Cholokhov.
Tradutor — Jorge Sampaio.
Editora — Arcádia.
Colecção — Encontro Especial, vol. I, n.º 6 — vol. II, n.º 7.
Número de páginas — Vol. I, 428 — Vol. II — 435.
Preço — 2 vols. 125$00.

UM NOVO MUSEU DE ESCULTURA EM BERLIM

Foi inaugurado em Berlim o novo edifício destinado expressamente ás colecções de escultura que pertencem ao património artístico da antiga capital alemã. Fica assim patente ao público uma das maiores colecções de escultura europeia que desde o início da ultima guerra era guardada em depósitos. No novo edifício, ligado ao edifício antigo em forma de ferradura, podem ser expostas cerca de 900 esculturas (quase 40 por cento do acervo). São poucos os museus nos quais se possa demonstrar tão perfeitamente a evolução da arte ocidental no domínio da escultura. O professor Peter Metz, há muitos anos director da secção de escultura, e o professor Wils Ebert, o arquitecto do novo edifício, criaram, em estreita colaboração, uma arquitectura inferior e uma disposição das salas variável pela utilização de paredes móveis. Um elemento importante para a apresentação de esculturas é, segundo a opinião de Metz, a luz natural, que só deve incidir de lado. Manteve-se a antiga subdivisão da celebre colecção nas secções de arte cristã-bizantina, italiana, italo-espanhola, alemã, holandesa, francesa e inglesa.

A página de Artes e Letras do jornal «Mar Alto»

É coordenada pelo nosso colaborador António Augusto Menano a página de Artes e Letras integrada no novo jornal da Figueira da Foz «Mar Alto», a que se fez aqui referência recente. Na última publicada, além de uma nota de abertura em que se alude ao acolhimento que a página encontrou, citando destacadamente o «Diário de Lisboa», insere Júlio Conrado uma crónica intitulada «A Cidade das Feiras», J. Santos Stockler apresenta «Dois Poemas para Vergílio Ferreira», Arsénio Mota comenta um livro de Somerset Maugham e Augusto Mota evoca Karel Capeck. «Mar Alto» assume assim uma missão apreciável de divulgação cultural.

Ao reler «Emigrantes» e «A Selva»

(Continuação da 1.ª página)

quer tempo; é o tópico da ilusão, eterno quanto o viver dos mortais, que com a mudança do modo de viver julgam alcançar a felicidade; e é, igualmente, o tópico do temor — temor quase sempre inconfessado (isto é, que a ilusão permaneça sempre ilusão) — do qual os homens são vítimas, ao mesmo tempo. A palavra Brasil toma, de facto, naqueles grandes romances de Ferreira de Castro, um valor mágico» em sentido absoluto: o Brasil, enquanto por um lado assume o aspecto de dramático protagonista de uma soma de sofrimentos de homens e de gerações, transfigura-se por outro numa imagem e num mito que se liberta das circunstancias, elevando-se como símbolo daquela ilusão, que a necessidade de felicidade dos homens mantém sempre em vida, delimitando-a simultaneamente com as apertadas cadeias das experiências dolorosas.

E daquele mundo imenso chamado Brasil, centro dos sofrimentos de Ferreira de Castro, homem e escritor, vieram então, nos anos longínquos daqueles romances, novidades que, pela razão de se terem depois consolidado como factos históricos, não perderam o seu valor do momento; pelo contrário, outros adquiriram para acrescentar aos que caracterizavam aqueles romances, e que talvez não tenham aparecido a seu tempo perfeitamente claros, por carência de perspectiva histórica. Foi novidade na literatura portuguesa (e novidade fecunda de consequências) a riqueza lexical derivada do mundo em que os protagonistas dos romances, Manuel da Bouça e Alberto [illegible] e as personagens que os circundam — são obrigados a viver. Uma riqueza lexical que na literatura portuguesa se junta á riqueza lexical clássico-rural própria da tradição narrativa nacional precedente (de Camilo Castelo Branco a Eça de Queiroz, para precisar), pela razão que um mundo novo entra na narrativa. Foi novidade, pelo menos na literatura portuguesa moderna, o facto de o protagonista de «Emigrantes» desaparecer na realidade como pessoa, pelo menos em vários momentos da sua vida atormentada, para erguer-se a símbolo de uma colectividade (pense-se na mortificação de um ser humano durante o transporte no porão do navio, tipo barco negreiro, que a história da emigração de massa da Europa para a América bem conheceu nos anos de passagem entre os séculos XIX e XX). E foi novidade, senão propriamente em sentido absoluto, pelo menos em aspectos certamente determinantes, a intervenção de Ferreira de Castro nos problemas trágicos e urgentes de carácter social, até com aquelas marginais mas significativas referências a episódios fácilmente reconhecíveis da crónica comercial e jornalística do tempo, a qual ganhava vida e se avantajava com a dolorosa inquietação dos pobres diabos atormentados pela miséria e impelidos pela opressiva necessidade material e pelo incoercível estímulo espiritual da fantasia, a quebrar de qualquer maneira o círculo da angustiada vida quotidiana.

Um dos elementos da atracção exercida por Ferreira de Castro é ainda, á distancia de tanto tempo, a sua facilidade em libertar-se da constrição das circunstancias de pessoa, de lugar e de coisa, para revelar-se como escritor não condicionado ao aspecto contingente. O encanto das descrições da floresta virgem (as primeiras, pelo menos com aquele fôlego vastíssimo, na literatura portuguesa moderna); o pasmo e, ao mesmo tempo, o abandono perante a vida da Natureza, naquela imensidade da criação, as auroras, os pôr-de-sol, a vida dos animais; o tema da saudade, adaptado com finíssima sensibilidade psicológica á realidade da alma daquela pobre gente desarraigada por completo do próprio passado, até á saudade da saudade. São páginas de que não se sabe se é mais atraente o modo como é renovado o tópico de um antiquíssimo estado de ánimo, ou se é mais admirável a involuntária analogia com que trazem á mente — á mente de um leitor atento — outras páginas famosas do género, na história das literaturas que ultrapassam o tempo e o espaço (o adeus a Lisboa do emigrante de «Emigrantes» recorda, por exemplo, o «Addio, monti sorgenti dall'acque», da Lucia dos *Promessi Sposi* manzonianos, quando o barco se afasta da sua terra natal).

GIUSEPPE CARLO ROSSI

MUSEU BORDALO PINHEIRO

(Continuação da 1.ª página)

táveis qualidades que ficaram testemunhadas há pouco nesse livro singular, «Memórias do Capitão», personalidade moral de rara estirpe, afirmou assim, mais uma vez, o seu portuguesismo fervoroso e a devoção á terra natal que deixou há largos anos.

Em carta que nos enviou, documentando a história da valiosa obra agora doada ao património nacional, escreve João Sarmento Pimentel: «É sempre bom e agradável ao exilado lembrar-se da terra mater e, quando pode, prestar-lhe aquela profissão que a saudade exige para se aquietar sem protestos». O retrato de Rafael Bordallo Pinheiro por António Carneiro, agora integrado no discreto e simpático Museu do Campo Grande, ficará a documentar esse sentimento de uma nobre personalidade, que continua a alimentar do outro lado do Atlântico um amor sem mácula pela pátria distante.

Em ofício de 13 de Julho corrente o sr. general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, agradeceu a doação, em nome da cidade.

Exposição de Rodin

Coincidindo com a visita do presidente de Gaulle, foi inaugurada em Moscovo uma exposição de arte sob o título «Rodin e o seu tempo». A exposição reuniu 70 esculturas e 40 desenhos de Rodin, que são património dos museus soviéticos, juntamente com obras de Maillol, Pompon, Bourdelle e Despiau.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Está à venda
em várias livrarias do País a medalha comemorativa do cinquentenário literário de Ferreira de Castro
por Vasco da Conceição

VASCO DA CONCEIÇÃO

A medalha comemorativa do cinquentenário da vida literária de Ferreira de Castro, lavrada pelo escultor e medalhista Vasco da Conceição, encontra-se já á venda, pelo preço de 220 escudos, nas principais livrarias de Lisboa e em várias do País. A distribuição dessa obra de arte, de que se deu notícia e reprodução em fotogravura na nossa edição de 19 de Maio passado, está a cargo da editorial Publicações Europa-América (Apartado 8, Mem Martins, ou Rua das Flores, 45, 2.º, em Lisboa, Tel. 3 08 26) á qual podem ser dirigidos directamente quaisquer pedidos de exemplares.

A medalha com que Vasco da Conceição trouxe o seu contributo de artista ás celebrações do cinquentenário de Ferreira de Castro é uma criação de grande beleza em que a figura do escritor e a alegoria a algumas das suas obras primaciais impressionam pela intensa expressividade, a firmeza e elegancia do talhe e a nobreza simbólica da representação. Com ela consagra o escultor Vasco da Conceição o legado artístico que recebeu do extraordinário mestre que foi João da Silva, associando-lhe uma personalidade vigorosa que continua a sua mensagem de medalhista, ao mesmo tempo que a renova no seu específico estilo. Para os coleccionadores de medalhas como para os leitores e admiradores de Ferreira de Castro, neste ano comemorativo, a peça esplêndida criada por Vasco da Conceição ficará como lembrança perene do encontro de um grande artista plástico com um grande escritor.

Ficha artística de Vasco da Conceição

Nasceu no Bombarral em 1914. Frequentou a Escola de Belas-Artes do Porto e concluiu o Curso Superior de Escultura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Tem exposto com regularidade nas exposições colectivas da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Geral de Artes Plásticas e Junta de Turismo de Cascais.

Tem a 1.ª, 2.ª e 3.ª medalhas da Sociedade Nacional de Belas-Artes; 1.º e 2.º prémios de Soares dos Reis do S. N. I.; e várias medalhas de prata das exposições da Junta de Turismo do Estoril e Cascais; 1.º prémio de escultura da exposição dos Capuchos-Almada.

Fez parte da representação nacional da II Bienal de S. Paulo.

Teve a Medalha de Ouro em Escultura na representação portuguesa da Exposição Internacional de Bruxelas.

Está representado no Museu Nacional de Arte Contemporanea e em vários outros museus da província, colecção da Fundação Gulbenkian e em colecções particulares, nacionais e estrangeiras, nomeadamente nos E. U. da América.

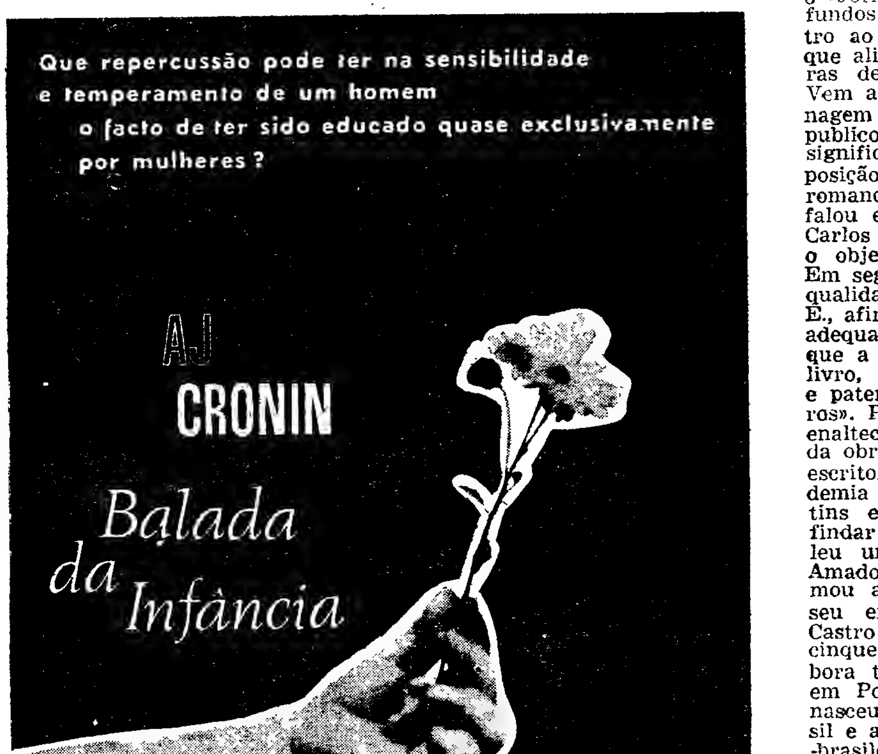
Foram-lhe atribuídos dois primeiros prémios em estátuas para o Ultramar português, mediante concursos publicos.

Obteve vários prémios em concursos de medalha, entre os quais o 1.º da Junta de Turismo de Cascais-Estoril.

Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian em Paris.

Executou vários trabalhos de escultura para edifícios particulares e publicos, nomeadamente Faculdade de Medicina de Coimbra, Cidade Universitária de Lisboa, Camara Municipal de Lisboa, F. N. A. T., Ministério das Obras Publicas, etc.

Executou várias medalhas comemorativas, entre as quais a da Associação Industrial Portuguesa, a de Aquilino Ribeiro, VI Centenário de Gil Vicente, Ferreira de Castro, tendo concluído por escolha da Comissão das Comemorações Henriquinas a do Infante D. Henrique, iniciada por mestre João da Silva, pouco antes do seu falecimento.



A arquitectura e o sentido da história:
As concordâncias e discordâncias dos tempos no nosso decor quotidiano
por JORGE LISTOPAD

É mais que agradável saborear a cassata siciliana (aliás, fabricada industrialmente a mil quilómetros ao norte da Sicília, em Génova), ao pé da igreja de Amalfi, ponto de intercepção da antiquíssima republica amalfina. E idem, ou ainda mais excitante, é beber-ricar um «expresso» feito pelas máquinas aerodinamicas, quando sentados nas modernas cadeiras do café da «piazza», na sombra da Segnoria, com essa mancha branca do David (falso) do Miguel-Angelo (verdadeiro), gravando-se devagar na nossa retina fatigada. E pergunto ainda: porque é tão consolador estar num «drug store», na vizinhança de St. Julian le Pauvre? E porque é que os bancos de três pés, dos sapateiros da segunda-feira, ficam bem num bar ultramoderno da Basileia austera? E porque é que a vizinhança da igreja de St. Germain-des-Prés c o n d i z perfeitamente com o café Lipp (e o contrário) apesar de sete séculos de diferença entre estas duas instituições, por assim dizer, históricas?

Enfim, porque gostamos de misturar móveis modernos com antigos, e porque olhamos com prazer os manequins com mini-vestidos da última moda, encostados languidamente ás velhas muralhas, sem esquecer que admiramos o tecto de Chagall numa casa de outra época (Ópera de Paris)?

Sem dúvida, estamos a criar uma nova estética das coisas e do decor, com os quais vivemos e no qual habitamos. Existimos, de bom grado, numa espécie de «colagens» tão apreciadas pelos surrealistas; e mais, onde podemos, fabricamos, para o nosso bem-estar estético, qualquer coisa como a «pop-art» para uso domiciliário.

Esta m i s t u r a, chamemo-la assim, para efectivamente estabelecer leis estéticas, não pode ser, está claro, arbitrária, embora o caso possa ajudar como importante elemento de surpresa. Mas o que nos interessa hoje, nesta nota despretensiosa, é um outro aspecto: o que, na verdade, significa a osmose que combate a pureza e a serenidade do estilo, da chamada unidade de expressão?

Há também perguntas complexas, não só respostas... Pois, a esta pergunta complexa propomos uma das possíveis soluções, se bem que todas parciais.

É quase banal afirmar que o homem moderno, digamos, a partir do século XIX, está acordado para o problema da história. Ora, visto que estilo é uma expressão da época, tentando exprimir, segundo Spengler, o destino da sociedade particular, nós, misturando os estilos, naturalmente confrontamo-los, vivemos nesse confronto — que é ás vezes contrapontual — habitamos, de certo modo, o espaço da história. Habitamos, vivemos e tentamos compreender. Nós, sendo de hoje e da nossa civilização, pelos vários estilos ou pelos traços deles, estamos a assumir o passado (e, porventura, as outras civilizações). E, no caso de acreditar no sentido da história, retiramos daí, sem dar por isso, talvez muito lucidamente, a nossa lição para o tempo presente e do futuro próximo. Se, pelo contrário, o nosso olhar e a nossa visão espiritual não são capazes de descobrir uma ordem contínua, uma hierarquia, nem de discernir uma evolução, um progresso, pelo menos, misturando os estilos e épocas, estamos a criar uma nova situação estética, de permutas de formas, de variantes de significados: este vão aprazível das variações gratuitas, com uma acuidade desconhecida, seria então capaz de levantar um catálogo do mundo passado e presente. Para esses descrentes, a mistura dos estilos seria testemunhar a aventura incompreensível

(Continua na 3.ª página)

A homenagem
da União Brasileira de Escritores e do «Jornal de Letras» do Rio de Janeiro a Ferreira de Castro

A União Brasileira de Escritores, como em tempo noticiámos, consagrou recentemente Ferreira de Castro em acto publico realizado na Livraria S. José, do Rio de Janeiro. A ultima edição recebida em Portugal do «Jornal de Letras» — o prestigioso mensário de cultura dirigido por Elysio Condé — ocupa uma das suas páginas, por inteiro, com o relato dessa homenagem, que é demonstração calorosa e eloquente da presença perene do autor de «A Selva» no mundo literário do Brasil.

Em abertura da página assinala o «Jornal de Letras» os laços profundos que unem Ferreira de Castro ao Brasil, evocando o tempo que ali viveu e as raízes brasileiras de alguns dos seus livros. Vem a seguir a notícia da homenagem prestada pela União, «acto publico de singela beleza e alta significação». Ao inaugurar a exposição de livros e originais do romancista, na Livraria S. José, falou em nome da casa o editor Carlos Ribeiro, que salientou o objectivo do empreendimento. Em seguida, Peregrino Junior, na qualidade de presidente da U. B. E., afirmou não haver lugar mais adequado para a cerimónia do que a Livraria S. José, «casa do livro, mas também casa cordial e paternal dos escritores brasileiros». Proferiram, então, discursos enaltecedores da personalidade e da obra de Ferreira de Castro os escritores Josué Montello, da Academia Brasileira; Leandro Tocantins e Olavo Dantas. Antes de findar a sessão, Carlos Ribeiro leu uma bela página de Jorge Amado e Peregrino Junior retomou a palavra para recordar o seu encontro com Ferreira de Castro no Pará, há precisamente cinquenta anos, concluindo: «Embora tenha nascido para a vida em Portugal, Ferreira de Castro nasceu para a literatura no Brasil e a sua obra de escritor luso-brasileiro está impregnada da paisagem física e humana do Brasil».

Muitos escritores e considerável massa popular, segundo a informação do «Jornal de Letras», associaram-se á h o m e n a g e m, aplaudindo com vivo interesse os oradores. A página insere, ainda, trechos extensos dos discursos de Josué Montello, sob o título «Uma presença constante», e de Leandro Tocantins, «A Amazonia de Ferreira de Castro».

Suplemento
de Artes e Letras de «Notícias da Amadora»

Na edição de 16 de Julho do jornal «Notícias da Amadora», inclui-se mais uma página de Artes e Letras que consagra a valiosa missão cultural deste Suplemento. Insere a entrevista concedida por Jorge Amado ao «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro, notas críticas sobre livros de Fernando Namora e Antunes da Silva e outras colaborações literárias de interesse.

«Santa Maria Madalena» e «Santa Mulher», doi

«EDUARDO,
— UMA

Regista Luís Reis Santos, na abertura do seu breve estudo introdutório do álbum de reproduções agora publicado pela editora Artis, que o nome de «Eduwart Portugalois» lhe foi revelado por Rombouts e Van Lerius nas relações de artistas inscritos na Corporação de S. Lucas, de Antuérpia, divulgadas na segunda metade do século transacto. Do sugestivo indício representado no nome partiu Reis Santos para uma indagação de indubitável interesse sobre a enigmática personalidade do pintor português, discípulo de Quentin Metsys

1504 e ... referên... em est... arte e ... do Rei... ções fe... portug... hoje ne... ca dest... sua ob... trou ... XVI ch... tos doc... manus... tugal».
Nem ... não de...

BLOCO-NOTAS
IRENE LIS
por BERNARDI

Li há pouco tempo na crónica literária de Gaspar Simões no «Diário de Notícias» que foi reeditado um dos livros de Irene Lisboa, talvez «Um Dia e Outro Dia», ou seria «Apontamentos»? (Quando se escreve num bloco-notas o único repertório é a memória falível e por isso perdoar-me-ão as inexactidões de pormenor.) Fazia notar Gaspar Simões que Irene Lisboa, sendo um dos nossos escritores recentes de maior mérito, tem sido pouco lida. E agora, esta reedição vendeu-se excepcionalmente bem.

Que razões haverá para tal mudança? Uma, vê-se bem que é o crescimento do publico ledor. E neste publico ledor, talvez o do publico ledor feminino em mais rápido ritmo. Também outra razão reconfortante será que o publico ledor melhore de qualidade.

Mas razões haverá quase incoercíveis que governam as preferências das pessoas.

Fazem lembrar os formigamentos humanos que á nossa vista não têm motivo, as carreiras de formigas de que não vemos o princípio nem o fim e que teimosamente se recompõem quando se destroem, até que, sem se saber porquê, sùbitamente desaparecem.

E não só as formigas, ou outros animais sociais têm comportamentos que por vezes se parecem assustadoramente com o das pessoas. Até autómatos, e dos mais simples, evidenciam maneiras de ser já com semelhança humana. Assim descrevia já há anos um curioso francês um grupo de pequenas máquinas com uma luz que upagava e acendia e que se aproximavam ou fugiam uns dos outros consoante «viam» luz ou não.

Mas como estamos já longe de Irene Lisboa! A não ser pelo contraste, que nela tudo era funda-

*mento ... da me... chaman... cânico ... maizin... cientist... com p... bichin... pantar, ... tar, at... tistas e... provas ... zoável ... «amua... as mai...
Aleg... agora ... derão ... convi... te, co... Pois é ... boa, a... me, ... tedora ... que n... guir p... que lh...
Mas, ... nará ... sentir, ... lhor, g...
Lem... com q... lhe e... onde ... elas l... das, a... do po...
Eu ... ne Lis... convi... qualq... seand... ferind... convi... será ... penos... sua v... onde ... desgr... ria.*

» e «Santa M ulher», dois quadros de Eduardo, o Po rtuguês, que se encontram no Museu de Berlim

ARDO, O PORTUGUÊS»

—UMA NOTÁVEL EDIÇÃO DE HISTÓRIA DA ARTE

Santos, na... estudo in... de reprodu... pela editora... e «Eduwart... evelado por... us nas rela... itos na Cor... de Antuér... egunda me... acto. Do su... esentado no... Santos para... dubitável in... nática perso... português,... Metsys...

1504 e «vrymeester» em 1508. Há referências diversas ao artista, em estudos de historiadores de arte e publicistas, mas — segundo Reis Santos — «as investigações feitas nos arquivos belgas e portugueses não forneceram até hoje nenhum esclarecimento acerca deste artista, da sua vida e da sua obra. Nem sequer se encontrou qualquer pintor do século XVI chamado Eduardo nos muitos documentos da especialidade, manuscritos, descobertos em Portugal».

Nem por este mistério — que não deu ainda motivo, como no caso de Nuno Gonçalves, a aventurosas suposições e ilusórias «certezas» — deixa de apresentar interese o problema de Eduardo, o Português, na pintura do século XVI, sobretudo quando enquadrado no panorama mais vasto das influências flamengas na arte portuguesa daquele século, como o faz Reis Santos no trabalho agora dado á estampa pela *Artis*. O tema é analisado com a vivacidade, o conhecimento longo e a inteligência interpretativa que caracterizam a obra do investigador da nossa história artística. E, como afirma, «apenas baseado em conclusões sugeridas pela crítica de estilo, encaro presentemente a personalidade de Eduwart Portugalois e a sua evolução sob três aspectos distintos, a saber: o discípulo, colaborador oficinal de Quentin Metsys; o copista de algumas composições do Mestre; e o artista independente, criador de obras originais».

Sob esse critério cita Luís Reis Santos os painéis que considera mais representativos da obra do artista, concluindo que, «em toda a obra do presumível Eduardo Português, a coexistência de aspectos diversos, de execução e visualidade, imaginação e disciplina oficinal, se afirma uma das constantes da arte portuguesa, tanto de espiritualidade como de sensibilidade». O leitor e observador interessado pode julgar da justeza do critério de Reis Santos através das três dezenas de reproduções, a preto e a cor, que preenchem o esplêndido álbum agora apresentado pela editora *Artis*. É mais um serviço valioso que esta editorial vem prestar á história da arte portuguesa, ou a Portugal referida, divulgando pela mão de um estudioso de grande nível, como é Luís Reis Santos, esta colectânea de sugestivas criações.

NOTAS

NE LISBOA

r BERNARDINO MACHADO

o na crónica... Simões no... que foi reedi... de Irene Lis... e Outro Dia»,... tos»? (Quan... bloco-notas o... memória fa... doar-me-ão as... menor.) Fazia... es que Irene... os nossos es... maior mérito,... E agora, esta... excepcional...

para tal mu... bem que é o... blico leitor. E... talvez o do... ino em mais... m outra razão... que o publico... ualidade.... quase incoer... n as preferên...

s formigamen... nossa vista n... reiras de jo... emos o princ... e teimosamen... quando se des... se saber por... esaparecem.... igas, ou outros... comportamen... se parecem as... m o das pes... os, e dos mais... n maneiras de... hança humana... á há anos um... grupo de pe... m uma luz qu... e que se apr... m uns dos o... ms» luz ou não.... os já longe de... ão ser pelo con... udo era funda...

mento reflectido ou sentido e nada mecânico. Se é que podemos chamar assim levianamente mecânico ao comportamento dos animaizinhos. Pois não relataram cientistas americanos experiências com planárias em que faziam os bichinhos fazer habilidades de espantar, em animal tão rudimentar, até que, persistindo os cientistas em apoquentá-las com novas provas para além do que seria razoável (para uma planária) elas «amuavam» e já não faziam nem as mais simples «performances»?

Alegra-me que Irene Lisboa seja agora mais lida. Muitos outros poderão assim conviver, como eu convivi em certa época já distante, com uma grande educadora. Pois é bom lembrar que Irene Lisboa, a pessoa que usou esse nome, começou uma carreira prometedora como pedagoga. Carreira que não pôde infelizmente prosseguir por circunstancias externas que lhe foram impostas.

Mas, com os seus escritos ensinará muita gente, sendo lida, a sentir, ver e criar um mundo melhor, gerado por este.

Lembro o minucioso cuidado com que ela revia as provas que lhe enviavam do «Sol Nascente», onde publicou algumas coisas. E elas lá foram saindo, bem acabadas, apesar do viver atormentado do pobre jornal.

Eu quase poderia dizer de Irene Lisboa que — em dada época — convivi mais com ela que com qualquer outra pessoa, parafraseando o que dizia André Gide referindo-se a Chopin. Se outros conviverem com ela, nem tudo será perdido. Assim pelos mais penosos caminhos vai vivendo a sua vida a arte que alguém criou, onde nos maravilhamos como da desgraça faz êxito, sucesso, vitória.

ACTUALIDADES DO MUNDO LITERÁRIO

● Longe da Andaluzia natal há trinta anos, dos quais vinte e quatro vividos na América do Sul, agora instalado em Roma no bairro popular de Trastevere, o grande poeta Rafael Alberti foi há pouco a Paris para autografar a primeira edição completa da sua poesia, datada de 1931 a 1965. A obra saiu em espanhol sob o título «El Poeta en la Calle». Na entrevista que concedeu em Paris por essa ocasião afirmou Rafael Alberti: «Pus neste livro todo o sangue da poesia da minha época: amor, guerra, paz. Não é o livro de um poeta «engagé» e não gosto desse termo... Não gosto dos aspectos sistemáticos do surrealismo. Sou um poeta clássico e mediterrânico, sempre em busca da luz. E nós vivemos numa época trágica, entre a sombra e a luz». A terminar, quando lhe perguntaram se a poesia está em vias de extinguir-se, Alberti rematou: «Só imbecis acreditarão nisso».

● A editorial Martins, que está a publicar as obras de Jorge Amado, tem apresentado sucessivamente edições ilustradas de todos os livros do escritor. O primeiro que escreveu, «O País do Carnaval», foi ilustrado por Darcy Penteado; «Cacau», por Santa Rosa; «Jubiabá», por Carybé; «Seara Vermelha», por Seliar; «Os Subterrâneos da Liberdade», por Renina Katz; «Gabriela, Cravo e Canela», por Di Cavalcanti. O romance «Dona Flor e seus Dois Maridos», que foi há pouco posto á venda, é ilustrado por Floriano Teixeira, que soube encontrar expressão animada e sugestiva para o picaresco popular dessa nova e extraordinária criação de Jorge Amado.

● A poetisa e contista alemã Ingeborg Bachmann tem percorrido várias cidades do seu país fazendo a leitura pública de trechos do seu romance inédito «Todesarten» (Mortes diferentes). A autora declarou que o seu romance gira em torno dos «vírus do crime». Se bem que a época em que o crime passou a ser uma instituição já tenha passado há alguns anos, os vírus do crime ameaçariam a nossa época defendida pela justiça. Na medida em que a acção pode ser inferida pelo conteúdo do capítulo final, lido pela autora, Franziska Jordan, a figura principal do romance, ainda nas garras dos sofrimentos pelos quais passou, está em viagem pelo Egipto e atravessa o deserto. Estabelecendo um contraste com a desumanidade da civilização, a autora recorre aos horrores do deserto e ás pragas do Egipto, ás epidemias e ao mundo obscuro dos rituais, ao calor impiedoso do sol, ás carcaças de animais na areia do deserto. A estrutura do romance é determinada por um modo de contar que vai da reflexão até á visão estática.

● As edições do «Mercure de France» continuam a assinalar uma das expressões mais fascinantes da cultura e da literatura francesas. Depois de publicar as obras de crítica de Rémy de Gourmont, a «Correspondance Générale» de Villiers de l'Isle Adam, «Les Oeuvres et les Hommes» de Barbey d'Aurevilly, a editora acaba de apresentar as Obras Completas de Léon Bloy, em 15 volumes. Um ensaio conciso e claro de Jacques Petit apresenta a obra do autor de «Le Pélerin de l'Absolu», caracterizada segundo a opinião insuspeita de Pierre-Henri Simon pelo «paroxismo passional numa onda de imagens e de conceitos muitas vezes abstrusos». A força espiritual e o poder apologético de Léon Bloy baseiam-se, segundo o crítico, na violência da sua fé religiosa e nessa espécie de lógica bárbara que o leva a aceitar tudo — até as fogueiras da Inquisição.

● Com certo espanto se verificará que a fascinação do positivismo comteano ainda persiste no Brasil, nesta segunda metade do século XX. Assim se verifica no novo livro de Ivan Lins, «Perspectivas de Augusto Comte», onde são ventiladas a teoria do conhecimento, a lei dos três estados, a escala enciclopédica, as hipóteses científicas, a abstracção teóricas, as geometrias não euclidianas, a relatividade dos conhecimentos humanos, a filosofia da história, a fundação da sociologia, a psicologia, a economia política, em fiel glosa do pensamento positivista. A propósito deste livro escreve Paulo Filho: Ivan Lins repensa, com independência, a obra de Comte, robustecendo-a com a sua dialéctica e iluminando-a com a sua vasta e segura cultura. Como notava Roquette Pinto, «o seu surto, como escritor, é um prémio do humanismo sistematizado e renovado pela influência de Augusto Comte».

● «Présence Africaine» publicou uma nova antologia da poesia negra, com prefácio do escritor da Guiana francesa Léon Gontran Damas. O poeta da Martinica, de grande projecção em França, Aimé Cesaire, escreve numa apresentação breve da obra: «Os temas mudam, os meios variam, a marca francesa ou inglesa é mais sensível em alguns autores e atenua-se em outros, de tendência mais tradicionalista. E tudo isso está certo. A evolução e a diversidade só atestam uma coisa: que a negritude se alarga e se renova. Que a negritude continua». A par de autores consagrados, como o congolês Utamsi, que obteve o primeiro prémio de poesia no festival de Wakar, ou do dahomense Paulien Joachim, surgem na antologia escritores jovens como Francis Bebey, Charles Nokan, Roger Assouan, Pierre Bambote, Oumar Ba, etc.

● Segundo António Olinto, que regressou ao Brasil depois de fazer um curso na Universidade de Columbia, o grande nome da literatura norte-americana no momento é Henri Miller, de quem vêm saindo edições sucessivas. As novas gerações receberam muita influência de Miller, se não do ponto de vista técnico e conceptual, pelo menos porque se libertaram de muito preconceito depois que as cutiladas millerianas saíram sobre o convencionalismo dos Estados Unidos. Mais recentemente, Salinger, autor de «Catcher in the Rye», é dos mais respeitados, principalmente por haver Faulkner, antes de morrer, a ele aludido como o autor que conseguiu realizar alguma coisa do que ele, Faulkner, pretendera. Jack Kerouac, Saul Bellow, Ralph Ellison e James Baldwin concentram a atenção de outros sectores da literatura norte-americana.

● A cooperação cultural entre a França e Israel teve em Junho passado uma jornada que deixou longo eco com a visita a Tel-Aviv dos escritores franceses Armand Lanoux e Hervé Bazin, representando a corrente do realismo psicológico, e de Michel Butor, como expoente do «nouveau roman». Em conferências e debates que tiveram a participação de numerosos escritores jovens israelianos, os visitantes assinalaram caminhos novos e antigos da literatura francesa e sugeriram perspectivas de irradiação mais ampla á literatura de Israel. A Associação dos Escritores deste país foi a promotora da visita, no âmbito de um acordo cultural oficiosamente patrocinado entre os dois países.

● Quando Gerhart Hauptmann foi distinguido, em 1912, com o o Prémio Nobel de Literatura, a sua arte dramática já alcançara consagração internacional. Na nova edição de dez volumes das Obras Completas de Gerhart Hauptmann publicaram-se agora, nos volumes II e III, os dramas completos (Editora Propyläen, Berlim). A edição, motivada pelo centenário do nascimento do poeta e escritor, está ao cuidado do prof. Hans Egon Hass, da Universidade Livre de Berlim. O filho do dramaturgo, dr. Benvenuto Haptmann, pôs pela primeira vez á disposição para esta edição o acervo do Arquivo Gerhart Hauptmann, em Ronco, junto ao lago Maggiore (Itália).

EDITORA ULISSEIA
PORTUGÁLIA EDITORA

têm a honra de anunciar a realização de uma sessão de autógrafos
na LIVRARIA SÁ DA COSTA Editora
Rua Garrett, 100 — Lisboa
dia 29, a partir das 18 horas,
com o célebre escritor Inglês AJ CRONIN

AJ CRONIN

PEQUENO MAGAZINE

ANEDOTAS

● — Tenho um carro estupendo. Imagina que faz Lisboa-Funchal em doze horas.

— Lisboa-Funchal? Então e o mar?

— O mar? Ah... Por isso! Bem dizia eu que o limpa-pára-brisas estava estragado...

★

■ **Num manicómio.**

— Cuidado com esse bloco de cimento!

— Ora essa, ainda não o vi mexer...

— Pois sim, mas está armado.

★

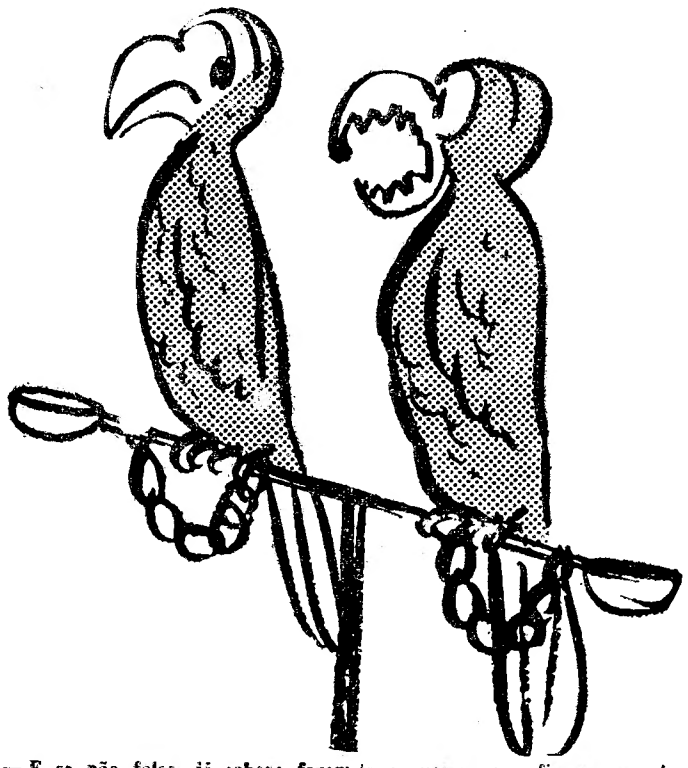
■ O meio de comunicação mais rápido não é o telefone, nem o pombo-correio, nem o satélite «Early Bird». É muito simplesmente a sua vizinha do lado, que não perde pitada do que se passa aí em casa.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Julho de 1936 publicava:

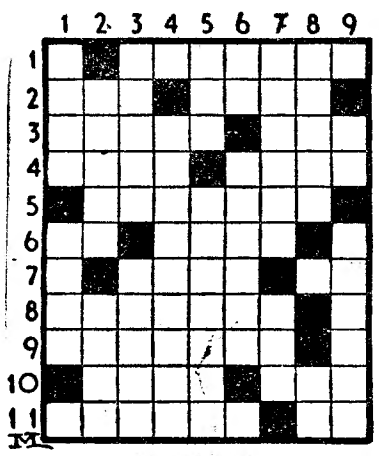
«LONDRES, 28. — Atribui-se a pura coincidência, sem qualquer outra razão, a anulação sucessiva dos planos de férias em França do rei Eduardo VIII e do primeiro-ministro Baldwin, com intervalo de poucas horas.

«Conforme já se noticiou, a decisão do rei foi motivada pelo desejo de não aumentar a responsabilidade e os cuidados das autoridades francesas no momento em que a guerra civil espanhola exige todas as suas atenções e quando toda a gente passa a fronteira, vinda de Espanha, sem facilidade de fiscalização».



— E se não falas, já sabes: fazem-te o mesmo que fizeram a mim, põem-te a abrir latas...

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 4176

HORIZONTAIS: 1 — Linha formada por uma série de cumes. 2 — Capa de contraria. Em que lugar. 3 — Planta brassicácea hortense, de raiz (tubérculo) comestível (pl.). Víscera. 4 — Rezem. Prefixo que designa seis. 5 — Acarinhada. 6 — Freauentar. Parte do templo destinado aos fiéis. 7 — Significa. Existe. 8 — Arremessara. 9 — Saracoteiam. 10 — Estado da América doNorte que tem Colombo por capital. Flanco. 11 — Encorpado. Atmosfera.

VERTICAIS: 1 — Macambúzio. Levantam. 2 — Sustar. Proporção em que entram os elementos de um composto químico. 3 — Têm lugar. Sumo de uvas. 4 — Abominareis. 5 — Pedras de moinho. Naturais da Malásia. 6 — Prefixo de negação. Alcançará. 7 — Intencionalmente Patroa. 8 — Consente. Além. 9 — Nociva. Dançar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4175

HORIZONTAIS: 1 — Vasco. Era. 2 — Evertam. 3 — Relias. NO. 4 — Diva. Sjor. 5 — Ara. Tinta. 6 — Dó. VINHO. 7 — Povoará. 8 — Rate. Ir. 9 — ESTÁ. Atam. 10 — Árabe. A. 11 — Salamim.

VERTICAIS: 1 — VERDADE. Eis. 2 — Aveiro. Rs. 3 — Selva. Patas. 4 — Cria. Votara. 5 — Ota. Tive. Al. 6 — Assino. Aba. 7 — Em. Unha. Tem. 8 — Notória. 9 — Afora. Amam.

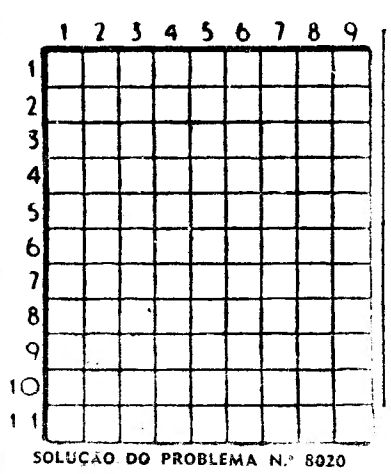
(Provérbio: NO VINHO ESTÁ A VERDADE)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8021

HORIZONTAIS: 1 — Um dos pontos cardeais. Tosta. 2 — Vila e concelho do distrito de Aveiro. 3 — Abreviatura de item. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. 4 — Fruto da nogueira. Pêlo de certos animais. Em partes iguais. 5 — Querida. Vantagem. 6 — Cincho. Botequim. 7 — Pedra de altar. Remediei. 8 — Em a. Rio afluente do Mansoa. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. 9 — Juízo. Preposição e artigo definido (inv.). 10 — Peixe da ria de Aveiro. 11 — Harmonizo. Empunhei.

VERTICAIS: 1 — Esperteza. Que tem muitos anos. 2 — Conquistara. Artigo definido (ant.). 3 — Artigo indefinido. Forma antiga de Sara (deserto). Prefixo que designa três. 4 — Nome de um planeta. Compaixão. Passeio. 5 — Armadilha para pássaros. Indolência. 6 — Negra. Símbolo químico do bário. Base aérea portuguesa. 7 — Ecoo. Manchas da pele. Pertences. 8 — Abreviatura de Santíssimo. Ornato. 9 — Irmão de Moisés. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8020

HORIZONTAIS: 1 — Topa. Rela. 2 — Palmela. 3 — Siara. 4 — Um. Ota. Be. 5 — Noz. Faz. 6 — Adão. Bica. 7 — Ar. Aço. 8 — Arola. 9 — Or. Asa. Er. 10 — Luar. Doca. 11 — Aida. Aral.

VERTICAIS: 1 — Runa. Bola. 2 — Op. Moda. Rui. 3 — Pás. Zara. Ad. 4 — Alio. Oirera. 5 — Mata. Os. 6 — Rera. Balaia. 7 — Ela. Fica. Or. 8 — Lã. Baco. Eça. 9 — Reza. Oral.

HOSPITAIS E DOENTES

Há na Alemanha 3700 estabelecimentos hospitalares, com cerca de 620 000 camas, o que corresponde a umas cem para cada 10 000 habitantes. É uma situação que as estatísticas apontam mais vantajosa em relação a vários países, excluindo poucos, entre os quais a Suécia, por exemplo.

Desde 1950, foram criadas possibilidades para mais 150 000 camas nos hospitais da Alemanha (montante total de 50 biliões de marcos e 400 000 empregados), cujo movimento anual chega a atingir quase 6 biliões de marcos.

EFEMÉRIDES

Julho

● 1833 — Dia 28 — *Desembarque de D. Pedro IV em Lisboa.*

● 1874 — *Morre o poeta e jornalista Guilherme Braga.*

CURIOSIDADES

● Revelação de mistérios da vida

Mercê de investigações e estudos profundos, possibilitados pelos meios actuais de pesquisa científica, os biólogos podem esclarecer um dos mistérios da vida, através do segredo dos cromossomas.

Revelaram os cientistas que, para o desenvolvimento de uma criança, são precisos dois cromossomas; aqueles com os quais a mulher contribui para isso pertencem ao grupo X; os que o homem fornece ou são do grupo X ou do grupo Y. Quando se encontram dois cromossomas do grupo X, não nasce uma rapariga, mas da mistura do grupo X com o Y resulta um rapaz. Está provado, também, que os cromossomas masculinos Y não possuem grande número de qualidades mais importantes que os cromossomas X contêm.

Na investigação do tema actual da partenogénese verificaram os investigadores que o desenvolvimento de um ser vivo sem o auxílio de um homem apenas pode ter como resultado uma rapariga — uma vez que resulta apenas do cromossoma X.

● Trágicos caprichos do destino

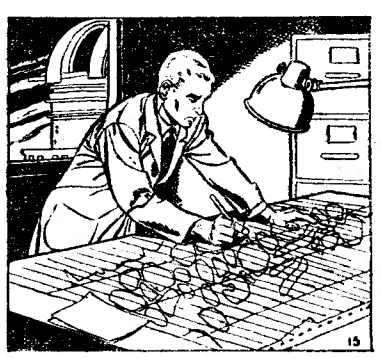
O norte-americano Robinson Parker acabava de sair da prisão, depois de cumprir a pena de dois anos de cativeiro.

Regressava a casa, mas era de noite e foi abatido a tiro. Tomando-o por um ladrão, seu próprio filho alvejara-o com uma bala certeira.

FACTOS REAIS — O PLANETA MARTE

13 — *Marte é um planeta estranho. Em ambos os hemisférios se constatou que, em cada Primavera, enquanto a calote polar se retrai, uma zona escura parte do pólo e avança até ao equador á espantosa velocidade de 45 quilómetros por dia. Dir-se-ia que uma espécie de água, escorrendo do pólo, desce através de todo o planeta com a mensagem da Primavera. E' como se existisse um imenso sistema de irrigação por meio do qual, a cada Primavera, os Marcianos fertilizariam os seus desertos.*

14 — *Há quem aproxime este fenómeno de um outro muito falado, o dos hipotéticos «canais» de Marte. Na realidade estes «canais» não passam de «canalli», palavra italiana que quer dizer «rodado», «lista». Foi de facto um italiano quem os descobriu. Chamava-se Giovanni Schiapparelli e era um astrónomo notável. Com 27 anos de idade foi nomeado director do Observatório de Brera (Milão). A partir de 1877 dedicou os seus trabalhos ao planeta Marte. Se bem que miope, Schiapparelli tinha grande acuidade visual e descobriu á superfície do planeta vermelho estas linhas ténues, situadas no limite da percepção, que apareciam com intermitências e iriam exercer no mundo uma fascinação tão acentuada.*

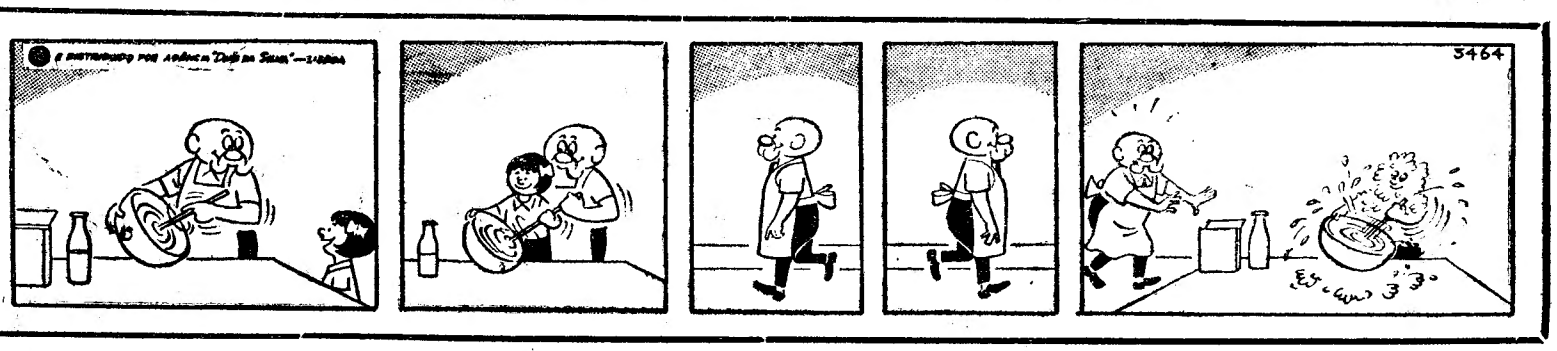


15 — *O mundo habituou-se á palavra e mais ainda á idéia de haver «canais» em Marte. As tais linhas pareciam ter uma largura e uma intensidade uniformes. Dir-se-iam traçadas com precisão geométrica. Faziam pensar irresistivelmente, aos olhos do profano, em construções humanas. Assim opinou o americano Lowell, que lhes consagrou a vida e descobriu centenas delas.*

16 — *Mas o entusiasmo pelos «canais» estava longe de ser geral. A controvérsia estalou. Certos astrónomos descreviam os «canais» com grande luxo de pormenor. Outros, que haviam efectuado centenas de observações do planeta, diziam pura e simplesmente nada terem visto. Sabe-se perfeitamente que o olho humano, quando pretende distinguir os pormenores de um objecto que vê mal, tem tendência para juntar por traços os pontos que localiza. Muita gente atribui os «canais» de Marte a esta ilusão. Fotografias recentes confirmam, porém, a existência dos traços entrevistos por Schiapparelli, mas sob variados aspectos. Actualmente os astrónomos parecem de acordo para dizer que os «canais» de Marte têm, na realidade, um aspecto de zonas escuras sujeitas a importantes variações. De facto existem á superfície de Marte alguns traços com a configuração de estrias, mas a maioria dos astrónomos nega a existência de um traçado geométrico. Segundo as últimas hipóteses adiantadas, os «canais» de Marte poderiam ser veios de água em processo de seca.*

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



«A SÓSIA»

por CHRISTOPHE BONHEUR

RESUMO — Janine Muller, que se parece de maneira flagrante com a actriz de cinema Charlotte Duval, trabalha como sósia desta. A certa altura aceita sair com um admirador da vedeta, um tal Jacques Chapelain, e faz-se passar por Charlotte.

13 — Jacques obedece sem nada dizer. Leva-a a casa no seu carro. Janine pede-lhe que a deixe perto da Praça da *Étoile*. «Compreendo», comenta o engenheiro. Mas na hora da despedida Janine hesita. Sente-se invadida pelo pânico. A sua vida medíocre vai recomeçar... Uma vida estupida, sem esperança, em que toda a utilidade se resume a ser parecida com outra mulher. Terá sempre estes restos que sobram da mesa alheia? Não! E se falasse... Se contasse agora a verdade? Seria preferível a esta mentira sem esperança. «Charlotte!», diz Jacques, aflito com o silêncio de Janine. Olha-a enlevado. «Charlotte..». Janine sorri. Não, não dirá nada. Deixar-lhe-á um sonho incólume: uma noite fabulosa com uma vedeta célebre. Porque Jacques ama apenas a imagem, o mito de Charlotte. «Pronto», diz Janine, «tenho de me ir embora». Desce do carro e diz adeus ao engenheiro. Este afasta os olhos, emocionado, e arranca velozmente.

14 — «Obrigado, pequena. Terminado!». Craford mandou embora Janine, que acabava de rodar uma longa cena muda durante a qual se deveria ver a vedeta de costas. Charlotte, atacada de gripe, descansava no camarim. Janine resolveu regressar a casa. Tinha pressa de estar sózinha com os seus pensamentos. «Monnier, chame a Charlotte, se faz favor!), gritou Craford. «É a vez dela». O ajudante correu ao camarim da actriz. Subiu á pressa a escada estreita que dava para o primeiro andar. Neste momento ouviu-se um grito lancinante. Pálida, Conchita apareceu ao fundo do edifício. «A senhora... A senhora...». Não conseguia dizer mais nada. De um salto Janine e Monnier precipitaram-se para o camarim. Charlotte estava por terra, como um manequim destroçado, a cabeça sobre o banco do penteador. O pescoço apresentava equimoses roxas.

15 — Tentaram reanimá-la. Nada a fazer. Tinha sido estrangulada. Boquiaberta, Janine sentou-se numa cadeira. Incapaz de alinhar duas ideias seguidas, assistiu em silêncio á invasão do camarim. O estudio parecia um vespeiro. Gente a entrar aos empurrões, rostos pálidos, vozes: «Telefonem ao marido!... Que horror! Quem teria sido?». O papagaio, até aí empoleirado e como que sonolento, saltou bruscamente para o braço de Janine, que estremeceu de terror.

16 — A Polícia chegou. Conchita respondia ás perguntas com voz áspera e aguda, uma voz que ninguém lhe conhecia. Sim, deixara a senhora sózinha no camarim, dissera-lhe que queria descansar. Qualquer pessoa poderia ter entrado: a porta estava só no trinco. Outras pessoas foram interrogadas. Toda a gente ocupada, ninguém ouvira o mínimo ruído... Em princípio era necessária uma autorização formal para ter acesso ao estudio, mas o porteiro, embaraçado, confessou haver-se ausentado para beber um copo na tasca da esquina. Janine regressou a casa com uma indescritível sensação de vazio. Deitou-se e adormeceu pesadamente. No dia seguinte lia estas palavras no jornal: «O jovem desconhecido que a Polícia procurava, e que teria, segundo mais de vinte testemunhas, passado a noite anterior ao crime com a vedeta, apresentou-se voluntáriamente na Judiciária, adiando a sua partida para Marselha, de onde embarcaria em direcção ás costas africanas. Afirma Jacques Chapelain que só anteontem conheceu Charlotte Duval, a qual tivera a extrema simpatia de ir jantar com ele. Admirador da actriz, Chapelain teria mantido larga correspondência com Charlotte. Pretende haver regressado directamente ao hotel, após ter deixado a actriz na *Étoile*». O tom irónico do artigo causou má impressão a Janine. «Não acreditam em Jacques...». Solução? Contar a verdade á Polícia. Mesmo que a verdade fosse desagradável para Jacques...

(Continua)

AO ADQUIRIR UM FRIGORÍFICO...

Não se iluda com preços extremamente baixos!

IGNIS

A MARCA DE QUALIDADE

Apresenta **um FRIGORÍFICO** que custa apenas — **DA FAMOSA SÉRIE SPAZIALE 2.990$00**

mas...

QUE POSSUE

- **Capacidade absolutamente garantida de 130 LITROS**
- **Interior em chapa de aço esmaltado**
- **Congelador a toda a largura**
- **Porta integralmente aproveitada**
- **Descongelação automática**

Moderno fecho magnética e ...o novíssimo ISOLAMENTO EM POLIURETANO, que significa mais frio com um consumo mínimo de corrente eléctrica.

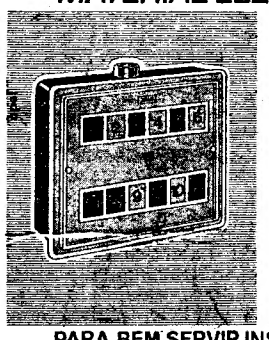
Visite o seu habitual fornecedor de electrodomésticos, compare PONTO POR PONTO com outros frigoríficos... ...e depois resolva!

Distribuidores exclusivos:

SOC. de REP. SIDA-SUECA, LDA

RUA DE S. NICOLAU, 44 - TELEF. 369331 (6 LINHAS) - LISBOA

MATERIAL ELÉCTRICO DE SINALIZAÇÃO



ZEUS

- quadros
- disjuntores
- campainhas
- interruptores
- transformadores

O MAIS USADO EM TODO O PAÍS NAS GRANDES CONSTRUÇÕES, HOTEIS, REPARTIÇÕES PÚBLICAS, HOSPITAIS, PRÉDIOS DE ANDARES, ETC.

PARA BEM SERVIR INSTALE SEMPRE MATERIAL **ZEUS RAPIZZI**

PEÇA CATÁLOGOS E PREÇOS AOS REPRESENTANTES

EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª, L.da

R. Santo António, 137-145 · PORTO · Telfs. 20254/5/6

Em LISBOA: ANTÓNIO BARÓ, L.da - R. Assunção 99 - 2.º D.

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista, a 6 kV, com 173 metros, parte aérea com 158 metros e parte subterrânea com 15 metros, do apoio n.º 31 da linha Laranjeiro-Seixal, ao posto de transformação n.º 4 da Junta Autónoma de Estradas, destinado a alimentar a instalação eléctrica para iluminação do acesso Sul à ponte sobre o Tejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Julho de 1966.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista, a 6 kV, com 140 metros, parte aérea com 125 metros e parte subterrânea com 15 metros, do apoio n.º 44 da linha Laranjeiro-Seixal, ao posto de transformação n.º 3 da Junta Autónoma de Estradas, destinado a alimentar a instalação eléctrica para iluminação do acesso Sul à ponte sobre o Tejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento em 22 de Julho de 1966.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de uma linha mista a 6 kV, com 209 m, parte aérea com 194 m e parte subterrânea com 15 m, do apoio n.º 71 da linha Laranjeiro-Seixal, ao posto de transformação n.º 1 da Junta Autónoma de Estradas, para iluminação dos acessos sul à Ponte sobre o Tejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Julho de 1966.

Pelo Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha mista, a 6 kV, com 177 metros, sendo 162 aéreos e 15 subterrâneos, do apoio n.º 19 da linha Laranjeiro-Seixal, ao posto de transformação n.º 5 da Junta Autónoma de Estradas, destinado a alimentar a instalação eléctrica para iluminação dos acessos Sul à ponte sobre o Tejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Julho de 1966.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

Lote de terreno para construção de um prédio de rendimento no Bairro do Rosário, em Cascais — Avenida Infante D. Henrique

No dia 30 do corrente mês, pelas 15 horas, a CAMARA MUNICIPAL DE CASCAIS procederá á venda, em hasta publica de um lote de terreno, com a área de 280 m2, situado na Avenida Infante D. Henrique, NO BAIRRO DO ROSÁRIO, EM CASCAIS, destinado á construção de um prédio de rendimento com 10 pisos acima do nível daquela avenida.

A construção ocupará a área total do lote e o respectivo projecto será mandado elaborar pelo adquirente do terreno.

As condições de venda e planta de localização encontram-se patentes na Secretaria da Camara Municipal.

Cascais, 14 de Julho de 1966.

O Presidente da Câmara

APRECIAÇÕES CRÍTICAS DE
MÁRIO SACRAMENTO E GASTÃO CRUZ

«AS AVES DA MADRUGADA», contos e novelas de URBANO TAVARES RODRIGUES, 2.ª edição revista, com um estudo de ÓSCAR LOPES (Bertrand)

Se uma obra manifesta uma intenção de realismo, parece-me irrecusável que a crítica deva sondar o seu alcance. Urbano Tavares Rodrigues tem sido um escritor partilhado — como Roger Vailland o fora, noutro contexto — entre os valores estéticos do decadentismo e os valores imaturos do novo humanismo. E se isso confere á sua obra uma presença que é fértil de virtualidades e a situa entre as mais significativas da época que atravessamos, torna inevitável que nos posicionemos também perante ela duma maneira activa, concordante ou discordante, mas jamais neutra.

Os aspectos que me extraviam são os que prolongam o que o autor chamou, no ensaio «O Tema da Morte», *«o cocktail moderno do dandismo e da morte»*. Claro está que o desprazerem-me não me impede de lhes reconhecer validade estética, quando a têm. Não estou a impugná-los, portanto. Mas a reconhecê-los, pois não creio que os valores duma obra possam medir-se por uma escala que lhe é suposta interna, mas pelas incidências que têm sobre nós, leitores e críticos.

Radica nesse dandismo o pendor por uma temática do insólito que por vezes autodestrói a intenção realista e conduz a uma ambiguidade existencial. As cinco narrativas deste volume organizam-se, de facto, não em torno de problemas, mas de anedotas vivenciais. Os problemas estão lá, sem duvida, mas desfigurados pelo insólito das situações preferidas. Assim, por exemplo, é evidente que «Margem Esquerda» conduz involuntariamente o leitor a uma opção antipopular. E, todavia, a lógica interna do conto é irrecusável, se lhe aceitarmos as premissas: as de que o atropelamento acidental dum mendigo cego pode desencader um movimento colectivo, organizado, de vindicta também cega. Note-se que as digo para mim falsas em sua generalidade, pois o autor não lhes define uma causalidade de excepção que singularize em tal sentido o curso endémico do desemprego alentejano.

A primeira edição deste livro é de 1959. As minhas objecções temáticas devem ser reportadas, por conseguinte, a essa fase da carreira literária de Urbano Tavares Rodrigues. E só as acentuo porque o prefácio de Óscar Lopes — intitulado «Pequeno Ensaio de Compreensão Estrutural» —, sendo um mimo de finura e de nuance, como é hábito, representa também um enorme risco, em meu sentir — e a amizade e a admiração que tenho por ambos sair-me-ia tortuosa se o não dissesse com o terra a terra de que tenho usado aqui. Creio, de facto, que a crítica tanto peca quando assume

URBANO TAVARES RODRIGUES

posições normativas como quando se demite, isto é, se coíbe de divergir no que é essencial. As contradições do mundo em que vivemos, abrangendo toda a gama da consciência humana, fazem que a temática de muitos escritores conflitue com as suas intenções mais expressas. Acho que isso é ainda uma maneira de se exprimirem — de a exprimirem. Mas não aceito que, a pretexto de respeitar a liberdade criadora (que ninguém põe em causa), se limite a crítica á análise interna da obra, pois é isso recusar que a crítica seja literatura também. E ela sempre o foi e sempre o será! Boa ou má literatura, mas literatura. Quantifiquem-na, cientifiquem-na, estruturalizem-na. De tudo isso a crítica retirará o seu bem, pois tudo isso é atributivo dela. Mas não será ela. Reparem só na contradição em que caem os que hoje estão defendendo a crítica como somatório de ciências quando incidentalmente dizem que algumas das mais notáveis realizações da crítica se devem aos próprios criadores literários. Ninguém poderá negar que uma filosofia, uma experiência humana nos tornam diferentemente permeáveis á obra literária. No dia em que dois críticos estiverem de acordo em tudo, o mundo estará para acabar! Ora isso só pode significar que a crítica é, também, empenhamento pessoal de cada um de nós. Literatura, portanto. No dosear o *também* é que está o busilis. Não em suprimi-lo.

Nada tenho assim contra o estruturalismo senão na medida em instintiva. E funciona assim como própria crítica, e não a ser um afluente dela. Aliás, penso que a palavra se limita a substituir outras que já usáramos, sem que lhes acrescente nada. Ou, como diz Kroeber: «A noção de estrutura, provavelmente, não é mais do que uma concessão á moda. Tudo o que não seja amorfo possui uma estrutura. O termo não enriquece portanto o que já temos em mente quando o usamos». (Cit. Roger Bastide, «Usi e Significati del Termine Struttura») Mas vejo nele um perigo, pelo menos: o de nos aferrolharmos no interior do objecto estético e, idealizando como realidade em si a identificação dos valores existenciais com os valores estéticos, tudo justificarmos em termos de estrutura, a ponto de ficarmos incapazes de distinguir a obra original da glosa, a criação do pastiche.

Isso me parece importante se considerarmos, por exemplo, o conto que neste volume se intitula «Ave Esventrada». A sua simbologia é o mais possível freudiana. E a sobreposição do desfloramento brutal de Sophie pelo jovem ultra ao esventramento da ave pelo gato, uma analogia arbitrariamente isócrona. Reputo-o, portanto, uma obra menor, das que todos os escritores têm o direito de fazer, evidentemente, pois nunca houve nenhum que só as fizesse primas, mas que a crítica tem de pôr no seu justo lugar. Não tem cabimento discutir aqui em que medida o freudismo será ou não uma falsa ciência. Aliás, a discussão continua em aberto no mundo e a nossa achega seria mais do que nula. Em qualquer caso, ele processa-se como uma interpretação da vida instintiva. E funciona assim como um dicionário de metáforas, de símbolos, de mitos. Daí o seu prestígio literário. Mas daí também — e só isso importa aqui — que fazer literatura usando esse dicionário seja o mesmo que fazer poesia recorrendo ao de rimas.

Sublimar esse conto parece-me, assim, um indício claro dos perigos que o estruturalismo apresenta. E concluir dele que a nossa metamorfose nas coisas não é mais espantosa do que a criação do homem por elas, fazer tábua rasa entre a realidade estética e a realidade vivencial. Porque tudo se reduz a isto: Ou bem que distinguimos esses dois reais ou bem que não. Se o não fazemos, a concepção de existência estética, que já em tempos critiquei em Urbano Tavares Rodrigues, anula a necessidade da arte. Se o fazemos, então temos de reconhecer que uma opção se põe quando o problema seja o da verdade, e que o seu critério gnoseológico só pode ser o da *práxis*. Que terá, então, o espanto a ver com isso?

Se há um problema de autonomia e especificidade da arte é justamente porque os dois reais são distintos. Reportar de um para outro, em termos de simetria, é uma ingenuidade, evidentemente. Mas nem só os maus teóricos do realismo a têm cometido. Quando se fala em *práxis* artística, por exemplo faz-se uma extrapolação de conceitos que busca alienar no real da arte o que se reputa incómodo no real da vida, esquecendo que até as crianças sabem distinguir o seu faz-de-conta. O que não implica que os dois reais sejam estanques. Pelo contrário: há diálogo, há contradição, há conflito até (como estamos vendo!) entre eles. E se pode haver alienação histórica de um para outro (como também já vimos), há graus de alienação estética entre eles, que tanto podem conduzir, no sentido da vida, a concepções gradativas de existência estética, como podem levar, no sentido da arte, a tonalidades de transposição do real vivido no real recriado.

Ora é este o ultimo aspecto, precisamente, que faz da novela «As Aves da Madrugada» (a mais extensa do volume) uma das mais conseguidas, para mim, de Urbano Tavares Rodrigues. O insólito reaparece, sem duvida, na apoplexia que fulmina o holandês durante o coito. Mas não se desgarra. Não cria falsas premissas. Não destrói um real em nome do outro. Conduz o amor e a morte a uma unidade dialéctica de contrários, como penetrantemente o notou Óscar Lopes, mas fá-lo através de uma unidade também dialéctica de «reais» antagónicos *que graduam a alienação estética*, fazendo-a passar, em degraus de pirâmide, de um real para outro. Essa a explicação, na minha leitura, da observação que o prefaciador também fez de que umas vezes é a protagonista da novela quem vê e ouve e, outras, o narrador quem descreve e pensa.

O que pudesse dizer dos dois restantes contos está já implícito no que atrás deixo e não diferiria grandemente do que Óscar Lopes apontou. A concepção do homem como fim de si mesmo, para parafrasear o título dum livro de Moravia, pode ser encarada com minuscula ou com maiuscula, individual ou colectivamente, mas é sempre futurante e criadora. Foi ela que trouxe, da adolescência que um dos contos recorda á experiência transposta que o outro simboliza, o nome e a obra de Urbano Tavares Rodrigues á vanguarda da nossa literatura actual. E é ela que nos aponta, a todos, um caminho de madrugada na própria morte.

MÁRIO SACRAMENTO

«EXEMPLO GERAL» por JOÃO VÁRIO

Cada vez parece mais difícil a criação de um *estilo*, em poesia, se por esta palavra entendermos uma linguagem independente, um caldeamento autónomo das variadas tendências e experiências que interessaram o poeta. E, sobretudo, abundam as falsas originalidades, os expedientes arbitrários, as excentricidades entremeadas com lugares comuns. Por isso, quando nos surge uma tentativa séria de construção de um estilo, por limitada que possa, eventualmente, ser a nossa adesão á obra, de um ponto de vista estritamente pessoal, não podemos deixar de sublinhar, desde logo, a importancia do empreendimento, tanto quanto possível objectivamente considerado.

Não seria preciso que João Vário nos indicasse a extensão do período de elaboração de «Exemplo Geral», 1958-1965, para que nos apercebêssemos do intenso esforço crítico que presidiu a esse trabalho. A leitura do poema bastaria para disso nos convencer.

Eu, de qualquer modo, não esquecera, também, o texto introdutório do caderno «Êxodo», de 1961, assinado exactamente por João Vário: *Publicar poesia, em 1961, em Portugal, não deixa de constituir para aquele que o faz, por circunstâncias a que adiante aludiremos, uma séria inquietação. (...) Que poesia se faz actualmente em Portugal? Reflectirá ela a estrutura e as preocupações gerais da lírica europeia? (...) A poesia portuguesa, salvo raríssimas excepções, foi sempre, desgraçadamente, uma poesia menor, uma poesia de pequeníssima informação cultural, que apenas tem tentado viver do que lhe vem de fora, sem poder acrescentar sequer alguma coisa ou alguém (raramente o fez) ao que recebe e sem tão-pouco, estudar profundamente o que vai importando. Uma arte, pois, de amadores.*

Também não esquecera a versão do Canto Primeiro de «Exemplo Geral», nesse mesmo lugar publicada — e o seu cotejamento com a versão inserta na edição completa do poema, de 1966, é, sem duvida, concludente.

Embora discordando de muitos dos seus pontos de vista (do seu pessimismo em relação á poesia portuguesa, por exemplo), tudo me leva a considerar João Vário um dos profissionais mais conscientes ultimamente estreados na poesia portuguesa.

Falei atrás do intenso esforço crítico que terá acompanhado a laboriosa criação de «Exemplo Geral». E não só não hesito em admitir esse esforço como parte integrante de um acto de criação poética, como entendo que, hoje em dia (há cada vez menos lugar para Junqueiros e Joões de Deus, embora, infelizmente, a sua dinastia não esteja extinta, nem completamente desacreditada...), ele deve ser parte integrante de *qualquer* acto de criação poética, por muito *inspirada* que ela seja.

A estrutura do poema de João Vário, dividido em uma espécie de introdução e três cantos, é fundamentalmente recorrente, isto é, cada canto desenvolve certos motes, utiliza como que *leitmotiv*, que são, por vezes, comuns a todo o poema, e cada um desses desenvolvimentos é, ao mesmo tempo, uma meditação em torno das palavras ou ideias que constituem os referidos motes e motivos condutores.

Este modo de estruturar «Exemplo Geral», segundo uma segurissima técnica de variações, é a primeira garantia da coesão e da coerência internas do poema. Passo a transcrever as estrofes inicial e final do Canto Primeiro, significativas, a este respeito:

Da morte nos ficou esse dom de a pensarmos
Como coisa sua, coisa por que a pensamos
E acaso não a exprime, porque a designamos.
Enquanto instituímos os signos
E nos louvamos nos mortos imortais,
Volve ao seu absoluto o que pensáramos
De tanto nos serem eles alheios
E nos preferirem
Para o que há sido o modo, a qualidade
de uma infinita aparição
Ou o que há de exílio no exemplo que a dissemina.
Decidem a tradição e a carência
A espécie de facilidade que rememoraremos.
Sobretudo, decidem quando devemos morrer
Para pagar
A legitimidade ou o que há sido anomalia.
... ...
E enquanto a realidade é nosso exclusivo utensílio,
A tentação e o relógio recordaremos
Com que do deus ao Outono que o indaga
A morte não é já essa elegia,
Mas ceia para aquele de nós que não morrer
Na cruz, como todo aquele que morre
Porque não morre para testar ou remir
Mas morre porque não é todo o desígnio,
À direita ou à esquerda.
Porque da morte nos ficou esse dom de a pensarmos
Como coisa sua, coisa por que a pensamos
E acaso não a exprime, porque a designamos.

Poema metafísico, quase ostensivamente estribado na tradição Pound-Eliot, de uma linguagem austera, em que as imagens foram quase integralmente substituídas por conceitos, «Exemplo Geral» escassos antecedentes encontra na poesia portuguesa. Jorge de Sena é um dos poucos poetas portugueses actuais de quem poderemos aproximar João Vário, pelo carácter especulativo da poesia de ambos (embora este seja, no fim de contas, muito mais especulativo e abstracto que o autor de «Fidelidade»). Pela temática, João Vário não está longe, algumas vezes, de Ruy Belo ou Herberto Helder. O primeiro verso do Canto Segundo de «Exemplo Geral», *O que guardam os mortos em seus crânios dobrados*, por exemplo, não evocará a «Elegia Múltipla» de «A Colher na Boca»?

GASTÃO CRUZ

A ARQUITECTURA E O SENTIDO DA HISTÓRIA

(Continuação da página central)

do mundo, do espectáculo gratuito, e talvez também belo, da vida.

Quem, do «homo hodiernus», não gosta deste «pop-art» quotidiano, é um académico, um classicista, um estádio. Pode pertencer a um dos dois grupos inimigos, embora ambos possuidos por uma dose de conservatismo e dogmatismo; uns, amigos jurados do passado, sem perspectivas, fechados nas leis sem evolução, nos estilos com definição certa; outros, inimigos jurados do passado, mas de idêntica maneira fechados numa ordem ao sentido único, numa expressão que embora talvez nova, não respeita nada fora das suas leis prescritas, ignora o dinamismo natural do mundo e da espontaneidade ancestral e de sempre do homem. Basta observar a arquitectura, e em geral, a arte oficial nos países representativos deste duplo estilo de vida, deste duplo pensamento oposto: é académica; é pura; é morta.

Confesso, lamentando, que estamos longe da cassata, de St. Julian le Pauvre, da capela matissiana, das camas dentro da parede com bonecos de Rosa Ramalho em cima da estante, da pintura de Mondrian como vizinha da simples pedra do coliseu de Mérida, tudo isso testemunhando o contraditório problema da história e do seu hipotético sentido. A intensidade desse problema que vai «crescendo» desde Hegel, não é apenas um estimulante permanente de nosso pensamento e da nossa criação, mas é igualmente o ponto de partida de alguns fenómenos contemporaneos: um deles, suponho, é a nossa mania de provocar os curiosos encontros de estilos cujo curto-circuito é capaz de forjar as modernas leis estéticas do nosso cenário de todos os dias.

UM PRÉMIO LITERÁRIO PARA UM VULCANÓLOGO

O Prémio Literário Jean Walter, de 10 mil francos (cerca de 60 contos), tem por finalidade consagrar as obras que surgiram á juventude motivos de exaltação criadora e exemplos de energia. A Academia Francesa, que atribui o Prémio, distinguiu neste ano o vulcanólogo Haroun Tazieff, geólogo e engenheiro agrónomo nascido em Varsóvia, que é largamente conhecido por uma obra simultaneamente literária, cinematográfica e científica.